

**Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro**

**Língua mirandesa,  
ou a revitalização de uma língua em vias de desaparecimento**

Dissertação de Mestrado em  
Línguas Estrangeiras Aplicadas,  
variante Comércio e Relações Internacionais

**Mestranda: Margarete Isabel de Almeida Silva**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Olinda Rodrigues Santana**



Vila Real, 2016



**Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro**

**Língua mirandesa,  
ou a revitalização de uma língua em vias de desaparecimento**

Dissertação de Mestrado em  
Línguas Estrangeiras Aplicadas,  
variante Comércio e Relações Internacionais

Mestranda: **Margarete Isabel de Almeida Silva**

Orientadora: **Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Olinda Rodrigues Santana**

Composição do Júri:

Professora Doutora Maria da Felicidade Araújo Morais

Professora Doutora Maria Olinda Rodrigues Santana

Professora Doutora Elisa Maria Oliveira Gomes da Torre

Vila Real, 2016



Eu, Margarete Isabel de Almeida Silva, responsabilizo-me pessoalmente pelas ideias apresentadas na presente Dissertação, no âmbito do Mestrado em Línguas Estrangeiras Aplicadas, variante de Comércio e Relações Internacionais.



*Aos meus Pais*





## **Agradecimentos**

Os afetos, o apoio e a presença de várias pessoas ao longo do processo de pesquisa e elaboração do presente trabalho foram essenciais. Às pessoas mais importantes em toda esta etapa de vida e nestes dois últimos anos quero deixar o meu reconhecido agradecimento.

À minha família, pela compreensão e paciência, pelos dias ausentes e momentos de excessos.

Ao Paulo, pelas conversas que tanto ajudaram a dispersar as minhas dúvidas e incertezas. Pelas palavras de incentivo, pelo ombro amigo e por ser, tantas vezes, o meu pilar emocional.

À minha orientadora, Professora Doutora Olinda Santana, pela disponibilidade, orientação e sugestões.

À coordenadora do curso, Professora Doutora Felicidade Morais, e a todo o corpo docente que me acompanhou nesta caminhada académica.

Ao Dr. Mário Correia, pela generosidade e amabilidade com que me recebeu em terras raianas.

Aos colegas de turma de Mestrado, pelos momentos de convívio e de entreatada.

E ainda a todos que, direta e indiretamente, embarcaram comigo nesta “travessia” e permitiram que este trabalho se cumprisse.

Bem hajam MUITO!



## Resumo

A língua e a cultura mirandesas constituem os pilares do património material e imaterial do Planalto Mirandês tomando esta região, do ponto de vista histórico, linguístico e cultural, como uma oportunidade ímpar de desenvolvimento turístico.

Conscientes de que o turismo é, atualmente, uma das atividades que mais contribui para a sobrevivência de numerosos territórios, acreditamos que a atividade turística tira partido económico dos recursos existentes e constitui um importante fator desincentivador do processo de despovoamento. O turismo constitui, *per se*, uma forma de preservar o património cultural. No trabalho que abordamos, o concelho de Miranda do Douro tem-se vindo a assumir como um território com potencialidades turísticas ao incrementar a oferta turística através de infraestruturas e implementando programas de animação cultural e turística diversificados.

Desta forma, após uma breve apresentação histórica e geográfica da cidade transmontana, pretendemos analisar a importância da língua, da cultura e da etnografia locais propondo, posteriormente, estratégias e propostas que possam promover a região como destino turístico dentro e fora do país. Para o efeito, entendemos fazer uma análise através da recriação de algumas tradições que incentivem a promovam a língua mirandesa por via das suas tradições e memória coletiva, ou seja, na identidade cultural de um povo.

**Palavras-chave:** língua e cultura mirandesas, turismo, património material e imaterial.

## Abstract

The Mirandese language and culture constitutes the pillars of the material and immaterial heritage of the Mirandese Plateau, thus making this region, in a historic, linguistic and cultural point of view, a unique opportunity for tourism development.

Fully aware that tourism is, currently, one of the activities that most contributes to the survival of numerous territories, we believe that the tourist activity takes an economic advantage of the existing resources and constitutes an important discouraging factor of the depopulation process. Tourism is, *per se*, a way of preserving cultural heritage. Within the work we are discussing, the municipality of Miranda do Douro has established itself as a

territory with tourist potential by increasing the tourist offer through infrastructures and implementing, among other activities, diversified cultural and touristic animation programmes.

By doing so, and after a brief historical and geographical presentation of this town of Trás-os-Montes, we intend to analyze the importance of the local language, culture and ethnography, subsequently proposing strategies and proposals in order to promote the region as a tourist destination both inside and outside the country. For the purpose, we perceive an analysis through the recreation of a few traditions that stimulate and promote the Mirandese language by way of its traditions and collective memory, in other words, through the people's cultural identity.

**Keywords:** Mirandese language and culture, tourism, material and immaterial heritage.

# SUMÁRIO

Lista de abreviaturas / xiii

Introdução / 1

Metodologia / 3

Breve enquadramento / 5

Capítulo I / 13

1. Línguas minoritárias / 13

1.1 A Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias e o caso da língua mirandesa / 13

1.2 As línguas minoritárias podem ser salvas? / 15

1.3 Invertendo a perda da língua / 17

2. O Mirandês: uma língua minoritária em Portugal / 18

2.1 Enquadramento geográfico e histórico / 18

2.2 Dados históricos / 19

2.2.1 Domínio linguístico asturo-leonês / 19

2.2.2 Domínio linguístico mirandês / 20

2.3 Do uso falado e escrito à sua legitimação / 23

2.4 Enquanto a *lhéngua* for escrita / 31

2.5 Enquanto a *lhéngua* for cantada / 34

2.6 Anstituto de la Lhéngua Mirandesa / 35

2.7 A toponímia, espelho de memória e de identidade / 35

## Capítulo II / 37

### 1. Entrevista ao Diretor do Centro de Música Tradicional “Sons da Terra”, Dr. Mário Correia / 37

#### 1.1 Transcrição da entrevista a Mário Correia, responsável do Centro de Música Tradicional “Sons da Terra”, com sede em Sendim. / 38

#### 1.2 Análise da entrevista feita ao Dr. Mário Correia / 66

## Capítulo III / 71

### 1. Cultura e Turismo / 71

#### 1.1 Uma abordagem / 71

#### 1.2 A relação cultura / turismo / 72

#### 1.3 Identidade Cultural: a sua relação com o turismo / 73

#### 1.4 O Turismo (cultural) como fator impulsionador de desenvolvimento / 75

#### 1.5 O Turismo Cultural e o segmento do Turismo Literário / 79

#### 1.6 As Rotas Turísticas como estratégia de desenvolvimento territorial / 80

##### 1.6.1 As Rotas Turístico-literárias / 80

##### 1.6.2 A Rota Turística para dinamizar a Terra Fria Transmontana / 82

### 2. Turismo Linguístico, Património Cultural Intangível / 83

### 3. A língua e cultura locais, alavanca de desenvolvimento turístico: propostas de revitalização / 86

#### 3.1 Elementos principais / 86

#### 3.2 Elementos secundários / 86

#### 3.3 Elementos inovadores para a região / 90

3.3.1 Identidade da região / 90

3.3.2 Atividades e empregos / 90

3.4 Marketing e Promoção Turística / 91

Conclusão / 97

Bibliografia / 99

Índice de figuras / 107





## **Lista de abreviaturas**

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (*Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura*)

TAP – Companhia Aérea Portuguesa

CETS – Council of Europe - European Treaty Series

ALCM – Associação de Língua e Cultura Mirandesa

BELMR – Bureau Européen pour les Langues Moins Répandues

CD – Computer drive

DVD – Digital Versatile Disc

CORANE – Associação dos Concelhos da Raia Nordestina

ZASNET – Agrupamento Europeu de Cooperação Territorial

IELT – Instituto de Estudos de Literatura Tradicional

EPAC – Empresa Pública de Abastecimento de Cereais

OMT – Organização Mundial do Turismo

PIB – Produto Interno Bruto

DRCN – Direção Regional de Cultura do Norte

UTI – Universidade da Terceira Idade

Código QR – Código *Quick Response*



## Introdução

A língua é uma componente essencial da cultura da qual faz parte. Com efeito, a língua permite aos locutores comunicar, atribuir palavras às coisas da vida que observam ao longo da sua existência. Partindo duma visão darwinista, e de acordo com as regiões do mundo, existem palavras para animais, plantas e rios que só persistem numa minoria de línguas e que não encontramos nas outras. A perceção do mundo representa a lógica de um povo, a sua forma de ver as coisas, de analisá-las e de as fazer viver. Atribuir uma palavra a algo é caracterizar essa mesma coisa, dar-lhe vida e reconhecer-lhe uma existência própria. Consequentemente, todas as línguas são importantes, pois cada uma delas representa uma visão particular de ver o mundo. São a herança linguística de toda uma tradição cultural secular. Tal como demonstrou André Martinet, cada língua é “uma organização particular dos dados da experiência” (Martinet 1970: 10-12). Ou seja, e segundo o mesmo autor, “o léxico de cada língua representa um recorte específico dos dados do ambiente, tanto físico quanto social e psicológico”. (Martinet 1970: 10-12)

De acordo com a linguística saussuriana, *língua* define-se como um “sistema supra-individual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade” (Saussure 2006: 15), contrapondo-a à *fala* como “ato individual de vontade e inteligência” (Saussure 2006: 15). Entendemos, pela afirmativa do linguista, que fala e língua se fundem e se relacionam pelo que a *fala* se traduz na ocorrência de uma *língua*.

Pelo exposto, convém também lembrar o conceito da UNESCO<sup>1</sup> que estipula que “proteger uma língua, revitalizando-a, é antes de mais proteger um povo e a sua cultura”.

Ao longo dos anos, a ideia defendida por esta instituição sobre a língua influenciou o mundo, bem como a forma de encarar as línguas minoritárias, sendo estas finalmente reconhecidas como importantes a preservar. Foram levados a cabo vários projetos no intuito de salvar as línguas em perigo que, atualmente, somam umas 6.000 segundo Jon Landaburu<sup>2</sup>, e que correm o risco de desaparecer em metade durante este século.

---

<sup>1</sup> <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00120-EN.pdf> (consultado em 6 de dezembro de 2014).

<sup>2</sup> Linguista e reitor do Centro de Estudos das línguas indígenas da América (Celia, CNRS): In *La mondialisation menace la planète Babel* ([http://www.lemonde.fr/planete/article/2005/08/25/la-mondialisation-menace-la-planete-babel\\_682526\\_3244.html](http://www.lemonde.fr/planete/article/2005/08/25/la-mondialisation-menace-la-planete-babel_682526_3244.html)) (consultado em 24 de junho de 2015).

Assim, ao longo deste trabalho, escolhemos interessar-nos por uma língua, cuja principal característica reside na sua oralidade, e que está intimamente ligada ao povo que a pratica. Tentaremos ver em que medida a componente oral é primordial na questão identitária desta língua e deste povo (os mirandeses) e de que forma as tentativas de revitalização e de promoção podem salvar o mirandês.

O objetivo do nosso estudo consiste em perceber por que razão a língua mirandesa está em perigo partindo de uma análise dos meios que a sociedade civil colocou à disposição dos seus falantes para preservar a língua e cultura mirandesas.

A nossa hipótese de trabalho baseia-se na seguinte questão:

- Como revitalizar uma língua em vias de extinção através da promoção de produtos turísticos?

## Metodologia

O presente trabalho estrutura-se fundamentalmente na compreensão da língua e cultura mirandesas como fatores identitários e de interculturalidade de um território: Miranda do Douro. Pretendemos, desta forma, analisar a sua importância como potencial destino turístico único e sustentável. Ao contrário de um turismo de massa, queremos demonstrar que o turismo cultural, aliado ao turismo de afetos, é a aposta inteligente para promover uma zona geográfica do interior e, simultaneamente, revitalizar uma língua minoritária em vias de se perder para sempre.

Acrescentamos, ainda, que na génese deste trabalho estão duas grandes razões, uma pessoal e outra de carácter académico. Pessoal, porque o interesse e a paixão pelas línguas fizeram com que fosse abordado a temática das línguas minoritárias em perigo ou em vias de extinção. Académico, porque importa preservar e revitalizar uma língua através de mecanismos e recursos que a sociedade nos oferece. Apesar de constatarmos que existem estudos interessantes sobre a Terra de Miranda, sobretudo de teor literário, cumpre-nos vislumbrar esta área geográfica enquanto alavanca para a promoção turística e, conseqüentemente, a promoção e maior divulgação da sua *lhéngua*: a língua mirandesa.

A Terra de Miranda, com todas as suas especificidades culturais, etnográficas, geográficas e linguísticas, tem sido objeto de estudo e de várias análises académicas. Carece, no entanto e a nosso ver, de um “olhar” diferente, um “olhar” voltado para a promoção turística da região.

Os objetivos da pesquisa deste projeto apoiam-se numa metodologia mista de investigação, dividida em três eixos metodológicos que se relacionam. O primeiro capítulo é baseado em pesquisas de informação bibliográfica referente ao tema tendo por base uma investigação mista. Neste mesmo capítulo, faremos uma breve descrição das línguas minoritárias em vias de extinção, com especial incidência para a língua mirandesa, circunscrita a uma região geográfica específica. Num segundo capítulo, procuramos aplicar a metodologia da entrevista semiestruturada que permitiu obter informações relevantes para a elaboração do presente projeto. Realizada localmente, na vila de Sendim, em março de 2015, a entrevista foi dirigida ao Dr. Mário Correia, um dos nomes ligados à cultura mirandesa. O objetivo da mesma incide na recolha de informações, dando respostas claras e objetivas às questões relacionadas com o presente trabalho. O terceiro, e último capítulo, recai sobre propostas capazes de projetar e dinamizar a língua mirandesa, tendo como ponto de ancoragem a cultura local e um turismo diferenciador.

É evidente que a presente análise não pode pretender ser definitiva ou até mesmo esgotar o tema. Pretendemos, com este trabalho, focalizar as diferentes perspectivas e estratégias como propostas de encaminhamento do mirandês enquanto língua minoritária. Procuramos que, além do município e das associações culturais e empresas localizadas na região, também os seus falantes, num compromisso de resgatar as suas tradições e a sua língua, assumam a tarefa de criar uma produção cultural mirandesa dentro dos paradigmas da sociedade atual.

Importa ainda referir que o impacto económico advindo da atividade turística, que alia a diversificação e a articulação dos operadores turísticos, no e do território, através da sinergia de parcerias formais e informais, oferece uma multiplicidade de potencialidades que merecem ser exploradas e que poderão tornar o “Planalto Mirandês” num destino turístico por excelência. Acreditamos que uma aposta no turismo e no património local, com base nos pilares abordados ao longo deste trabalho – turismo cultural, turismo afetivo e turismo linguístico -, permitam, quer pela sua qualidade, diferenciação e autenticidade, uma maior projeção do território enquanto destino turístico.

## Breve enquadramento

Não gostaríamos de iniciar este estudo sem primeiro darmos a conhecer a moldura que servirá de suporte a uma tela de palavras e pensamentos que constituirão o desenrolar dum trabalho de pesquisa. Para o efeito, permitam-nos uma pequena viagem introdutória pela região, geograficamente agreste e peculiar, passando pelas suas gentes e tradições, e culminando na sua língua única.

Sim,

Vou falar-lhes dum Reino Maravilhoso. (...) Um mundo! Um nunca acabar de terra grossa, fragosa, bravia, que tanto se levanta a pino num ímpeto de subir ao céu, como se afunda nuns abismos de angústia, não se sabe por que telúrica contrição. Terra-Quente e Terra-Fria. Léguas e léguas de chão raivoso, contorcido, queimado por um sol de fogo ou por um frio de neve. Serras sobrepostas a serras. Montanhas paralelas a montanhas (Torga 1993: 27-30).

## Trás-os-Montes

Numa das suas últimas publicações mensais, a *Revista UP*, da TAP Portugal<sup>3</sup> (Companhia Aérea Portuguesa), dedicou uma edição especial à região de Trás-os-Montes, esse Reino Maravilhoso de Miguel Torga. Com artigos concisos, visualmente atrativos e explicativos, esta edição convida o leitor a iniciar viagem num ponto geograficamente peculiar.

Trás-os-Montes é a região mais a nordeste de Portugal. Foi parte da Galécia do Império Romano (que também era Galiza, Astúrias e Leão) e, antes disso, mundo dos celtiberos, os celtas da Península Ibérica. É atravessado de norte para sul por três rios principais – Tâmega, Tua e Sabor -, eles mesmos itinerários de grande beleza para quem os queira usar como guias naturais. Todos desaguam no Douro, que, decidido, limita Trás-os-Montes a sul e a oriente. Este é um território de grandes montanhas, vales e planaltos, fauna selvagem e gado imponente. As barreiras naturais que amuralham o mundo transmontano fizeram do seu povo uma estirpe resistente aos desafios da terra e dos ares, ora gélidos, ora abafados – do clima dizem ter “nove meses de inverno e três de inferno” -, e ao isolamento (Macdonald 2015: 52). Já não é assim. A mais distante aldeia de Trás-os-Montes está, no máximo, a três horas de

---

<sup>3</sup> <http://www.tapportugal.com> (consultado em 6 de agosto de 2015).

carro da cidade do Porto. Por todas as suas terras desenvolveu-se uma identidade celebrada, hoje mais do que nunca, que vai do reflexo dos mitos pagãos nos rituais festivos ao cultivo da língua mirandesa, a outra língua de Portugal.

### **Terra Fria: universo extremo de Trás-os-Montes**

A Terra Fria, em oposição à Terra Quente, traduz-se no canteiro de excelentes recursos naturais e ressentindo-se durante séculos do abandono que a votou a um ostracismo profundo, mas que lhe sedimentou uma expressiva identidade cultural (Terra Fria)<sup>4</sup>. Contudo, as duras condições de periferia que a fronteira política do país lhe imprimiu no passado auguraram-lhe, hoje, com a diluição de extremas e a livre circulação resultantes de uma Europa mais abrangente, um papel decisivo e preponderante, que procuram o desenvolvimento na cooperação e na complementaridade. Com uma área de 3.598 km<sup>2</sup>, a Terra Fria abraça os concelhos de Bragança, Miranda do Douro, Mogadouro, Vimioso e Vinhais.

É esta a oportunidade da Terra Fria do Nordeste Transmontano que, apesar das adversidades, ou talvez à conta delas, soube conservar uma expressão própria e emergente no panorama nacional, potencialmente valorizada quando se perspetiva a autenticidade, a complementaridade e a parceria.

Ligeiramente mais a oeste no mapa, deparamo-nos com o Planalto Mirandês, ou historicamente conhecido como *Terra de Miranda*, abrangendo geograficamente os concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro e Vimioso e, parcialmente, os concelhos de Freixo-de-Espada-à-Cinta e Moncorvo. Este recanto guarda uma forte identidade cultural e o seu património imaterial é de uma riqueza extraordinária: aí, muito antes da nacionalidade, se fala a outra língua de Portugal, o mirandês, aí se preservou a dança dos pauliteiros e se ouvem os gaiteiros, os tamborileiros e os fraiteiros a executar um fundo musical popular muito próprio, aí mantém ainda raízes uma literatura oral singular e uma série de ritos que vêm já do neolítico, nomeadamente os solsticiais com as suas fogueiras, os caretos, chocalheiros, farandulos e outros sacerdotes da natureza do tempo.

---

<sup>4</sup> <http://www.terrafria.pt> (consultado em 8 de agosto de 2015).



## Miranda do Douro

A cidade de Miranda do Douro e a cultura que lhe preside – a da língua mirandesa – são quase um país à parte dentro de Trás-os-Montes. Justaposta ao rio Douro, fronteira natural com Espanha, hoje patrimonialmente preservada, foi até à segunda metade do século XVIII um contínuo ponto de resistência aos invasores. A Guerra dos Sete Anos abalou-a e perdeu a sede de diocese para Bragança em 1764 – mas esta passou a chamar-se Diocese de Bragança-Miranda e, ainda hoje, pelo menos uma vez por ano, o bispo é obrigado a visitar oficialmente Miranda, tal é o respeito devido. A muito marcada identidade mirandesa tem, para além da língua e da cultura musical, um símbolo de monta: a Capa de Honras. É a mais nobre peça do traje tradicional, confeccionada em burel e com origem provável nas capas litúrgicas, góticas, do mosteiro cisterciense de Moreruela, na vizinha espanhola Zamora. De agasalho contra os invernos duros, converteu-se em riquíssima peça artesanal de cerimónia. Não bastassem estes elementos que distinguem Miranda, é preciso assinalar o ressurgimento da cidade em 1956, com a construção da barragem do Picote. Este é um dado importante para quem quer continuar a maravilhar-se com esta parte de Portugal: na proximidade da barragem construiu-se um amplo núcleo habitacional para engenheiros e operários, igreja incluída, que hoje se descreve por “moderno escondido”; isto é, uma espécie de micro-Brasília escondida em Trás-os-Montes, visitável e objeto de estudo de estudantes de arquitetura. (Macdonald 2015: 53)

António Maria Mourinho descreve-a do seguinte modo:

Entre as regiões do Norte de Portugal, a Terra de Miranda, assim chamada documentalmente, desde meados do século XII (...), tem-se destacado através dos séculos, ou talvez de milénios, como uma das zonas mais ricas de expressões culturais, na habitação, nos hábitos agro-pastoris, no traje ancestral em que dominavam a lã e o linho, no calçado, na caça e na pesca em que perduram hábitos milenários junto aos rios, nos instrumentos de trabalho, nos adornos pessoais, nas diversas formas de artesanato (ferro, madeira, cestaria, couro, linho e lã), na alimentação, nas crenças rituais; e na fala, com dialecto próprio filho do latim e irmão do castelhano e do português, mas individuado com estrutura linguística própria. (Mourinho 1983: 33)

Miranda do Douro, terra de fronteira, oferece uma paisagem única de fragas e arribas, cidade que também abre as portas ao rio Douro e o deixa correr ao longo de 120 km.

## Danças e Sons

Os pauliteiros de Miranda e a gaita de fole são também ícones da cultura mirandesa. Os Pauliteiros são agora grupos de dança (e não grupos de baile popular, como muitas vezes se confunde), sempre em número de oito (homens ou mulheres), que simulam em coreografia um ato guerreiro com o bater de paus – e por isso também se chama a “dança dos paus”. É uma dança vigorosa, intensa, impressionante até. O traje – blusa e saia branca, colete – remete para vestes religiosas de provável origem pagã. A gaita de fole (cuja presença em Miranda data de há pelo menos 300 anos, mas será mais antiga) é o instrumento fundamental dos sons mirandeses, com prática crescente. (Macdonald 2015: 54)

Sobre a dança mirandesa, Albino Morais Ferreira escreve o seguinte comentário:

A gente de Miranda do Douro é muito aferrada aos seus velhos usos e vive muito apartada do resto do paiz, por isso conserva elementos tradicionais que não existem n’outra parte. A dança dos paulitos persiste como antiquíssima usança nas procissões, nas romarias, nas festas, e é nada mais nada menos do que a *dança phyrrica*, a dança guerreira por excellencia, que chegou a ser uma instituição em toda a Grecia e mais tarde espalhada em Roma e nos seus domínios. (Ferreira 1898: 3)

Também os instrumentos musicais tiveram, e ainda têm, um lugar muito importante na tradição da Terra de Miranda, como focos irradiadores de animação para quem os escuta e os executa. Os instrumentos que mais rapidamente identificam a tradição musical mirandesa são a gaita de fole, referida anteriormente, a caixa e o bombo que acompanham a dança dos pauliteiros. No entanto, não se esgotam aqui os instrumentos musicais mirandeses:

O uso de instrumentos musicais no Planalto Mirandês não se limitava à gaita-de-foles e aos instrumentos de percussão que em regra a acompanhavam, a caixa e o bombo. Talvez o instrumento mais popular fosse a flauta de três buracos (*fraitá*) essencial na arte do tamborileiro, que muitas vezes substituía a gaita-de-foles. (...) Eram frequentes, e muito populares, o acordeão/concertina (*harmónico*) e o *rigaleijo* (conhecida como gaita ou harmónica de beijos), mais raramente a rabeca e a sanfona, esta em tempos mais recuados. Além das castanholas e da pandeireta, era o pandeiro o mais importante instrumento de percussão, usado para acompanhar danças várias e modas populares, três instrumentos de percussão objecto de culto e por vezes de grande virtuosismo dos seus executantes. Mas vários outros instrumentos eram utilizados, muitas vezes rudimentares e de uso muito ocasional, em particular vários instrumentos de percussão ou usados como tal, como a zabumba, as carracas, o cântaro de barro e, por vezes, materiais de trabalho ou domésticos. (Correia 2012: 13)

Um dos mais importantes eventos de música tradicional e folk em Portugal é o Festival Intercéltico de Sendim, organizado a poucos quilómetros de Miranda pelo Centro de Música Tradicional *Sons da Terra* (museu e polo de investigação) dirigido pelo musicólogo Mário Correia.

### **A Língua Mirandesa**

Portugal tem duas línguas e o mirandês é uma delas. Pertence ao grupo de línguas asturo-leonês, que abarca as regiões espanholas das Astúrias e Leão. É fundamentalmente falada no concelho de Miranda do Douro, estendendo-se até ao concelho de Vimioso e ao extremo nordeste de Bragança. Um exemplo: “L mirandês ten que deixar filhos que téngan proua neilha i nun arrenéguen ls pais” (O mirandês deve deixar filhos que tenham orgulho na sua língua e não reneguem os pais). A frase é de Amadeu Ferreira (1950-2015), citado por Joana Beleza, no artigo do Jornal Expresso online<sup>5</sup>, e um dos nomes associados à preservação da língua, que é oficialmente ensinada nas escolas locais. A publicação de obras em mirandês multiplica-se (incluindo a tradução de *Astérix*). E se dúvidas houvesse sobre a importância do mirandês, Alfredo Cameirão recorda-nos: “O Tratado de Zamora, que foi assinado em 1143 com Espanha e que deu a independência de Portugal, foi escrito em leonês – que é como quem diz, em mirandês” (Macdonald 2015: 62).

Por seu lado, Leite de Vasconcelos tece a seguinte afirmação:

Os Mirandeses, sentindo-se, como se sentem, senhores de uma lingoa sua, - *la nossa lhengua* -, conforme eles dizem -, amam com maior intensidade o torrão natal; e este amor da Terra-de-Miranda, com a sua capa de honras, os seus pauliteiros, o seu dialecto próprio, não chega ao ponto de produzir ódio ao resto do país, nem cousa que se pareça com isso: pelo contrário, os Mirandeses tanto reconhecem a superioridade da lingoa portuguesa, que lhe chamam *grabe*, dando humildemente á indígena os modestos nomes de *charra* e *caçurra*! (Leite de Vasconcelos 1900: 165).

Sustentando a citação acima, e de acordo com os conhecimentos que o autor transcreve na sua obra *Estudos de Philologia Mirandesa*, a manutenção da língua mirandesa pelos seus falantes é essencial enquanto meio de utilidade afetiva no seio dessa comunidade linguística, necessitando dela para demarcarem relações de solidariedade e veicular determinados valores discursivos. Não obstante a sua conotação “charra” e caçurra”, o facto é que o mirandês

---

<sup>5</sup> <http://expresso.sapo.pt/cultura/amadeu-que-aprendeu-o-mundo-no-campo-e-tinha-o-coracao-na-ponta-dos-dedos=f913553> (consultado em 18 de abril de 2015)

conseguiu, através dos tempos, superar um processo de substituição da língua “grabe” (o português), mantendo uma vitalidade única e duradoura face aos dois outros falares leoneses vizinhos: o riodonorês e o quadramilês.

É certo que os mirandeses gostam da sua língua, das suas tradições seculares, e sentem nela um orgulho, especialmente quando falam perante alguém que a vai estudar.

O mirandês é, pois, um legado cultural, um veículo de identidade, um instrumento de comunicação e uma memória coletiva do extremo nordeste de Portugal que se pretende preservar. A língua mirandesa é, nestas circunstâncias, a segunda língua de Portugal.

Mourinho descreveu-a como “vector, instrumento e veículo de cultura” (1988: 11), e que ela, a língua mirandesa,

informou e deu vida de relação e conhecimento, a todo um povo desta região e informou a cultura de todo este Nordeste Transmontano de Entre Douro e Sabor, desde o Norte de Moncorvo até Covadonga e o mar Cantábrico. Informou e definiu uma cultura material, desde a sementeira com seus instrumentos e hábitos; as técnicas da ceifa e da trilha, com suas canções e seus rimances próprios; a ceifa dos fenos, a vindima e a técnica da feitura do vinho; a pastorícia com seu mundo de coisas, palavras e costumes; o artesanato da lã e do linho; os fiadouros colectivos no largo das aldeias, nas noites de Outono; o trato familiar sempre digno, respeitoso e cristão; o trato social nas feiras, mercados e romarias; nos trabalhos colectivos dos campos, na construção da velha casa mirandesa para serviço da família lavradora. (Mourinho 1988: 10)

Fica claro a partir da citação referida, que a cultura material (língua, hábitos e costumes tradicionais, canções, artesanato, técnicas e instrumentos de trabalho rurais e agrícolas, convívio social e familiar, entre outros) – e imaterial – são, de facto, transmissores de valores culturais e de identidade.

Ainda, segundo este autor, esta mesma língua também se encontra associada à cozinha mirandesa, “sala de cultura da família, desde o berço ao túmulo” (Mourinho 1988: 10). Foi também ela que “orientou e classificou as peças e ferramentas do ferreiro, do carpinteiro, do pedreiro, do cesteiro, da costureira, do alfaiate (...) a executar as capas de honra, do tecelão, do moleiro e do pisoeiro” (Mourinho 1988: 10).

Investigador incansável da história, da língua e da cultura mirandesas, animador cultural por excelência, António Maria Mourinho nunca pretendeu que a vivência da cultura mirandesa

ficasse apenas pela teoria. Queria mais. Para ele, a cultura e a identidade mirandesas eram uma realidade que se projetava do passado para o futuro, e que tinham que ser vivenciadas e mantidas através do tempo. O seu trabalho em torno da recuperação da língua mirandesa, do cancionero mirandês, da dinamização dos diversos grupos de pauliteiros e danças mirandesas são prova disso. Levou todo este conhecimento além-fronteiras e, do seu jeito, globalizou o mirandês e a sua cultura antes mesmo da era da globalização.

Tudo isto foi transmitido por esta língua isolada entre o Douro e o Angueira e o Sabor e o Maçãs que, além do que foi exposto, também fez surgir uma cultura através da sua literatura oral e única.



# Capítulo I

Neste capítulo, pretendemos apresentar uma breve visão sobre a situação linguística das línguas minoritárias ou em vias de extinção e como podemos inverter a sua perda definitiva. De seguida, focar-nos-emos na Língua e Cultura Mirandesas como tema principal do presente trabalho. Iniciaremos com uma breve análise e perspetiva sobre as línguas minoritárias.

## 1. Línguas minoritárias

### 1.1 A Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias e o caso da língua mirandesa

Convém, antes de tudo, percebermos a definição de “língua minoritária” ou “língua regional”. De acordo com o Conselho da Europa, instituição internacional pelos Direitos Humanos, através da sua Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias, postula o seguinte:

Par l’expression «langues régionales ou minoritaires», on entend les langues pratiquées traditionnellement sur le territoire d’un État par des ressortissants de cet État qui constituent un groupe numériquement inférieur au reste de la population ; et différentes de la (des) langue(s) officielle(s) de cet État ; elle n’inclut ni les dialectes de la (des) langue(s) officielle(s) de l’État, ni les langues des migrants.<sup>6</sup>

A Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias é um tratado europeu (CETS 148<sup>7</sup>) adotado em 1992 pelo Conselho Europeu para promover e proteger as línguas regionais e minoritárias históricas da Europa. O tratado em questão aplica-se somente aos idiomas utilizados tradicionalmente (excluindo, portanto, idiomas utilizados pela imigração recente de outros continentes), que possuem diferenças significativas com a língua maioritária ou oficial<sup>8</sup>. A Carta visa igualmente a salvaguarda dos direitos humanos e da democracia pluralista, aplicando a regra de direito.

---

<sup>6</sup> [http://www.coe.int/t/dg4/education/minlang/aboutcharter/default\\_fr.asp](http://www.coe.int/t/dg4/education/minlang/aboutcharter/default_fr.asp) (consultado em 16 de maio de 2015).

<sup>7</sup> Série dos tratados europeus – nº 148. Disponível em <https://rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=090000168007bf44> (consultado em 16 de maio de 2015)

<sup>8</sup> O Ciberdúvidas da Língua Portuguesa define “língua oficial” como sendo a língua utilizada nas situações oficiais, públicas, nacionais e internacionais, de um país, como as que dizem respeito à educação, à imprensa, à legislação, à participação em órgãos ou reuniões internacionais. Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/lingua-nacional--lingua-oficial/9248> (consultado em 20 de março de 2016)

As línguas que são oficiais em regiões ou províncias de unidades autónomas (como o catalão, o galego ou o basco, em Espanha) não estão classificadas como línguas oficiais do Estado e, portanto, podem beneficiar da Carta. De acordo com as informações institucionais europeias, a Europa conta com cerca de 50 milhões de cidadãos que utilizam regularmente línguas regionais ou minoritárias<sup>9</sup>, sendo que a UNESCO calcula que cerca de 30 línguas europeias minoritárias estão ameaçadas, como o basco, o gascão, o picardo, o gaélico, o mirandês, o capadócio, entre muitas outras<sup>10</sup>.

Abordando a proteção das línguas regionais ou minoritárias históricas da Europa, que em alguns casos estão em risco de extinção, a Carta contribui para a manutenção e o desenvolvimento da riqueza e as tradições do continente cultural. Além disso, a possibilidade de utilização de línguas, tanto na vida privada como na pública é um direito inalienável. A Carta reforça ainda a ideia de que a proteção e a promoção dessas línguas dentro do valor intercultural do multilinguismo não deve ser em detrimento das línguas oficiais e realça a necessidade de aprendê-las.

As línguas regionais e minoritárias da Europa constituem um recurso valioso e subutilizado para o desenvolvimento das regiões da Europa. De acordo com o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística<sup>11</sup>, as minorias linguísticas desempenham um papel importante no intercâmbio económico, particularmente nas indústrias culturais, e muitas vezes são peças-chave no desenvolvimento da cooperação fronteiriça. Regiões que promovem as línguas minoritárias presentes nos seus territórios colhem os benefícios em termos de crescimento económico. Citemos, por exemplo, as associações culturais e recreativas, as rádios locais, os teatros amadores, as casas-museus ou as exposições temáticas.

Ao incentivarmos o seu uso na educação e no setor público e uma participação na Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias, as autoridades locais e regionais podem dar às suas regiões uma forte vantagem competitiva.

No que toca a Portugal em concreto, este é um dos poucos países da Europa que ainda não aderiu à Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias. Há vários anos que Miranda

---

<sup>9</sup> <http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/files/database/000020001-000021000/000020823.pdf> (consultado em 16 de maio de 2015)

<sup>10</sup> <http://www.unesco.org/languages-atlas/index.php> (consultado em 21 de fevereiro de 2016).

<sup>11</sup> <http://e-ipol.org/a-carta-das-linguas-minoritarias-e-suas-vulnerabilidades-na-europa> (consultado em 12 de fevereiro de 2016)



do Douro aspira dar esse passo que contribuirá certamente para a proteção e o reconhecimento internacional do mirandês e facilitar o estudo de uma língua com mais de mil anos.

De acordo com o autarca desta cidade, Artur Nunes, a língua foi reconhecida politicamente mas o próprio Ministério da Educação não tem feito nada para que o mirandês seja uma língua protegida, dinâmica e que integre os programas de aprendizagem (Notícias do Nordeste 2015)<sup>12</sup>. Reconhece que a assinatura seria de extrema importância para investigadores nacionais e internacionais que pretendem ir além do estudo da *lhéngua*.

Também Amadeu Ferreira, falecido recentemente e antigo Presidente da Associação de Língua e Cultura Mirandesa (ALCM), com sede em Miranda do Douro, referiu que a assinatura da Carta Europeia era um processo diplomático pelo qual os Estados se comprometem a dizer, preto no branco, aquilo que estão dispostos a fazer para apoiar as línguas minoritárias existentes dentro do seu território<sup>13</sup>. Referiu ainda que há passos importantes a dar, nomeadamente o reconhecimento do mirandês como língua minoritária no espaço europeu, a sua utilização como serviço público através da difusão de pequenos tempos de antena na rádio e na televisão e o seu ensino nas escolas, sabendo que, por autorização do Ministério da Educação, o ensino do mirandês como opção é ministrado desde o ano letivo 1986/87 (Câmara Municipal de Miranda do Douro 2015).

## **1.2 As línguas minoritárias podem ser salvas?**

Sabemos que o aumento da mobilidade de pessoas, bens e informação originou um poderoso movimento no sentido da uniformidade cultural e na extinção de línguas locais. Mas línguas que possuem jovens, mercado e o governo do seu lado continuam bem vivas.

Abordando a importância da língua no seio de uma comunidade, ou de um estado, relembremos as palavras de André Camlong:

“La langue est un élément identitaire parce que c’est un élément historiquement fédérateur du groupe. C’est l’élément de communication par excellence, un élément vital.  
Sans la langue, rien de tout ce qu’on appelle d’ordinaire culture et civilisation n’existerait.  
Il n’y aurait ni peuple, ni nation, ni souveraineté nationale. Elle règle tous les organes de la vie sociale, économique et administrative. C’est la langue qui est la marque d’identité d’un

---

<sup>12</sup> <http://www.noticiasdonordeste.pt/2015/06/artur-nunes-quer-que-o-estado-portugues.html> (consultado em 12 de agosto de 2015).

<sup>13</sup> <http://www.cm-mdouro.pt/defensores-mirandes-exigem-assinatura-da-carta-europeia-de-linguas-minoritarias> (consultado em 14 de agosto de 2015).

peuple ou d'une nation, celle que l'on retrouve dans les chants patriotiques, celle qui fait vibrer les peuples à l'instar de ce «chant patriotique mirandais» :

*Coração arriba, arriba,  
Lá p'ra terra de Miranda !  
Bamos a comer canhona  
E caldo como bianda.*

Ce sont les langues qui font la richesse de la mosaïque linguistique. Elles désignent les pièces du puzzle, à l'échelle planétaire, que les pays soient grands ou petits, que l'on considère les langues dites nationales ou régionales, les dialectes ou les patois. » (Camlong 2006 : 20)

Por outro lado, a economia e os *media* numa era global estão a transformar o rosto da cultura à escala mundial, reduzindo o número de línguas faladas. Ao passo que a economia mundial se torna cada vez mais integrada, uma língua comum tornou-se mais importante do que nunca para promover o comércio, colocando os falantes de dialetos regionais e línguas minoritárias em desvantagem considerável. Além disso, as telecomunicações pressionam as línguas a tornarem-se mais estandardizadas, conseguindo até esmagar variações locais da língua.

Nos últimos 500 anos, quando as Nações-estados se desenvolveram e se tornaram mais centralizadas, os dialetos regionais e as línguas minoritárias passaram a ser dominados pelos dialetos centristas das partes dominantes. Linguistas como Grimes ou Haywood concluem, por isso, que as línguas minoritárias em todo o mundo abrem caminho para que as línguas dominantes se instalem, tais como o Inglês, o Mandarim e o Espanhol, entre outras. As realidades comerciais e o poder sedutor da cultura *pop* mundial estão a pressionar falantes de línguas minoritárias a aprender línguas maioritárias ou a sofrer as consequências previsíveis: maior dificuldade em estabelecer negócios, menos acesso à informação, etc.

Os futuristas concluem que tal perda, por mais significativa que seja, leva consigo informações culturais específicas que desaparecerão para sempre com a sua língua.

O senso comum diz-nos que a globalização é a bandeira do futuro. Contudo, e arrastando esta ideia, existe a noção de que as línguas e as culturas irão simplesmente deixar de existir e as pessoas irão optar por culturas e línguas globais que ajudarão a transpor barreiras.

No entanto, este não é o único cenário possível de vislumbrar. É possível a globalização e a nova tecnologia salvaguardarem a identidade cultural enquanto permitem simultaneamente a livre troca de ideias e bens. Durante séculos, os dialetos e as línguas foram motivo de unificação, facilitando a identidade nacional, a investigação científica e o comércio.

É inquestionável não haver a necessidade de línguas comuns já que a padronização permite o crescimento a nível tecnológico e humano. Mas a prosperidade global e as novas tecnologias poderão, por sua vez, fazer com que culturas mais pequenas não consigam preservar os seus nichos. É claro que, do ponto de vista de exemplos atuais, as línguas mortas ou em vias de extinção podem renascer a qualquer momento, dependendo da determinação das pessoas e das políticas governamentais levadas a cabo.

### **1.3 Invertendo a perda da língua**

A ideia de salvar línguas é relativamente recente. Quando o linguista Joshua A. Fishman escreveu sobre *reversing language shift* (revertendo o deslocamento da língua) (Fishman 1991: 232), cujo livro tem o mesmo nome, a reação por parte da equipa especialista da área não foi positiva. O senso comum dos linguistas, historiadores e sociólogos baseava-se no facto de que se determinada cultura e língua estavam prestes a desaparecer, a sua sorte estaria assegurada num mundo globalizado. Dialectos de reduzida projeção, como o bretão ou o mirandês, não são importantes para a economia global, já que são difíceis de aprender, mal adaptados à vida moderna e ininteligíveis para a maioria das pessoas fora das suas regiões.

Aprender ou reaprender uma língua local é muitas vezes uma afirmação política, um ato de autodefinição, aquele que permite ser solidário com o vizinho. É poder político, reverência cultural e, talvez, sentimento de controlo num mundo onde as fronteiras políticas e culturais estão a cair. As línguas minoritárias poderão também ter um lugar ao lado das línguas maioritárias. Dando continuidade a esta linha de pensamento, os autores do relatório preparado sob a responsabilidade do EUROMOSAIC e enviado à Comissão Europeia, relativamente aos grupos linguísticos na União Europeia, corroboram a seguinte ideia:

We maintain that the concepts of language production and reproduction relate to three primary agencies – the family, education and community. A second agency is that of the media (...). Much of the inter-generational transmission of language occurs through family socialisation, or through the enculturation process of formal education. On the other hand, the community, as a social institution, is also capable of playing a central role in language acquisition. (...) a consideration of the relationship between these three primary agencies of language production and reproduction is crucial if we are to come to terms with the dynamics of language group formation.<sup>14</sup> (Nelde *et al.* 1996: 6)

---

<sup>14</sup> Disponível em <http://www.lavplu.eu/central/bibliografie/euromosaic1.pdf> (consultado em 30 de janeiro de 2016).

As mudanças a nível da geopolítica mundial têm vindo a alterar as pressões postas sobre as línguas. Vejamos o exemplo das antigas repúblicas soviéticas em que foram revitalizadas antigas línguas turcas com a queda da influência russa. A língua é poder e economia.

Torna-se claro que quando as pessoas têm fortes motivos culturais para reverter o deslocamento da língua, elas conseguem resistir à dominação da língua maioritária. Além disso, as tecnologias ligadas à comunicação social permitiram um diálogo entre línguas maioritárias e línguas minoritárias e dialetos<sup>15</sup>. Falantes destas línguas minoritárias podem recorrer às tecnologias interativas transportando mundo fora os seus falares, criando e distribuindo comunicação na sua própria língua para uma diáspora global.

## **2. O Mirandês: uma língua minoritária em Portugal**

### **2.1 Enquadramento geográfico e histórico**

O mirandês é uma língua falada no extremo nordeste de Portugal, na fronteira com a Espanha, numa região que tem aproximadamente 500 km<sup>2</sup>, formada por quase todo o concelho de Miranda do Douro (com exceção da cidade de Miranda do Douro e as aldeias de Atanor e Teixeira), e por algumas aldeias do concelho de Vimioso (Angueira, Vilar Seco e, num nível mais abaixo, Caçarelhos), no distrito de Bragança, região de Trás-os-Montes. Esta região está delimitada pela ribeira de Angueira, a poente, e pelo rio Douro, a nascente.

Além disso, existem ainda algumas aldeias pequenas no extremo norte do concelho de Bragança onde ainda existem “vestígios asturo-leoneses na língua falada pelas suas populações” (Quarteu e Conde 2002: 89). Essas aldeias são Riodonor, Guadramil, Petisqueira e Deilão.

Embora o mirandês se encaixe numa área geográfica pequena, esta língua teve muita influência nos falares locais das regiões vizinhas (concelhos de Vimioso, Mogadouro, Bragança, Macedo de Cavaleiros e Torre de Moncorvo).

---

<sup>15</sup> O Ciberdúvidas da Língua Portuguesa define “diale(c)to” como uma das subdivisões que se podem aplicar a determinada língua, consoante a região ou a camada social a que pertencem os falantes. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/dialectos/7278> (consultado em 20 de março de 2016).

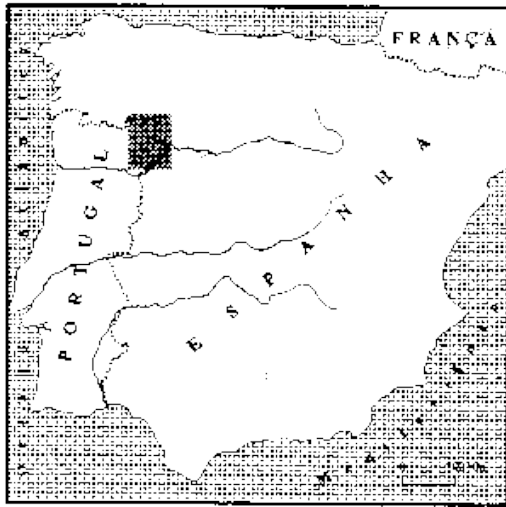


Fig. 1 Localização geográfica da Terra de Miranda<sup>16</sup>



Fig. 2 Área linguística do mirandês<sup>17</sup>

## 2.2 Dados históricos

### 2.2.1 Domínio linguístico asturo-leonês

O mirandês teve a sua origem no século VI, muito antes da formação da nacionalidade portuguesa, na mesma época em que surgiram um conjunto de variedades de romances com muitas características em comum, mas que eram distintas doutros romances que também nasciam: o galego-português, o castelhano, o aragonês, o catalão, entre outros. Estas variedades apareceram numa região onde existiram os velhos reinos das Astúrias e de Leão, ao que atualmente os linguistas chamam ao espaço linguístico de todas essas variedades linguísticas como “domínio linguístico asturo-leonês” (Quarteu e Conde 2002: 89). Tais variedades nunca desenvolveram uma escrita que pudesse unificá-las, ainda que haja documentos escritos em leonês datados após o século VI. A ascensão das línguas ditas “fortes” (ou seja, apoiadas pelo governo de um Estado), o português e o castelhano, fez com que elas se tornassem cada vez mais limitadas aos pequenos núcleos rurais.

A atual região a que se chama *Tierra de Miranda* pertenceu ao velho reino leonês e esteve dependente da diocese de Astorga, cidade que hoje pertence à província espanhola de Leão. Muitos missionários leoneses andaram pela região de Miranda, levando influências da diocese

<sup>16</sup> Imagem retirada de <http://esmd.dyndns.org/expert/mirandes/espaco.html> (consultado em 12 de janeiro de 2015)

<sup>17</sup> Cf., *id.*; *ibid.*

e da sua língua até ali. Deste modo, pode notar-se que “a relação de Miranda do Douro com Leão já tem muitos séculos continuando viva até aos dias de hoje”. (Quarteu e Conde 2002: 90)

A grande influência do castelhano, por um lado, e do português, por outro, e a distância geográfica entre os vários pedaços territoriais do domínio, fez com que estas variedades linguísticas começassem a desenvolver características distintas, levando “à falta de consciência de pertença a um espaço linguístico comum” (Quarteu e Conde 2002: 90). Devido ao isolamento geográfico da Terra de Miranda em relação a Portugal, e também por não pertencer a Espanha, a língua mirandesa conseguiu manter-se até aos dias de hoje como a língua do campo e do trabalho.

Presentemente, o mirandês é considerado uma variedade do grupo ocidental do domínio linguístico asturo-leonês. Assim, as diferenças mais significativas entre o mirandês e o asturiano nos tempos atuais estão relacionadas com as influências das suas línguas de contacto, o português e o castelhano, respetivamente.

Além das inevitáveis diferenças de pronúncia, fruto das suas evoluções naturais dentro dos seus diferentes contextos históricos e sociais, as principais divergências entre as duas línguas são a nível ortográfico. Isso também se aplica pela “influência das línguas de contacto: sendo o mirandês e o asturiano línguas minoritárias nos seus respetivos países, Portugal e Espanha, as suas atuais ortografias são claramente influenciadas pelas línguas portuguesa e castelhana”. (Quarteu e Conde 2002: 91)

Uma iniciativa que testemunha as fortes relações entre as línguas mirandesa e asturiana foi a “geminção entre o concelho de Miranda do Douro e Bimenes” (Quarteu e Conde 2002: 92), a primeira localidade de Astúrias que declarou a cooficialização da língua asturiana no seu município, em paralelo com a língua castelhana.

### **2.2.2 Domínio linguístico mirandês**

A distância geográfica entre as várias localidades onde se fala mirandês teve influência na maneira de falar de cada uma delas. Assim, é possível distinguir três zonas geográficas com características mais ou menos uniformes na maneira como o mirandês é falado: “o mirandês raiano (nas zonas de fronteira com a província espanhola de Zamora), o mirandês central (nas

zonas mais anteriores do concelho) e o sendinês (na vila de Sendim, no extremo sul do concelho)”. (Quarteu e Conde 2002: 93)

De acordo com a reflexão de Cristina Martins (2010: 2)<sup>18</sup>, “a Terra de Miranda caracteriza-se pelo seu carácter bilingue, ou mesmo, em certos casos, trilingue das suas povoações.” A investigadora ainda vai mais longe:

“Nas localidades, todas rurais, em que o idioma minoritário subsiste, este convive com a crescentemente influente língua portuguesa. Em algumas dessas aldeias, mormente as que se localizam junto à raia seca, os habitantes conhecem e usam, para além dos idiomas referidos, também o castelhano. Na cidade de Miranda do Douro, sede do concelho em que se concentra a esmagadora maioria das aldeias em que o mirandês sobrevive, o idioma minoritário tem uma vitalidade muito residual. (...) o desaparecimento do mirandês na cidade ter-se-á consumado entre os séculos XVII e XVIII, circunstância que faz com que o português hoje aqui coexista, não propriamente com a língua minoritária, mas com o castelhano.” (Martins 2010: 2)

O mirandês sempre foi uma língua oral, transmitida de pais para filhos ao sabor de cada um. Durante o século XIX, a língua começou a ser escrita por Bernardo Fernandes Monteiro, quem fez a tradução dos *Quatro Evangelhos* para o mirandês. No final desse mesmo século, Leite de Vasconcelos começou a estudar a língua e a escrevê-la, com uma ortografia estabelecida por ele. Outro contributo muito importante para o desenvolvimento da escrita da língua foi dado por António Maria Mourinho, já na segunda parte do século XX. Também o “filólogo Ramon Menéndez Pidal pouco tempo depois (de Leite de Vasconcelos), em 1906, edita a obra *El dialecto leonés*” (Santana 2007: 51), debruçando-se sobre o estudo da língua mirandesa. Assim, a vertente escrita da língua apenas começou a desenvolver-se intensamente na década de 90 do século XX, com a edição da Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa.

Esta língua tem vindo a recuar face ao português, sobretudo a partir dos anos 50 do século XX. O surgimento dos grandes meios de comunicação das línguas, como a rádio e a televisão, além da escolarização das populações rurais, fez com que os mirandeses começassem a pensar que falavam mal a língua portuguesa, que era a língua transmitida pela rádio e pela televisão e ensinada na escola. Assim, muitas pessoas começaram a ter vergonha de falar mirandês e muitos pais deixaram de ensinar a sua língua aos filhos. Ao ouvir os mais velhos a falar em mirandês, muitos jovens pensavam que eles estavam a falar um português incorreto,

---

<sup>18</sup> [http://www1.ci.uc.pt/celga/membros/docs/Cristina\\_M/ANUARI.pdf](http://www1.ci.uc.pt/celga/membros/docs/Cristina_M/ANUARI.pdf) (consultado em 28 de outubro de 2015).

corrigindo-os, e aumentando a “vergonha dos mais idosos com a sua língua” (Correia, 11 de março de 2015: entrevista presencial).

Outra razão muito importante para o recuo do mirandês naquelas zonas do seu domínio linguístico foi a construção das barragens portuguesas no espaço internacional do rio Douro. Estas grandes obras públicas trouxeram para o Planalto Mirandês milhares de trabalhadores de várias regiões do país. Ao ouvirem os mirandeses das aldeias a falar a sua língua, estas pessoas riam-se e diziam que os locais não sabiam falar bem, que eram ignorantes, que eram uns “palhantres” (Correia, 11 de março de 2015: entrevista presencial). “Palhantre”, segundo o nosso entrevistado, é uma expressão que significa que os mirandeses não sabem falar bem nem português, uma língua de ignorantes. Tal se traduz numa das muitas ideias pré-concebidas de que a língua mirandesa seria apenas uma mistura de português e castelhano, sem qualquer autonomia relativamente a estas duas línguas. Tal facto fez com que os mirandeses tivessem cada vez mais vergonha de falar a sua língua, começando a identificá-la como uma língua de pessoas ignorantes.

O Padre Mourinho, num dos seus muitos artigos publicados, refere que “o homem da Terra de Miranda (...) prendeu a linguagem à terra que pisava, ao abrigo onde se recolhia da chuva, à planura onde apascentava o gado, à courela que arroteava para que lhe desse o pão e o vinho”. (Mourinho 1988: 3)

Corroborando a ideia de vitalidade de uma língua minoritária, a estudiosa Manuela Barros Ferreira partilha do seguinte pensamento<sup>19</sup>:

“Quanto à vitalidade do mirandês, há que ter em conta que neste momento, a agricultura e o mundo rural tradicional estão em vias de extinção no meu país. O campo desertifica-se a ritmo acelerado e o número de aldeias totalmente abandonadas multiplica-se. No entanto, no caso desta região, o esvaziamento das aldeias está a ser feito a favor da própria cidade de Miranda. Fora do núcleo histórico, a cidade está a expandir-se com gente vinda do campo e que está a trazer de volta a língua que dali tinha desaparecido há já vários séculos. No entanto, paralelamente, os turistas espanhóis têm feito do castelhano a língua mais prestigiada – aquela em que é possível fugir à miséria.” (Ferreira 1995: 10)

---

<sup>19</sup> <http://www.academiadelalingua.com/lletresasturianas/pdf/Art%3%ADculo%201-Manuela%20Barros%20Ferreira-O%20Mirand%C3%AAs%20e%20as%20l%C3%ADnguas%20do%20Noroeste%20peninsular.pdf> (consultado em 28 de outubro de 2015).



Assim, e para que esse recuo possa ser travado, seria muito importante que as autoridades locais (Câmara Municipal, Juntas de Freguesia, associações, escolas e outras) dessem o seu incentivo ao uso da língua, utilizando-a no dia a dia, o que já se tem vindo a verificar nos últimos anos. Desta forma, as pessoas mais idosas, ou as das aldeias, veriam que a sua língua mirandesa é verdadeiramente importante, que é um orgulho saber falá-la, e que não é “falar mal” nem tampouco uma “língua de ignorantes”. Tal poderá dar razões aos mais jovens para que também eles se interessem pelo mirandês, conferindo à sua língua maior prestígio. Ou seja, expressões como “Buonos dies bos dé Dios” ou “Buonas tardes” (Correia, 11 de março de 2015: entrevista presencial) devem ser um bom motivo para a promoção e revitalização do uso generalizado da língua mirandesa.

### **2.3 Do uso falado e escrito à sua legitimação**

Ameaçada de extinção, a *lhéngua mirandesa* conseguiu permanecer num território marcado pelo despovoamento muito devido à sua interioridade e ao seu isolamento geográfico. Usada pelos habitantes das aldeias que constituem o concelho de Miranda do Douro e parte do concelho de Vimioso,

(...) é actualmente testemunhado (o Mirandês) por uma pequena comunidade falante mas, não deixa de ser uma língua viva, perfeita e de muitos modos única no mundo, pelo facto dessa comunidade se encontrar em gravíssima crise de erosão e ser constituída por poucos milhares de pessoas. (Verdelho 1994: 8)

Sendo um dos nossos objetos de estudo, além da cultura, a língua mirandesa merece ser olhada enquanto língua viva e explorada na sua plenitude como motor de comunicação de forma consciente e assumida sob pena de cair definitivamente em desuso e, conseqüentemente, perder-se para sempre. Nesta linha de pensamento, gostaríamos de deixar seguinte reflexão:

Como qualquer outra língua natural, o mirandês é uma herança cultural de imensurável importância. Este idioma é o instrumento de comunicação de um povo, o reflexo da sua cultura, da sua identidade e da sua memória colectiva. Contudo, como uma língua minoritária que é encontra-se, como todas as línguas minoritárias, ameaçada de extinção. (Santana 2007: 55)

Não há um cálculo rigoroso das pessoas que ainda falam a outra língua. Sabe-se, com certeza, que continua a ser usada em todas as aldeias do concelho de Miranda do Douro e em três de Vimioso: Vilar Seco, Angueira e Caçarelhos. No total, são cerca de 500 quilómetros

quadrados de território, conforme referimos anteriormente, na fronteira com a província espanhola de Zamora e falada de outra forma.

Sustentamos esta afirmação com o Projeto de Lei nº. 534/VII, documento que visa o Reconhecimento Oficial de Direitos Linguísticos da Comunidade Mirandesa, e onde se pode ler a seguinte confirmação:

O número total de falantes do mirandês é estimado, actualmente, entre os 12 000 e 15 000, o valor mais baixo registado desde há, pelo menos, dois séculos. Sob a pressão do português e a influência crescente do castelhano, o mirandês tem vindo a reduzir a sua esfera de utilização ao meio familiar e às relações de vizinhança. (Projeto de Lei n.º 534/VIII: 1998)

Em 1900, o linguista e etnógrafo José Leite de Vasconcelos estimava que existissem 10 mil falantes: “(...) nós os Portugueses possuímos num canto de provincia uma como ilha linguística, onde umas 10:000 pessoas nas suas relações domesticas se servem de uma falla que no quadro geral dos idiomas românicos no Noroeste da Iberia tem (...) feição tão própria e tão sua” (Leite de Vasconcelos 1900: 165). Actualmente, o número oscila entre os 7 e 10.000 mil. Amadeu Ferreira, escritor e investigador da língua mirandesa, no documentário “Mirandês, a outra língua” do Canal História (2010)<sup>20</sup>, referiu “(...) No total é falado por cerca de 10.000 pessoas. Não há números rigorosos. Eu diria que entre 7 e 10.000 pessoas são as pessoas que falam mirandês.” A diminuição de falantes foi uma constante ao longo de todo o século XX, sobretudo a partir da década de 60. Na altura, muitos estudiosos chegaram a afirmar que o mirandês se extinguiria de vez, muito provavelmente por volta de 1980. Em meados do século passado, com a construção das barragens do Douro, chegaram ao concelho de Miranda do Douro centenas de trabalhadores, oriundos das Beiras e do Minho, instalando-se em praticamente todas as aldeias da região. Decrescia, assim, a forma de falar destas terras nordestinas em favor do português padrão, com influências minhotas e beirãs. Tais apontamentos são confirmados por Mário Correia, na sua entrevista, transcrita no Capítulo II deste trabalho.

O mirandês deixou de ser progressivamente a língua dominante nesta área geográfica a partir dos anos 60 do século passado. Por essa altura, assistiu-se a uma maior e melhor abertura das vias de comunicação, o ensino generalizou-se - nas escolas só era ensinado o português

---

<sup>20</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=3SIv2sF5jOM&list=PLC5839CB934B845B5&index=1>. (consultado em 9 de julho de 2015)

padrão -, aliando-se ao aparecimento da rádio e da televisão nos lares portugueses. Enquanto isso, muitos rapazes de Miranda eram incorporados no exército, por força da guerra colonial. E nas ex-colónias, longe de Trás-os-Montes, foram obrigados a assimilar o português (Correia, 11 de março de 2015: entrevista presencial). A alteração dos padrões de transmissão da língua materna – o mirandês –, colocou este idioma em desuso e no caminho da extinção.

Contudo, nas décadas finais do século XX, assistiu-se a um movimento de revitalização voluntária da língua por parte dos estudiosos e das instituições da região, movimento esse que, fortemente apoiado por filólogos do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, começou lentamente a obter reconhecimento por parte do Estado.

Em 1982, ao entenderem que o estado tinha deveres para com o ensino da língua mirandesa, os estudiosos deram o primeiro passo, formulando o primeiro pedido ao Ministério de Educação para a criação da disciplina optativa do mirandês. A resposta foi, contudo, negativa entendendo o respetivo ministério que não seria possível a introdução de disciplinas estranhas aos *curricula* em vigor para todo o país.

Três anos mais tarde, a Câmara Municipal de Miranda do Douro fundamenta novo pedido. Sai o Despacho do Ministério da Educação de 8 de setembro de 1985 que autoriza a introdução da disciplina facultativa de Língua e Cultura Mirandesa no então Ciclo Preparatório nas escolas do concelho de Miranda do Douro.

A esse respeito, deixamos uma breve apresentação das inscrições efetuadas em Língua e Cultura Mirandesa, que o Agrupamento de Escolas de Miranda do Douro gentilmente cedeu<sup>21</sup>:

### **INSCRIÇÕES em Língua e Cultura Mirandesa**

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **1996/1997**

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
0	0	37		

<sup>21</sup> Informação enviada por correio eletrónico, em 23 de setembro de 2015.

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **1997/1998**

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
0	0	26		

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **1998/1999**

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
0	0			

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **1999/2000**

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
0	0	55		

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **2000/2001**

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
0	0	36		

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **2001/2002**

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
0	0	20		

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **2002/2003**

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
0	0	31	55	0

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **2003/2004**

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
0	0	29	51	0

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **2004/2005**

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
55	101	33	55	0

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **2005/2006**

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
25	56	41	43	0

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **2006/2007** no AGRUPAMENTO

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
61	148	27	59	28

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **2007/2008** no AGRUPAMENTO

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
70	130	47	55	22

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **2008/2009** no AGRUPAMENTO

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
71	120	38	57	39

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **2009/2010** no AGRUPAMENTO

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
75	122	33	49	27

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **2010/2011** no AGRUPAMENTO

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
80	180	60	80	18

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **2011/2012** no AGRUPAMENTO

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
121	170	72	62	10

Alunos matriculados na disciplina de Mirandês **2012/2013** no AGRUPAMENTO

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
132	183	69	88	25

Alunos matriculados na disciplina de L.C.M. em **2013/2014** no AGRUPAMENTO

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
114	179	59	95	25

Alunos matriculados na disciplina de L.C.M. em **2014/2015** no AGRUPAMENTO

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
85	182	60	77	25

Alunos matriculados na disciplina de L.C.M. em **2015/2016** no AGRUPAMENTO

Pré-escolar	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário
95	188	63	78	34

Das informações expostas, avaliamos que o número de alunos inscritos em *Língua e Cultura Mirandesa* teve algumas variações desde o seu arranque, ano letivo 1996/97, até ao presente ano letivo. Verificamos que as primeiras inscrições ocorreram principalmente no 2º Ciclo até 2001/2002. No ano letivo seguinte, o 3º Ciclo começa a ter mais alunos inscritos, enquanto o

Secundário viu o seu número aumentar a partir de 2006/2007, exceção feita para os anos letivos 2010/2011 e 2001/2012, em que se verifica um menor número de inscritos. Relativamente ao ensino pré-escolar, cabe-nos destacar um aumento gradual das inscrições a partir de 2004/2005.

Contas feitas, registam-se 458 alunos inscritos na disciplina no presente ano letivo.

Pelo exposto, concluímos que a disciplina de *Língua e Cultura Mirandesa* tem alunos interessados na frequência das aulas e, caso este panorama se mantenha nos futuros anos letivos, a língua mirandesa poderá contar com mais uns tempos de salvaguarda e transmissão. Pelo menos, é o que se espera.

A este respeito, gostaríamos de deixar o registo feito por Cristina Martins, da Universidade de Coimbra, aquando do seu trabalho sobre a vitalidade de línguas minoritárias e atitudes linguísticas<sup>22</sup>. Vejamos:

No concelho de Miranda do Douro e, por iniciativa oficial da Câmara Municipal, iniciou-se, recentemente, um processo de apoio institucional ao idioma local que se materializou, por exemplo, na criação, por parte do Ministério da Educação, de uma disciplina opcional de Mirandês na Escola Preparatória da cidade. (...)

Fazendo a leitura dos dados (...), constatamos que a esmagadora maioria dos informantes paradelenses inquiridos, i. e., 76,3%, é favorável à escolarização em mirandês, sendo também esta a tendência entre os alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro (58,6%). Mais ainda, entre os informantes favoráveis ao ensino do mirandês, existe uma cota não menosprezável que pensa que os anos de aprendizagem deste idioma deveriam ser aumentados: 24,1% dos informantes de Paradela e 31% dos alunos da Escola Secundária de Miranda do Douro.” (Martins 1997: 21)

Relativamente aos anos letivos que registaram uma baixa nas inscrições na disciplina, a mesma autora refere dois fatores importantes:

Segundo pudemos apurar localmente, existem razões bastante concretas que contribuirão para a explicação deste fenómeno. Em primeiro lugar, a disciplina sendo opcional, não figura como alternativa a qualquer outra, representando, para os alunos que a escolhem, uma carga horária suplementar. Em segundo lugar, e porventura um factor mais determinante, parece ser a atitude negativa de alguns docentes da primeira fase do ensino básico em relação à disciplina. Procurando, compreensivelmente, combater as interferências linguísticas produzidas pelos alunos, especialmente ao nível da escrita, é corrente, não só entre os docentes, como também entre os pais das crianças, a convicção de

---

<sup>22</sup> <http://www.academiadelalingua.com/lletresasturianas/pdf/Art%C3%ADculu%201-Cristina%20Martins-A%20vitalidade%20de%20l%C3%ADnguas%20minorit%C3%A1rias%20e%20atitudes%20lingu%C3%ADsticas.%20o%20caso%20do%20mirand%C3%AAs.pdf> (consultado em 28 de outubro de 2015).

que a aprendizagem formal do mirandês mais não faz senão contribuir para intensificá-las.”

(Martins 1997: 21)

No ano letivo de 1986/87, inicia-se o ensino da língua mirandesa nas escolas preparatórias de Miranda do Douro e Sendim.

No entanto, e do ponto de vista pedagógico, a língua mirandesa carecia de uma ortografia fixa, coesa e coerente. Da necessidade de transitar de uma língua meramente oral para uma língua escrita e com condição escolar, surge, em 1995, a “Proposta de Convenção Ortográfica”, sob a coordenação de Domingos Raposo e de Manuela Barros Ferreira. Em 1999, é publicado o texto definitivo da “Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa”, cujo objetivo era “o de estabelecer critérios claros, sistemáticos e económicos de escrever e ler o mirandês” (Miranda do Douro / Lisboa 1999: 10), e para o ensinar.

Em 1999, conseguiu o estatuto de língua regional através da Lei 7/99<sup>23</sup>, com o merecido “Reconhecimento oficial de direitos linguísticos da comunidade mirandesa”<sup>24</sup>. Portugal deixou, assim, de ser o único país monolíngue da Europa. E porque vale a pena preservar o mirandês por não ser um precário dialeto resultante de variações do português, mas tratando-se verdadeiramente de uma língua minoritária, vale a pena transcrever as palavras de Manuela Barros Ferreira:

A mudança de estatuto – que faz passar de uma situação de expressão oral envergonhada para uma situação de língua oficial, oral e escrita – permite a qualquer idioma um considerável alargamento da sua função social. Este alargamento é tanto mais premente quanto maior for o seu perigo de extinção. Quando uma língua está em vias de desaparecimento, por estar a ser substituída por outra, a única maneira de a salvar é insuflar-lhe prestígio junto da própria população, e isso por várias vias: cultivando-a de todos os modos, inclusive através da escrita; promovendo o seu uso oral e alargando-o a situações mais formais; e ainda, ensinando-a às novas gerações, através da escola. (Ferreira 2001: 38)

Dentro do mesmo contexto, a Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias<sup>25</sup> define “Língua regional ou minoritária como sendo, 1º - uma língua tradicionalmente utilizada num determinado território de um Estado por um grupo de naturais desse Estado numericamente

---

<sup>23</sup> <https://dre.pt/application/file/182897>. (consultado em 6 de fevereiro de 2015).

<sup>24</sup> <https://dre.pt/application/file/182897>. (consultado em 6 de fevereiro de 2015).

<sup>25</sup> [https://www.coe.int/t/dg4/education/minlang/textcharter/Charter/Charter\\_pt.pdf](https://www.coe.int/t/dg4/education/minlang/textcharter/Charter/Charter_pt.pdf). (consultado em 14 de maio de 2015).



inferior ao resto da população e, 2º - diferente da língua oficial do Estado.” Consideramos, deste ponto de vista, que a proteção e o incentivo das línguas regionais ou minoritárias são pontos fundamentais para o multilinguismo e o interculturalismo de um país e, mais amplamente, de uma Europa linguisticamente mais rica.

Fica também o registo de que, no passado mês de fevereiro, na Assembleia de República, o Presidente da Câmara de Miranda do Douro, Artur Nunes, reuniu com o então Ministro da Cultura, João Soares, no sentido de “debater a língua e a cultura mirandesas, nomeadamente a importância de Portugal assinar a Carta Europeia das Línguas Regionais e Minoritárias.”<sup>26</sup> Para além deste tema, foram debatidos outros assuntos do interesse do autarca, nomeadamente o património mirandês.

#### **2.4 Enquanto a *lhéngua* for escrita**

“Falar de cultura é falar de toda a produção e criação da inteligência e da acção do homem, desde que começou a construir a história da humanidade.” (Mourinho 1991: 1)

É ao Dr. António Maria Mourinho, ou “Padre Mourinho”, como era carinhosamente apelidado pela comunidade local, que se deve boa parte das iniciativas que permitiram a sobrevivência e a preservação da língua, da cultura e do património histórico das Terras de Miranda. Efetivamente, ao longo de muitas décadas, lutou solitariamente contra o desinteresse generalizado pela cultura popular mirandesa. Mas a perseverança com que o fez espelhou-se de maneira a imprimir ao mirandês (língua) e à cultura tradicional (Pauliteiros de Miranda) uma projeção nacional e internacional.

Estreou-se no mundo literário em 1942, apresentando dois poemas autógrafos *Nuossa Alma i Nuossa Tiêrra* e *Las Siete Armanas* e, desde então, “nunca mais parou de investigar a Língua, a Cultura, a História da Terra de Miranda.” (Santana 2009: 15)

As iniciativas sobre a língua e a cultura mirandesas que atualmente se vão multiplicando um pouco por todo o território nacional, devem-se sobretudo à dedicação de António Maria Mourinho. A ele se reconhece a recolha e a divulgação de narrativas orais em mirandês, bem como os seus textos literários e poéticos. A ele se deve, também, a continuidade da música, da dança e do teatro enquanto estudioso, ensaísta e encenador destas vertentes artísticas. Relembramos que a sobrevivência da dança dos pauliteiros e da música da gaita de fole se

---

<sup>26</sup> [http://www.cm-mdouro.pt/frontoffice/pages/130?news\\_id=380](http://www.cm-mdouro.pt/frontoffice/pages/130?news_id=380) (consultado em 24 de fevereiro de 2016).

deve à sua iniciativa ao cofundar o movimento cultural “Ressurgimento Mirandês”, e conferindo legitimidade ao “Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas e Cércio”, em 1945, aquando das Comemorações do IV Centenário da elevação de Miranda a cidade. Promoveu o grupo ao mesmo tempo que destacou a aldeia de Duas Igrejas num centro de divulgação da Cultura Mirandesa e “propagou a originalidade cultural e linguística da Terra de Miranda nos quatro cantos do mundo (...)” (Santana 2009:16)

A partir de então começaram a surgir cada vez mais grupos de pauliteiros um pouco por todas as freguesias do concelho de Miranda do Douro.

Contudo, a marca mais visível que António Maria Mourinho deixou é, sem dúvida, o Museu das Terras de Miranda, fundado em 1982. Aqui é possível presenciarmos recolhas de tradições longínquas e modos de vida destas terras. Terra rica em expressões culturais, o Planalto Mirandês destaca-se pela sua arquitetura habitacional característica, pelos seus hábitos agro-pastoris, pelo seu modo de vestir tradicional e pela sua capa de honra. Destacam-se ainda os instrumentos musicais tradicionais como a gaita de fole mirandesa, a caixa e o bombo, entre outros.

A par de António Maria Mourinho, também Amadeu Ferreira traçou um percurso literário dedicado à língua mirandesa. Professor e vice-presidente da Comissão do Mercado de Valores de Mobiliários (CMVM), recentemente falecido, sobressaiu como tradutor e romancista de várias obras de e para a língua mirandesa. Destacamos *Quatro Evangelos* (“Ls quatro eibangeillos”, em mirandês), *Os Lusíadas*, *a Mensagem*, *o Príncipezinho* e alguns poemas clássicos, como Horácio. Contudo, o livro mais vendido é, sem dúvida, *Asterix l gaulés* (“As Aventuras de Asterix”).

Defende que as línguas estão permanentemente em perigo e, por serem humanas, morrem se não forem cuidadas. Amadeu Ferreira propôs que a autarquia de Miranda do Douro passasse a escrever em mirandês e que fossem criados incentivos de emprego aos falantes. O próprio ensino, que existe mas não é obrigatório, precisa de ser mais apoiado e, por não ser obrigatório, pode acabar a qualquer momento, deixando de se fazer a transmissão da língua.

Amadeu Ferreira, além de tradutor e romancista, sobressaiu também como poeta. Nesta vertente literária, escreveu sob vários pseudónimos. Os mais conhecidos são Francisco Niebro e Fonso Roixo.

Com a oficialização, o interesse pela língua mirandesa aumentou consideravelmente, de maneira que muitos mais livros escritos foram editados em mirandês.

A Câmara Municipal de Miranda do Douro contribuiu com o seu apoio para a edição de novos livros em mirandês através da promoção de concursos literários. Um desses livros, *Miranda ye la mie tierra*, de Francisco Fernandes, escrito em verso, sobre cada uma das aldeias do concelho.

Outro livro editado foi *Lhiteratura Oral Mirandesa – Recuólha de textos na mirandês*, de António Bárbolo Alves. Trata-se de um livro de recolhas da tradição oral de todas as aldeias do Planalto Mirandês. Inclui contos, histórias e anedotas mais conhecidas da Terra de Miranda.

São de destacar ainda outros livros, totalmente escritos em mirandês. Entre eles, e a título exemplificativo:

- *Cabedeiros*, de Francisc Niebro;
- *Cuntas de la Tierra de las Faias*, de António Bárbolo Alves;
- *Las Cuntas de Tiu Jouquin*, de Francisc Niebro;
- *Ditos Dezideiros*, de António Maria Mourinho;
- *Antroduçon al Mirandês*, de vários autores;
- *L Purmeiro Libro de Bersos*, de Fonso Roixo;
- *La proua de ser sendinês*, de Emílio Pires Martins;
- *Tortulhas – Cuontas deste Mundo i de l Outro*, de Alfredo Cameirão.

A par do grande impulsionador da língua e cultura mirandesas que foi José de Leite Vasconcelos, e que de uma forma muito peculiar deu início a esta grande trajetória da descoberta mirandesa, outros nomes estarão para sempre ligados a esta língua e cultura singulares. Além de António Maria Mourinho e de Amadeu Ferreira, muitos são os estudiosos, os investigadores e os interessados que trabalham para que a língua mirandesa não caia no esquecimento. A eles nos fomos referindo ao longo deste trabalho através de comentários e citações.

## 2.5 Enquanto a *lhéngua* for cantada

A língua mirandesa é uma espécie de chapéu que abriga toda uma cultura específica de Miranda e que se reveste das mais variadas formas – do teatro aos contos, das lendas aos saberes e fazeres. Passando pela música. O *Galandum Galundaina*, grupo de música tradicional local, correm o mundo a cantar em mirandês e fazem parte de uma nova geração de músicos que têm preservado a língua em forma de cantar. Os elementos que compõem o grupo constroem os instrumentos, compõem, recolhem sons tradicionais e dão-lhes uma nova roupagem. Mais moderna. No decorrer das duas últimas décadas, este grupo musical “contribuiu para o estudo, preservação e divulgação da identidade cultural das Terras de Miranda, Nordeste Transmontano”. (*site oficial Galandum Galundaina*<sup>27</sup>)

Também o Centro de Música Tradicional Sons da Terra, criado em 2002, em Sendim, tem contribuído na promoção da cultura tradicional do nordeste transmontano. Sob a responsabilidade de Mário Correia, o centro procura dar resposta às diversas necessidades com que as entidades e pessoas individuais se deparam para a divulgação e a investigação da música tradicional do nordeste transmontano.

De cariz privada, este centro de música tem vindo a gravar músicas e canções tradicionais, com especial relevo para a música da Terra de Miranda. Gaiteiros, cantadeiras, grupos corais, etc. tiveram o privilégio de cantar as suas canções usando os instrumentos típicos da região: gaita-de-foles, caixa e bombo, ou recorrendo simplesmente à sua voz, em língua mirandesa.

Gostaríamos também de destacar *Sons da Terra* dando a oportunidade para a edição do 1º CD do grupo musical rock que canta em língua mirandesa. São os *Pica Tumilho* com o seu trabalho *Sacho, Gaçpóia i Rock n’Roll*. Além da edição de CDs, *Sons da Terra* também promove algumas iniciativas culturais importantes: conferências sobre a língua e cultura mirandesas, encontros de gaiteiros e o Festival Intercéltico de Sendim, que está nas rotas internacionais dos festivais de músicas *folk* do mundo.

O centro abriga ainda uma biblioteca que tem servido de apoio a investigadores e estudantes da língua mirandesa. Já passaram por Sendim estudiosos japoneses, polacos, espanhóis, húngaros, alemães, brasileiros e austríacos.

---

<sup>27</sup> <http://www.galandum.co.pt>. (consultado em 11 de março de 2015).

Outra das joias do Centro é um espólio de mais de 50 mil fotografias antigas que permitiram fixar no tempo rostos de antigos gaiteiros, cantores e pauliteiros. Todos falantes de mirandês. Porque “o monumento mais vivo são as pessoas”, diz o etnomusicólogo (Correia, 11 de março de 2015: entrevista presencial). Mas as pessoas são a matéria que mais vai faltando em Miranda do Douro.

Alguns concursos de música cantada e escrita em língua mirandesa são promovidos pela Câmara Municipal de Miranda do Douro e pela *Caramonico*, Associação para o Desenvolvimento Integrado de Palaçoulo.

## **2.6 Anstituto de la Lhéngua Mirandesa**

O Instituto da Língua Mirandesa pretende ser uma instituição central para a representação, investigação, promoção e divulgação da língua mirandesa. A Comissão Instaladora do instituto foi constituída há alguns anos, com sede em Miranda do Douro. A criação deste instituto fez-se necessário para que a língua mirandesa pudesse ser inscrita no BELMR – Bureau Européen pour les Langues Moins Répandues (Comité Europeu para as Línguas Minoritárias), merecendo o reconhecimento da língua mirandesa por outros países e, conseqüentemente, a sua promoção.

De referir ainda que, a pedido da Comissão Instaladora do Instituto da Língua Mirandesa, o Ministério dos Negócios Estrangeiros português abriu caminho para que Portugal pudesse assinar a Carta Europeia das Línguas Regionais e Minoritárias, documento promovido pelo Conselho da Europa. Contudo, a mesma assinatura ainda não se efetivou até hoje.

## **2.7 A toponímia, espelho de memória e de identidade**

A globalização e a vivência quotidiana à escala mundial têm-nos incitado a olhar cada vez com mais atenção para o mundo concreto que nos rodeia, criando-se e cimentando-se uma cultura de proximidade maior. Nesse âmbito, começamos a interrogar-nos sobre quem somos, quem foram os que estiveram no lugar onde nós agora nos encontramos, quem ajudou na construção desta comunidade em que, afinal, estamos inseridos. E consciencializámo-nos bem depressa de que, afinal, esses letreiros ou placas com que nos confrontamos no dia-a-dia, sem sequer nos preocuparmos muito com eles, constituem, de facto, um sinal do que foi o passado das pessoas que nos antecederam, dos filhos ilustres da terra onde vivemos.

Verificámos, também, que a atribuição do nome a um local ou uma rua não correspondia à vontade de apenas uma pessoa, mas sim de um coletivo, que a discutiu, que pesou os prós e os contras, quer porque a personalidade cujo nome aí se desejava perpetuar poderia não acolher unanimidade de simpatia, quer porque a população sempre se habituara a designar assim aquele sítio e por aí se deveria singrar.

Nas zonas onde coabitam, por exemplo, dois idiomas as palavras refletem essa dualidade. É o caso do concelho de Miranda do Douro, procurando-se preservar a memória do sítio.

Assim, dois anos antes da oficialização da língua mirandesa, em agosto de 1996, uma aldeia do concelho de Miranda do Douro, Picote, foi falada em todo o país por ter sido a primeira localidade a colocar as placas toponímicas de quase todas as suas ruas e ruelas em língua mirandesa, ao lado das placas já existentes em língua portuguesa. Esta iniciativa nasceu, pois, da “sociedade civil e não de uma entidade oficial, o que mostra de uma maneira muito clara que a língua é uma coisa que as pessoas desta região trazem dentro de si” (Quarteu e Conde 2002: 101). Em cada placa, um gesto de reconhecimento, em cada reconhecimento, o apelo a fomentar comunhão, no sentido profundo da palavra: comum união – a potenciar sinergias.

Numa descrição mais minuciosa, António Maria Mourinho consegue com exatidão corroborar esta questão toponímica:

(...) ficaram termos e expressões telúricas que formam a toponímia local ou os nomes do termo das povoações, algumas de origem pré-latina, e até pré-histórica, a que a língua mirandesa aplicou as suas leis de pronúncia e designação como: (...) *Mâmolos, Marmolinas, Fraga da Proba, Canhada, Cabanha, Rechano, Beiga, Vereia* (...). Diremos que toda a Terra mirandesa está coberta por esta nomenclatura que o homem desde o princípio aplicou aos locais e os foi amoldando à linguagem que falava; ou seja, este espírito linguístico que é a toponímia, primeira base e assentamento do vocabulário, para o homem conhecer e saber os lugares por onde andava. (Mourinho 1988: 8)

É, de facto, notório como a toponímia original tem remanescido ao longo dos anos esclarecendo, a quem lá passa, a origem ou o significado etimológico dos diferentes sítios desta região numa perspetiva de preservação da memória e da sua especificidade natural num contexto de ambiente rural.

## Capítulo II

### 1. Entrevista ao Dr. Mário Correia, realizada a 11 de Março de 2015, no Centro de Música Tradicional “Sons da Terra”, em Sendim.

*Sons da Terra* é um projeto de recolhas musicais de tradição oral que procura aproximar o passado ao máximo possível da respetiva presença, num confronto singular contra o desaparecimento da memória coletiva. Aqui, procura-se fazer registo e dar testemunho de um património cultural num tempo determinado, com a consciência de que muito se foi perdendo e algo se foi preservando na sucessão dos dias que fazem os ciclos da vida das gentes da terra.

Na certeza de que a tradição é o que é, sempre diferente do que já foi ou do que será, *Sons da Terra* faz agora o eco possível do passado, procurando contribuir para a fixação da memória da tradição, em constante mutação. Com gente viva. Aqui e agora, num tempo de viagens e de recomeço constante.

Unir a modernidade e a tradição tem sido a tarefa, ao longo dos últimos anos, de Mário Correia, o responsável pelo Centro de Música Tradicional *Sons da Terra*, em Sendim. O edifício, restaurado recentemente, era a residência de um padre, mas que foi reconvertido em espaço cultural. Nas prateleiras há centenas de CD e DVD etiquetados e meticulosamente organizados: são o resultado de vários anos de recolha no terreno de cantares e dizeres tradicionais, interpretados pela gente das aldeias de Miranda. Carolice de Mário Correia, que nem sequer é de Trás-os-Montes: nasceu no Porto e formou-se em Economia. Passou pela gestão de grandes empresas, pela Inspeção-Geral de Finanças e pela Inspeção Tributária. Até que um dia decidiu fazer as malas e rumar até Miranda com uma ideia na cabeça: gravar os sons dos gaiteros tradicionais que na altura, em 1994, estavam praticamente em extinção. O economista foi ficando, estabeleceu-se na vila de Sendim, criou uma editora – Sons da Terra – e já lançou mais de uma centena de discos. O centro abriga ainda uma biblioteca que tem servido de apoio a investigadores e estudantes da língua mirandesa. Já passaram por Sendim estudiosos japoneses, polacos, espanhóis, húngaros, alemães, brasileiros e austríacos.

Outra das joias do centro é um espólio de mais de 50 mil fotografias antigas que permitiram fixar no tempo rostos de antigos gaiteros, cantores e pauliteiros. Todos falantes de mirandês. “O monumento mais vivo são as pessoas. Mas as pessoas são a matéria que mais vai faltando em Miranda do Douro”, concluiu Mário Correia.

## **1.1 Transcrição da entrevista a Mário Correia, responsável do Centro de Música Tradicional “Sons da Terra”, com sede em Sendim.**

Mário Correia (Praia da Granja, 1952), etnomusicólogo e apaixonado da música tradicional e popular portuguesa, é um dos nomes sonantes associados às Terras de Miranda. Pioneiro na divulgação da música folk em Portugal, lança o “Festival Intercéltico de Sendim” em 2000 que tem vindo a marcar presença anualmente desde então. Em 2001, funda o Centro de Música Tradicional “Sons da Terra”, espaço onde reúne uma vasta coletânea de recolhas musicais de tradição oral portuguesa. É investigador na qualidade de membro fundador do IELT (Instituto de Estudos de Literatura Tradicional) da Universidade Nova de Lisboa, Membro da Academia de Letras de Trás-os-Montes e Vice-presidente da Associação de Língua e Cultura Mirandesa.

Foram-lhe atribuídos os prémios XII Prémio Europeu de Folklore Agapito Marazuela (2007), em Espanha e o Prémio Chosco de Oro (2010), nas Astúrias. Em 2012, o Governo de Portugal concedeu-lhe a Medalha de Mérito Cultural.

Dados da Entrevista e do Projeto:

Data: 11/03/2015

Local: Sendim (Miranda do Douro)

Nome do Entrevistado: Mário Correia

Tipo de entrevista: semiestruturada e presencial, com base em gravação áudio.

Duração: 1h43min.

Páginas transcritas: 22

Projeto: trabalho de pesquisa como parte integrante da dissertação de mestrado, a ser defendida na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Olinda Santana.

Tratando-se de uma entrevista semiestruturada, com um roteiro de perguntas pré-elaboradas, o nosso objetivo principal prende-se com a obtenção de respostas que se relacionam com o tema da nossa pesquisa. As questões colocadas pretendem guiar-nos para novas hipóteses de estudo



a partir das respostas do nosso entrevistado. Entendemos, pois, que a recolha das informações aqui transcritas favorece não apenas a descrição dos factos, mas também a sua explicação e a sua compreensão no universo da língua e cultura mirandesas.

Assim, e numa linha histórico-cultural (dialética), decidimos colocar perguntas descritivas para atingirmos o máximo de clareza nas respostas e, conseqüentemente, perceber o seu significado imediato do ponto de vista antropológico e sociológico.

Elaborado o guião, feita a entrevista, partimos para a transcrição da mesma.

## TRANSCRIÇÃO ÁUDIO

### **1 – A influência da cultura na componente musical.**

A música dita tradicional mirandesa acontece numa região que normalmente nós consideramos uma região de transição e as regiões de transição têm culturas de transição.

Há uma tese muito interessante que foi apresentada na *Complutense de Madrid* que tentava explicar o carácter submisso do transmontano através de uma tese que era a seguinte: ao longo da História, muitas foram as tribos que foram sendo sucessivamente escoraçadas do centro europeu e que aqui se acantonavam e aqui descansavam de ser perseguidas. Estas sete serras que limitam o nordeste transmontano do Planalto Mirandês configuram um espaço em que nós temos um campo aberto para a Meseta Ibérica. Portanto, aqui chegavam os povos fugidos e aqui se acantonavam. Nós temos vestígios, sobretudo arqueológicos, que demonstram presença de romanos, presença de godos, de visigodos, de suevos, de alanos, de zuelas, etc. Portanto, há uma sobreposição de povos.

Essa tese da *Complutense* se refere que tendencialmente que um povo derrotado é um povo que se cala. É um povo que se acomoda, que fica quieto e caladinho a ver o que é que vai acontecer quando chegam outros. E quando chegam outros não sabe se são conquistadores ou se são também escoraçados e fugidos.

Ao longo da História, e se consultar os movimentos mesmo pré-romanos, nós vemos que são muitos e variados os povos que se detêm nesta região.

Um património é sempre uma sobreposição de tempos, resulta sempre dessa sobreposição. Portanto, é de presumir que numa primeira análise, a música mirandesa reflita todos esses aspetos. E se nós formos verificar determinados aspetos da cultura musical mirandesa e de manifestações às quais ela está associada, nós vamos encontrar uma quantidade de influências extraordinárias.

Por exemplo, nas Festas das Mascaradas de Inverno, normalmente surgem cruces de cortiça queimada que são nada mais nada menos que as cruces visigóticas. No entanto, se formos às Festas dos Ramos - os ramos são ofertas, cristianizadas aos santos locais, enfim - esses ramos são acompanhados de rondas de peditórios musicais, de expressões musicais, que

são as chamadas «lhoas», em que nós encontramos-las exatamente as mesmas que encontramos nas Astúrias, na recolha do *Aguinaldo*.

30 Se olharmos para as danças dos Pauliteiros, elas não são nada mais nada menos que as danças de pauliteiros e paulitroques das Astúrias, Castela-Leão ou Ball de Bastons dos Catalães. Inclusive, as próprias designações de muitos dos *lhaços* (*lhaços* é a designação da música bailada pelos Pauliteiros), que aqui não se chamavam Pauliteiros, eram sempre «Paulitos» ou «Paulos», como dizem do outro lado. Ainda hoje se diz a «Dança dos Paulitos». Os Paulitos/Pauliteiros é uma designação vinda de fora. Isso vai-nos remeter para a Meseta Ibérica. A maior parte dos *lhaços* tem letras e são letras castelhanas. Nalguns casos, apresentam algumas influências, algumas interferências linguísticas, nomeadamente com o babo, com o leonês mas sobretudo a base é castelhana.

40 Depois temos expressões musicais como os «Bailas», em que é realmente extraordinário, nós encontrarmos um espécime que é o «Redondo». O Redondo é uma música muito específica da Terra de Miranda e que se encontra, e que foi recolhida, as mais antigas recolhas remetem-nos para a zona de Ifanes. O Redondo é «Nós daqui e vós dali / Plantaremos muitos nabos / Tara tira tara tam». Isto é musicalmente um andro-bretão. E aqui começamos a pensar: porquê exatamente a mesma estrutura melódica que o andro-bretão? Pela mesma razão que um «Repassiado», que é uma das músicas mais emblemáticas das danças da Terra de Miranda. Ela não é mais do que um passo doble. A estrutura é um passo doble. Mas também um vira do Minho é a valsa. No fundo, é uma valsa.

50 Portanto, tudo isto é resultado de muitas e variadas migrações culturais ao longo dos séculos. Da aculturação da música mirandesa, em boa verdade não podemos referir nada em especial a não ser aquilo que são características também de outras culturas. Uma certa ligação à Natureza, a exaltação da relação do homem com o meio, a contemplação mítica das forças dessa Natureza. Mas isso é comum a várias culturas. Às vezes passa-se a ideia do celtismo como qualquer coisa muito contemplativa, muito ligado à Natureza. Muito isso encontramos em todas as culturas.

(Intervenção da Mestranda, Margarete Silva, referindo que a questão vem mais no encontro do Festival Intercéltico...)

Ah, isso tem outra explicação.

O Festival Intercéltico.

Em primeiro lugar, é preciso explicar como surgiram estes movimentos.

60 Nos anos 80 do século passado, coincidiram uma série de governos quer em Portugal, quer em Espanha, quer em França que não eram socialistas. E as cidades periféricas em relação a Lisboa, Madrid e Paris eram governadas maioritariamente por presidentes da área socialista. E na altura criou-se uma associação que era a *Associação do Arco do Atlântico* envolvendo sobretudo os países, as regiões deste arco atlântico até à Normandia que pretendiam exercer da periferia uma pressão sobre os governos centrais. E é sobre a égide da Associação do Arco do Atlântico que se vão criar uma série de manifestações tendentes a afirmar a especificidade dessas periferias. Portanto, as suas realidades culturais. Vários eventos foram criados para dar relevância à Associação do Arco do Atlântico e um deles foi, por exemplo, a realização de festivais marítimos envolvendo os barcos que ainda hoje são  
70 uma realidade.

Há vários festivais da componente dos barcos quer em Vigo, quer em Ortigueira, quer em Luar, quer em Avilés que estão a percorrer a cornija cantábrica. Portanto, em toda essa zona até à Bretanha ainda se fazem. E na altura pensou-se, para dar mais visibilidade a isto, era interessante criar-se um evento musical que mostrasse a especificidade porque afinal as músicas no norte eram diferentes das músicas das capitais, de Lisboa, de Madrid e de Paris. Portanto, que afirmasse a identidade das regiões periféricas. E na altura foi bem claro, criaram-se uma série de festivais que usaram como modelo um festival que existia que era o *Festival Interceltique de Lorient*, da Bretanha. E esse é a referência. E todos esses festivais começam como sendo nada mais, nada menos do que eventos de natureza folclórica.

80 Apresentavam-se os ranchos folclóricos, o folclore de cada uma das regiões. Só posteriormente, já no início dos anos 90, com a pressão que recebemos das músicas sobretudo da Irlanda e da Inglaterra, da Inglaterra sobretudo a componente do folk-rock. Portanto, eram músicas que tinham uma estética rock mas que se apoiavam na música tradicional. Iam à procura de uma identificação, digamos de uma identidade caracterizadora de uma determinada região e na Irlanda mais uma componente tradicional.

Só a partir dos anos 90 é que começam a ser incorporados nestes festivais os grupos folk, as músicas em segunda mão como nós chamamos e deixamos a programação da área folclórica e fazemos a programação em grupos folk.

Portanto, os festivais intercélticos não são festivais que vêm promover a música celta.  
90 Efetivamente havia, do ponto de vista arqueológico, provas suficientes para nos mostrar que  
tinha havido assentamentos de tribos celtas em todo este Arco do Atlântico. E então são  
intercélticos não porque promovam a música celta, porque em boa verdade ninguém sabe o  
que era isso. Primeiro, não temos um único instrumento que se possa dizer que foi tocado  
pelos celtas. Foi criada a história da harpa celta, da gaita-de-foles. A gaita-de-foles na sua  
origem, hoje é clássica, que vem da zona indo-paquistanesa ou do Norte de África. Portanto,  
não há discussão possível.

A cultura dos celtas era uma cultura de tradição oral, portanto não havia escrita, não  
conhecemos qualquer instrumento, qualquer música ou o que quer que fosse tocado. E em boa  
verdade, até ao século XII, ainda conseguimos chegar às sonoridades. Para trás não  
100 conseguimos. Portanto, ninguém sabe o que é a música celta. Em boa verdade ninguém sabe.

Eu, o ano passado, participei no Congresso da Cultura Celta de Ponte da Barca e era  
suposto eu ter sido convidado para falar da música celta. E eu disse exatamente que não há.  
Eu posso levar a cópia das atas e tudo isto que estou a explicar. Eu tenho aqui um documento  
em que refere isso.

Portanto, o que é que acontecia na altura? Acontecia que as editoras discográficas, um  
bocadinho associadas a uma expressão que era a «New Age», chegavam à conclusão que estas  
músicas que vendiam, que tinham procura e tudo isso, e criou-se a etiqueta da música celta  
que em boa verdade ninguém sabe o que é nem pode saber e que não há documentos que nos  
permitam chegar a isso. E ponto final. Tudo arrumado.

110 O que é que nós encontramos, por exemplo, aqui na Terra de Miranda? Alguns  
topónimos de origem celta, mas também estão topónimos de origem visigótica, e romana, e o  
que quer que seja.

Coincidências de saberes e de fazeres, de cultos. Se formos visitar os santuários  
rupestres pré-históricos aqui que existem na Terra de Miranda, sejam eles em Ifanes, em Vila  
Chã de Graciosa ou aqui no Palaçoulo, não vemos efetivamente aqueles santuários e, ok, a  
explicação é: o animal é abatido aqui, o sangue vinha por aqui, aquilo vê-se bem. Até se pode  
pegar numa garrafa de água e virar e aquilo percorre lá aquelas coisas todas, mas e depois? E  
o que é que nos atesta que é celta?

De concreto, e daí que houve uma reflexão muito interessante, de concreto estudou-se a possibilidade inclusive do próprio Festival Intercéltico de Sendim se passar a chamar «Festival Zuélico de Sendim» porque efetivamente no século I e II d. C. aqui esteve entre o (rio) Sabor e a fronteira a tribo dos Zuelas. A tribo dos Zuelas esteve aqui dois séculos. Era uma das 21 tribos asturo-leonesas. Então, é pela via asturo-leonesa que se criou a ideia de que era uma tribo celta. Mas isso não está provado. É que no fundo, celtas acabamos por ser todos nós.

Em 380 a.C., os Celtas invadiram Roma e saquearam Roma. As tribos celtas dominavam a Europa toda. E não vingou esse domínio porquê? Porque tinham uma cultura de organização tribal, não tinham uma organização transcentralizada e tudo isso, porque as suas leis dependiam da vontade da tribo. Não havia um corpo de leis como criaram os Romanos, e ainda hoje nos influencia o direito romano, um corpo de leis que se estende a todo um território. Portanto, havia uma organização meramente tribal que bastava que o chefe da tribo desaparecesse e que os eventuais dois ou três candidatos a sucessores se gladiassem para que a tribo se enfraquecesse, se dividisse e, enfim, desaparecesse.

Portanto, a influência da cultura celta em Portugal é uma série de manifestações. E uma delas é, por exemplo, esta: os maiores assentamentos megalíticos da cultura celta estão no sul. E há um bocado a ideia que os do norte são os celtas, nós somos celtas, mas a maior parte dos assentamentos megalíticos está lá baixo. O que nós sabemos, isso sim, é que há aspetos que nos deixam muita interrogação.

«Dur», que dá origem a «Douro», dá origem a «Mogadouro». Este elemento «dur» é água em bretão. Se o bretão é uma língua celta ou de origem celta, tínhamos alguma explicação. O que é facto é que «dur» quer dizer «água». E nós encontramos ainda hoje na Bretanha muitas terras que são «Douarnenez», «Tréguex». Portanto, qualquer coisa da água.

O topónimo «Mogadouro» significa, é composto por dois elementos: «dur» (água) e «mógo» (topónimo visigótico que significa «fronteira»). Portanto, «Mogadouro» era uma terra onde havia uma fronteira de água. Qual era a fronteira de água? Obviamente, o rio Douro cavado. Portanto o que faz a diferença entre um planalto e uma planície, é que numa planície o rio anda à superfície e no planalto está escavado na paisagem, na rocha. Portanto, e como nós encontramos estes topónimos há quem diga que este visigótico «mógo» poderia ser

150 também celta. É como, por exemplo, o rio Sabor. Porque é que nós dizemos «sabôr» e não dizemos «sabór»? Porque era «salabor», ou «terra de sapos». Ou melhor, era uma terra, um pântano. Sapos têm que estar junto de água. Portanto, quando eu digo «terra de sapos» este «bôr»... Há linguistas que dizem que era «saladur». É evidente que os linguistas explicam a caída do «l» e o duplo «a». Eles explicam isso facilmente. (...)

Portanto, o que é que nós dizemos sobre esta questão que coloca, sobre a influência da cultura celta? É muito difícil dizer que existe. Mas também é difícil dizer que não existe. Porque não temos elementos certos que nos permitam dizer o que era a música celta, o que é que os celtas tocavam, se é que tocavam. Sabemos, sim, que havia os *nafil*, os poetas, e que esse reconhecimento era apanágio dos druidas, que eram os sacerdotes. E que não havia  
160 escrita porque entendiam que a escrita era destruir o conhecimento. Portanto, não somos herdeiros de nada que não seja informação por via da tradição oral. E ó que é mais interessante é que nós, a informação que temos sobre as culturas célticas, é a visão do vencedor. Foi o que escreveu o vencedor. O «Bello Gallico», de Júlio César, é aquilo que Júlio César, os seus escribas enfim, entendiam sobre os vencidos. Portanto, era a visão do vencedor.

E sobre os Celtas, que foram os eternos derrotados, há uma explicação muito engraçada sobre a questão da «saudade». «Saudade» é aquele sentimento, tem saudades quem fica porque não partiu e tem saudades quem partiu porque não ficou. Então, isto explica algo que às zonas do Atlântico, às praias do Atlântico e o tal Eixo do Atlântico, daí que vá escolher  
170 justamente o tema da Natureza, a paisagem, as culturas locais, aqui se detiveram os povos vencidos ao longo dos séculos e expulsos da Europa Central. E aqui ficaram com medo dos que vinham e com a atração de os escapar e de ir para a frente. E daí que se lancem a descobrir novos mundos ao Mundo: portugueses, espanhóis, holandeses, bretões. Daí que se virem para o rio, para a água, para o mar. Então a saudade é justamente o ficar, mas ficar significava uma história toda de perseguições, de derrotas e ao longo das praias do Arco do Atlântico acantonaram-se todos os derrotados. Os germânicos, os tentões, os zulus, esses dominaram sempre o centro fértil da Europa que ainda hoje é o centro (...).

De maneira que é óbvio que poderemos encontrar aqui alguma explicação para um certo celtismo. E repare numa coisa: quem faz a América acaba por ser justamente esta gente  
180 derrotada, acantonada que não tinham saída nenhuma e que se mandam para o mar. Isto é extraordinário. E se pensarmos no caso dos portugueses, como resultado de uma série de

povos, a atração pelo desconhecido. Isso é muito Luís de Camões. Mas a atração pelo desconhecido, os cabos das tormentas, os adamastores era algo muito forte que os obrigava a deixar a terrinha e a meter-se nas cascas de nozes e a desaparecer por aí.

Portanto, estas são algumas reflexões que fizemos e que obviamente mais estudadas, mais elaboradas, são pistas e que nos deixam muito que pensar. E quando nós abordamos a questão das músicas celtas e dos celtismos. Por exemplo, um grande foco de irradiação da música celta hoje, ou da dita música celta, vem da América para aqui. É o *bringing it all back home*, ou seja, a América que foi construída por colonos irlandeses, escoceses, franceses, holandeses que criaram uma série de comunidades que na América ainda hoje, no Kentucky, 190 persistem aí núcleos muito fortes, é dali para cá que nos vem o revigoramento de muitas das músicas folk e tradicionais.

Este ano, por exemplo, vou programar para o Festival Intercéltico de Sendim um grupo que é da Costa Rica e que faz música celta, irlandesa, etc., música tradicional destas regiões ou países, com um grande sentido. Vê-se que há ali um *feeling*.

Isto tem a ver com quê? Tem a ver com as navegações, com os movimentos das pessoas. Só pode daí que nesta terra aqui o Nordeste Transmontano, que está aberto para tudo isto, a nossa música é resultado de séculos e séculos de movimentos e que esbarram aqui nas «Sete Serras» e aqui ficam. E os nossos bailes, temos que entender, para aquele lado, são (...). 200 Eu encontro exatamente a mesma letra em todos os grupos de Pauliteiros. Ou então aquele *lhaço* em ramada (...). E encontramos o paralelo que veio deste lado. E o pouco que não encontramos veio do Minho e do Douro Litoral e da Beira Alta pelos trabalhadores barragistas. É a aquisição recente. Que vieram trabalhar para as barragens nos anos 50. E quando foi definido pelo Estado Novo a Campanha Nacional do Trigo, ela definiu 2 regiões: uma no Nordeste Transmontano e outra no Alentejo.

Esta zona onde está (Sendim), isto era tudo bosques. Foi tudo destruído. Construíram-se os grandes celeiros que ainda vêm (celeiros EPAC) e cria-se aqui a região, uma por causa do clima. Uma Campanha Nacional do Trigo do Estado Novo tem no Nordeste Transmontano uma grande força. Nos anos 50/60 produzia-se imenso trigo. Ainda hoje há uma memória 210 afetiva sobre as segadas, as cantigas das segadas, as trilhas, coisas extraordinárias, sol a sol, um calor. Há uma memória porque isso afetou efetivamente a vida das gentes. O que é que elas fazem, as pessoas que vêm para aqui trabalhar, para as segadas periodicamente? Aquilo



que não precisa de passaporte: as cantigas, as modas das suas terras nos momentos de lazer. Nós temos minhotos, durienses e beirões a interpretar esses seus temas. E então é muito fácil chegarmos aqui a uma festa e ouvirmos um vira e um malhão. Mas também uma modinha de bombos da Beira ou as polifonias do Douro Litoral. E então somos nós, isso tem a ver com o que dizia no restaurante sobre o que vamos dizer: isto não é mirandês, isto não é daqui. Isto é das pessoas. Isso é que é importante. As coisas coexistem aqui. De maneira que em termos de influências, quando eu disse há bocado, uma terra de transição tem uma música de transição, só podia ter. Isto tem que estar tudo misturado, isto tem que estar tudo encadeado e o fascinante quando se chega e esta terra é que nós penduramos aqui na Península Ibérica e realmente isto é absolutamente extraordinário a abertura.

É absolutamente extraordinária a centralidade desta terra, é absolutamente notável.

Eu sou uma pessoa que estuda muito a questão Astúrias, Castela-Leão e Galiza e, sobretudo, os modos, os saberes, os fazeres, os modos de pensar, de bailar, de tocar. Eu vou às festas aqui às vizinhas terras deste lado e elas são exatamente a mesma coisa. São exatamente a mesma coisa.

Portanto, qual é o fundo? O fundo só pode ser a sobreposição de tempos destes povos todos. E as pessoas o que é que conservam? Aquilo que gostam. Não é aquilo que nós achamos que é mais puro. E depois chegar a uma terra destas em que ao longo dos séculos teve tantas tribos, tantas e tão desvairadas gentes como dizia Camões, e dizer e chegar aqui: «Isto é puro», não pode. Isto tem que se ter misturado tudo. Não se esqueçam que aqui inventaram a alheira que é para dizer que não eram judeus. As pessoas têm de se adaptar.

Nós vivemos no mundo do inautêntico, tudo é híbrido, tudo é inautêntico. As pessoas gostam e conservam, não gostam deitam fora. (...)

Portanto, ao contrário dos cachorros, aqui as coisas normalmente patrimonializam-se quando deixam de ter utilidade. Portanto, um arado passou a ser património a partir do momento em que deixam de o usar. Dantes era uma alfaia agrícola. Portanto, as velhas tríadas estão patrimonializadas, umas coisas em cima porque se deixavam de utilizar. Deixou de haver trigo, tão simples como isso. As rodas dos carros antigos dos bois hoje ficam muito bem nos jardins, no restaurante, pintadinhas, envernizadas porque deixou de haver. Há tratores, portanto.

Em relação à cultura, influências de cultura aqui existem todas e não existe nenhuma. Todas elas existem e não existe nenhuma. Todas elas se conjugam. E um país como Portugal, no Alentejo exatamente a mesma coisa. Repare, nós hoje se vamos para o campo e procuramos espécimen tradicionais, eu fico muito contente se encontro polcas, mazurcas, contradanças, etc. Tudo isto foi trazido em meados do século XVII pelos soldados franceses aquando das invasões. E há um processo de tradicionalização. Quem faz a tradicionalização são as pessoas mercê de uma série de fatores e tudo isso. Portanto, o que é que aconteceu? Aconteceu que realmente nós acabámos por ser este cozido, cozido à portuguesa. Acabámos por ser o resultado de tudo isto e que se calhar o que define muito os povos das periferias é eles serem o resultado das muitas e desvairadas gentes. A nossa maneira de ser tem de estar formada por tudo isto. Tem de ser determinada por tudo isto. Nem poderia ser de outra maneira. Portanto, somos o resultado de misturas e tudo isso.

## **2 – A tradução (*traduçon*) moderna da música raiana, analisando alguns grupos musicais de cariz mirandês.**

Nós neste momento, Terra de Miranda, eu quando digo Terra de Miranda digo Planalto Mirandês, embora o Planalto Mirandês se estenda praticamente até Bragança em termos culturais porque nós chegamos ali ao Outeiro, em janeiro, quando estive na Festa do Charolo, ou Festa de S. Gonçalo, em que a partir de certa altura no final da procissão há uma dança que é a «Dança das Roscas», que não é nada mais do que a bicha mirandesa ou as chulas de Ujós, que é uma dança chamada «Dança das Coladas» em que há um grupo de homens e um grupo de mulheres que bailam e que depois, ao cruzarem-se, dão-se pequenos toques com o rabiote uns aos outros. Portanto, é uma dança bastante divulgada e que faz com que quando estamos no Planalto Mirandês, o conceito deva ser bastante abrangente. Nós encontramos, por exemplo, Pauliteiros em Salsas, Macedo de Cavaleiros. Portanto, o tal território dos zuelas entre o Sabor e a fronteira é bastante amplo.

Claro, os de Bragança e os lá de cima não gostam muito de ser encaixados no mirandês mas os de Freixo-de-Espada-à-Cinta e Torre de Moncorvo já não variam. Há uma simpatia, enfim. Também são periféricos em relação a Bragança.

A tradução moderna da música raiana tem vindo a ter dois aspetos muito interessantes. Os grupos de cariz tradicional estão praticamente a desaparecer. E os grupos de cariz tradicional lutam com uma dificuldade que é, por exemplo, se têm a estrutura de ranchos é a

inexistência de pessoas para os ranchos, ou são muito velhos que estão nas aldeias ou os novos chegam aos 14/15 anos e vão embora.

Surgem grupos, aquilo a que chamamos os grupos em segunda mão, a fazer uma atualização desses reportórios, utilizando a língua mirandesa. Utiliza, por exemplo, Galadum Galundaina, a língua mirandesa mas respeitando a Convenção Ortográfica. Mas o Trasga ou o Pica Tomilho já não respeitam a Convenção Ortográfica.

280 O Trasga, que é o grupo do Célio Pires, entendeu que devem cantar no mirandês de Constantim, o mirandês raiano que tem características diferentes do mirandês central e do sul. E aqui em Sendim, por exemplo, os Pica Tomilho, entendem que devem fazê-lo de acordo com aquilo a que chamou, embora propriamente o dialeto mirandês as diferenças não são muito grandes do sendinês, usa o «vós» (...). São pequenas variantes.

Há, efetivamente, uma continuidade. O cante em mirandês sempre existiu. É preciso ver que isto aqui tem a ver com a **3ª questão (Línguas em contacto)**. Nós tivemos sempre um trilinguismo. E o trilinguismo tem a ver com o português, o mirandês e o castelhano. Essencialmente o castelhano.

290 Nós gravámos muitas cantigas, muita literatura oral em que as interferências linguísticas são absolutamente notáveis. E quanto mais nos aproximamos da zona da raia seca, da zona norte do concelho, tanto mais evidente é tudo isso. De tal maneira que aqui há 4 ou 5 anos a televisão das Astúrias encomendou-me dois programas sobre cante tradicional na Terra de Miranda e eles foram feitos na zona de Constantim porque havia realmente uma forte presença do mirandês e do português, enfim. Mais do mirandês. E o mirandês que os asturianos, e a Olinda sabe isso porque acompanhou, que se reviam e tinham alguma inveja sobre a dinâmica do mirandês aqui e tudo isso porque era um reconhecimento que eles não tinham lá. E o que é facto é que se colocarmos um falante asturiano de Babo com um mirandês se entendem às mil maravilhas e falam horas e horas que é absolutamente extraordinário.

300 Isso fez com que na música desta região raiana, nos últimos tempos, tenha havido um forte intercâmbio de grupos portugueses e castelhanos, essencialmente. Eu fui um bocado dinamizador disso através do Festival porque as Astúrias e Castela-Leão têm sempre uma presença bastante forte e nos últimos tempos tem-se vindo a reforçar a questão do cantar em mirandês. Tem-se vindo por razões diversas, porque de alguma maneira é moda. As pessoas

perceberam que fazia a diferença e porque as escolas também tiveram um papel muito importante de sensibilização. Eu penso que aquele conceito de quem falava mirandês era um «palhanço», era a língua «charra» e quem falava português falava fidalgo. «Ai é fidalgo, fala português!». Eu penso que isso acabou e se diluiu.

310 Agora o problema é que estas são línguas que foram transmitidas de tradição oral, transmissão boca-a-boca, porque nunca estiveram escritas. As pessoas hoje não se revêm na Convenção, continua a haver alguma discussão em relação a isso. Embora o facto de haver o ensino já há uma normalização e um respeito pela Convenção. As próprias edições de entidades oficiais têm que obedecer à questão da Convenção. O drama todo é que fora deste contexto depois já não se fala o mirandês. E aquilo que o Amadeu Ferreira dizia que era a língua dos sonhos, do amor, da casa e da família, efetivamente isso é um mundo em desaparecimento. De maneira que hoje cantamos, os poucos ranchos que existem cantam em mirandês: o Duas Igrejas, o Miradanças, o Rancho de Paralelo, o Caramunco aqui de Palaçoulo, os temas, mas é preciso ver uma coisa: é que no folclore mirandês eu arriscaria que, pelo menos 50%, eram espécime em português. Não tenhamos ilusões. E o próprio  
320 Mourinho no Cancioneiro dele plasmou muitos dos textos das cantigas são em português. Portanto, também não vamos ter a ideia redutora que isto era a aldeia de Asterix, todos os falantes a falar mirandês. Que não era.

Não sei se viu aquele filme que se faz para o canal «História» sobre o mirandês? Em que na altura lançou alguma celeuma porque eu fui entrevistado, enfim, entenderam que eu tinha algo de importante a dizer. O que eu disse foi que concordava com aquilo que a UNESCO diz: uma língua que tenha menos de 100 mil falantes está condenada tendencialmente ao desaparecimento. Não vale a pena.

330 Tentámos algumas coisas aqui, a dupla toponímia. Se for daqui até Miranda encontra a dupla toponímia em todas as localidades. Aqui nas ruas de Sendim, se olhar também tem a dupla toponímia. Mas era preciso fazer a discriminação positiva, por exemplo, os restaurantes tivessem uma lista em português e em mirandês. Era preciso fazer uma discriminação em relação, por exemplo, a quem fizesse escritura em mirandês no Notário ou nos documentos. Era preciso criar manuais para as escolas que não estão criados. O facto de nós, a Associação de Língua e Cultura Mirandesa, termos feito a escritura em português e em mirandês, isso levantou o cabo dos trabalhos porque não há tradutores oficialmente reconhecidos como tal sobre o mirandês. Isto levanta problemas. (...)

Aqui levanta-se esta questão. Por exemplo, as assembleias municipais, o Carlos Ferreira, o irmão do Amadeu, é o único que fala em mirandês. E faz as intervenções. No entanto, qualquer deputado pode dizer-se «Senhor Presidente, Senhora Presidente», que é a  
340 Dra. Jacinta, «Eu requero uma tradução e quero receber o texto.» Isto dava o cabo dos trabalhos.

Portanto, isto é meia bola e força, é o nacional porreirismo. É romântico. Até eu que escrevo em mirandês a minha crónica semanal, eu, tu, vós, fico todo... Vamos ser realistas. É um bocadinho de fantasia e do romantismo também não faz mal nenhum. No fundo, é isto. Por exemplo, o Amadeu traduz a «Mensagem» do Fernando Pessoa para mirandês, traduz «Os Lusíadas», e depois? Quais são as consequências que isto tem? Inclusive os próprios livros não estão à venda nas poucas livrarias que existem aí para eventualmente se satisfazer a curiosidade do turista.

(Intervenção da Prof.<sup>a</sup> Dra. Olinda Santana)

350 Agora vou buscar as minhas prerrogativas de economista. Isto não tem escala. A língua tinha que ser também uma indústria, tinha que ter um valor económico, tinha-se que conferir à língua um valor económico. Agora, como é que se confere?

(Intervenção da Prof.<sup>a</sup> Dra. Olinda Santana)

Todos os anos, até há dois anos a esta parte, tinha que vir um despacho do ministro a dizer: «Sim, sim continue-se com as aulas de mirandês.»

(...)

360 Ao conferir-lhe um valor económico, ou melhor, fazer com que ela tenha um... Os mirandeses é um povo que, se devem uma volta, vêm que era difícil tirar o pão destas pedras, desta terra, deste clima. E quem está aqui, passa aqui como eu, por opção de se edificar cá, isto sacar um bocadinho de pão desta terra era muito complicado. E então todo o esforço dele foi canalizado ao longo dos tempos para obter um proveito.

Miranda do Douro começa por ser uma cidade quinhentista mas é um couto dos homiziados. Começou por ser um couto dos homiziados. O que queria dizer que quem cometesse um crime na Coroa, de castigo, ou ia para as galés ou era deportado cá para cima. Era para morrer abandonado lá. Isto é muito importante. Se era castigo para vir para aqui é

porque as condições aqui não eram propriamente as melhores. Portanto, esta gente para sobreviver aqui teve que orientar todo o seu esforço para produzir qualquer coisa, para retirar qualquer proveito. Enquanto o mirandês não vir um proveito para a língua que resulte daí algo...

370 (Intervenção da Prof.<sup>a</sup> Dra. Olinda Santana)

Mas é que agora já temos gente que recuperou as casas de turismo rural, a fazer os panfletos em português e em mirandês, porque os clientes que vêm já descobriram que quer ler aquelas coisas. Mas enquanto ele não tinha uma casinha para alugar...

(...)

Eu não os critico. É o senso prático da vida.

(Intervenção da Prof.<sup>a</sup> Dra. Olinda Santana)

#### **4 – Tradução e línguas minoritárias: a sua complexidade**

Eu penso que o problema da tradução, que é um problema geral de todas as línguas, é que antes de traduzirmos de uma língua para outra, temos que pensar naquela língua. Eu  
380 recordo que um dos exemplos que me deram...

A língua mirandesa pode ser considerada língua materna?

É fortemente geracional. Neste momento já não é língua materna. Eu recordo, por exemplo, coisas muito simples, muito corriqueirinhas. Eu ainda tenho a mania de entrar no café e está lá a Dona Filomena e «Deus vos dê buenos dias». E ela: «Ó pantomineiro, vai pró Porto, ó galego», e eu já nem respondo.

No entanto, na zona da raia eu entro e digo: «Buenos dias, vos dê Deus». E o outro: «E vós quem sodes?» Porque o facto de falar mirandês imediatamente me integrou no grupo daquela  
390 pertença ou dessa pessoa. E então: «De quem sodes?» Eu já não ponho a hipótese sequer, como falei em mirandês, eu ser de fora. Ela não sabe é de que família é que eu sou. Isso é extraordinário. Mas isso acontece num mundo em vias de desaparecimento. Em Constantim acontece com a Dona Cármen, com o Ti Abílio, com meia dúzia de velhos que ali estão. Porque já ninguém se dirige a eles em mirandês tampouco. Ainda falarão em casa, no âmbito familiar porque há muitos vocábulos. (...)

Por exemplo, «çubiaco» que significa bocadinho de pão.

Depois houve aqui um problema, e a Olinda deve perceber isso melhor do que eu porque trabalhou muito com o António, o mirandês correspondia a uma necessidade concreta de uma vida concreta num tempo concreto. E tinha os vocábulos certos para modos de vida muito concretos. Com o desaparecimento desses modos de vida, com a alteração das condições de vida e de tudo, o mirandês deixou de ter palavras para novas necessidades. O  
400 mirandês nunca precisou de ter a palavra «televisão», nem «Internet», nem «telefone», nem muitas outras coisas. Porque isso não existia na aldeia e a partir do momento em que há uma desruralização e uma modificação destas condições... Se você pegar num carro de bois ou no arado, há um nome para cada peça do arado em mirandês. A partir do momento em que o arado é substituído por um trator ou por uma charrua não há nome nenhum para nenhuma daquelas peças em mirandês. Muito poucos foram os casos em que se adaptou. E então é o *cacharro*. Aquilo que não se sabe é *cacharro*. «Olha, chega-me aquele cacharro». Aquele cacharro já pode ser qualquer coisa moderna. O telefone: «O vosso cacharro está a tocar.» O cacharro é o telemóvel, como pode ser o computador. «E agora também andais com esses cacharros?»

410 Portanto, houve uma redução dos vocábulos. Eu lembro-me, por exemplo, que achava muito interessante as pessoas aqui dizerem: «Ó e agora, o Festival antecéltico.»

Esta terra teve um período terrível, absolutamente terrível. Nos finais dos anos 50 acontecem duas coisas que matam este interior e que teve influência nos modos de vida, nas festas, nas vivências coletivas e comunitárias. Por exemplo, quem acabou com muito do comunitarismo das expressões comunitárias aqui foi o dinheiro da emigração, em que o emigrante chegava aqui, tinha poder positivo e foi ele o maior inimigo das tradições comunitárias, dos jantares comunitários, das ocasiões festivas comunitárias em que ele chegava aqui e pagava para afirmar o seu triunfo. «Eu venci!» Os anos 50 têm dois aspetos que são aqui absolutamente terríveis.

420 O facto de começar a ser abandonada a Campanha Nacional do Trigo. Acabam as barragens de repente em 56/57 e, de repente, ficam aqui milhares de pessoas porque entretanto veio para aqui gente para as barragens que demoravam 5/6 anos a fazer. Solteiros, enfim, conheceram raparigas, alguns casaram, outros ficaram, estabeleceram laços e, de repente, estas terras vêm-se confrontadas com um excedente de gente. Sendim cresceu para

produzir bens alimentares para as barragens. E de repente acontece outra coisa: é abandonada a Campanha Nacional do Trigo. Os campos são abandonados, deixa de haver o trigo e o custo do preço de venda. E o camponês deixa de produzir trigo a partir do momento em que não compensa. Como deixou de produzir as vacas, como deixou de produzir as quotas do leite, como deixou de produzir coisas.

430 A maneira de destruir qualquer coisa é baixar o preço de aquisição desses bens. E isso gerou um surto emigracional absolutamente extraordinário, de tal maneira que, por exemplo, nós aqui vamos a Fontainebleau, ao lado de Paris, e vimos uma grande comunidade de sendinenses. Aquilo tem lá 300 e tal sendinenses a morar porque foi um e a seguir virou-se lá pró Joseph: «Eu tenho um ami au Portugal que para os jardins é um especialista.» O gajo nunca tinha trabalhado em jardins mas ficava lá e aquilo ficou lá tudo a tocar. A seguir umas siderurgias.

Isto o que é que fez? Fez com que houvesse um despovoamento terrível aqui assim e muitos dos modos de vida, os saberes, os fazeres são alterados. Depois estes emigrantes, é evidente, que chegam a falar o francês e não querem saber nada do mirandês.

440 Entretanto, há um segundo golpe absolutamente extraordinário que é em 61, o advento da Guerra Colonial. O advento da Guerra Colonial veio fazer com que aqueles rapazes que iam às sortes e que normalmente ficavam livres na sua esmagadora maioria - e para ficar livre bastava apresentar um documento pelo regedor a dizer que era importante para o sustento da família, ou um defeito num pé, que o Senhor Padre certificava - e a esmagadora maioria deles ficavam livres. Eram estes rapazes que iam às sortes e ficavam livres que tinham de fazer as mordomias das festas, que eram os mordomos das festas, tinham de criar um grupo de Pauliteiros que desaparecia ao fim de um ano. Não é como agora, que permanece.

O grupo começava a ensaiar no inverno - janeiro, fevereiro e março -, que era quando havia tempo disponível e não havia trabalho na terra cá fora, e este grupo depois apresentava-se em maio e apresentava-se em setembro nas festas das colheitas e o grupo acabava. E eram os rapazes solteiros que tinham ficado livres da tropa.

Em 61, com o advento da Guerra Colonial, começam a ser todos recrutados. E os rapazes solteiros já não têm motivo para fazer a festa porque vão para o serviço militar.



E depois acontece uma coisa: há um morto, há um ferido, há uma família que tem um filho ou dois, há outra família que já não tem disposição para festas.

É a partir de 60/61 até finais dos anos 60 que a esmagadora maioria das manifestações folclóricas e etnográficas sofrem uma machadada extraordinária. Isto faz com que o mirandês, obviamente, é afetado. Era uma língua de convívio. Falavam entre eles nas aldeias. Depois, esta gente que vai para a Guerra Colonial, a esmagadora maioria destes rapazes, e há estudos sobre isso, ingressa na Guarda Nacional Republicana. É extraordinário. É uma coisa notabilíssima. Porque eles já perceberam que regressar à terra, por favor! Regressar a esta miséria... Ainda por cima já havia o espetro: ou iam para a Guarda Nacional Republicana ou tinham que ir para a emigração, ter com o irmão mais velho, com o tio, com o amigo. E isto acontece de tal maneira que vocês vão encontrar em Angola 12 grupos de Pauliteiros, em Moçambique 6 grupos de Pauliteiros, na França 8 grupos de Pauliteiros, na Alemanha, na Argentina, para onde quer que fossem eles iam aos magotes. E um grupo de Pauliteiros é formado com as variantes locais. O que significa que na maior parte, e eu dei-me a esse trabalho, dos grupos de Pauliteiros criados no estrangeiro, na diáspora, a esmagadora maioria deles era por elementos pertencentes à mesma aldeia. Porque se dança de maneira diferente aqui, em Vila Chã, em Constantim. É o jogo de pés, o bater de paus, o picado.

A Dança dos Pauliteiros é muito simples: é quadrada e é corrida, quatro e depois de baterem os paus por cima, por baixo, de cruzar fazem uma corrida e trocam de posição. Nem poderia ser uma coisa muito complicada. Esta gente não ia aprender coisas muito elaboradas. Portanto, e nós vemos pela estrutura dos grupos de Pauliteiros que eles próprios eram quase todos da mesma aldeia. Portanto, reparem o efeito que isto teve. E sobre o mirandês tem um efeito absolutamente extraordinário.

## **5 – O comportamento da tradução das línguas minoritárias face à língua dominante: uma consciência política ou histórica?**

Isto é complicado. Houve uma altura em que eu acreditava que os mirandeses, sobretudo os mais jovens, tinham uma noção identitária, ou melhor, consideravam que o mirandês ou mesmo as suas danças, músicas que havia um sentido de pertença. E discutia-se muito com os velhos gaiteiros. Uma vez cheguei a um velho gaiteiro, Ernesto Lhano, de Duas Igrejas, e disse: «Ó Ti Ernesto, então vós ides me tocar a vossa *alborada* («alborada» era um tema que se tocava de manhã para anunciar a festa na aldeia, como se fosse preciso anunciar o

dia em que não era preciso trabalhar, comer e beber à tripa fora, resolver uma ou outra pendência (...)). E ele: «Então e vós que lhe interessa a minha alborada?», perguntou ele. «Porque a vossa é considerada uma das mais tradicionais.» «Tradicional? Bô. Isso o que é?». Então estivemos numa conversa em que ele dizia que esta música é uma dança muda. E houve uma altura em que eu andava à procura de traços identitários, eu queria...

490 A construção das identidades é terrível. Os vinte séculos da Europa é uma construção de falsas identidades. E uma das coisas que eu queria desmontar era aquele arquétipo que o fascismo criou, o Estado Novo, que era a «identidade mirandesa». E eu começo a olhar para a identidade mirandesa: isto também é asturiano, isto também é castelhano, isto é galego, isto é leonês. O outro é muito amplo. A outridade é terrível.

E então eu procuro abordar isso com eles e percebi que não havia uma consciência identitária. Eles nasceram nisto, era assim. Não se questionavam. O ser mirandês...

Há uma coisa que é muito interessante e que me lançava alguma reflexão é que eles diziam: «Nós somos transmontanos.» Não diziam tanto ser mirandês. Ser mirandês não seria propriamente algo muito interessante. Se calhar era muito pequeno, era uma dimensão  
500 pequena, muito difícil, esta terra fria terrível, abandonada. Complexo. Dizer que é mirandês, eles preferiam dizer que é transmontano. Eu achava muito, muito interessante isso e de tal maneira que, por exemplo, nós dizemos o Planalto Mirandês, dizemos Terra de Miranda, mas isso é a coisa que mais irrita um mogadourense ou um vimiosense. Eles não gostam da expressão «mirandês». Dizem: «É Nordeste Transmontano». É Terra Fria, Nordeste Transmontano. E depois há um discurso oficial, inclusive se virem umas placas «Rotas da Terra Fria» e uma das rotas da Terra Fria começa aqui em Sendim. E não dizem as Rotas do Planalto Mirandês.

Portanto, o Planalto Mirandês, esta questão mirandesa também é uma criação herdeira do romantismo, também é uma criação romântica para uma identidade que acaba por não  
510 existir. Porquê? Porque nós, por exemplo, se formos a Freixo ou a Torre de Moncorvo há muitos vocábulos que são mirandeses que se usam ali. Portanto, não há uma fronteira pré-definida e as ordenações afonsinas remetem-nos para uma Terra de Miranda enorme. Isto acabava por ser tudo Terra de Miranda.

Portanto, em relação à língua essa era uma questão que se punha logo. É que, por exemplo, mesmo no concelho de Miranda do Douro havia aldeias onde não se falava

mirandês. E nunca se falou mirandês. Como o caso de Atenor e Teixeira, e que estão aqui pegadas a Sendim. Já o Leite de Vasconcelos, já o Mourinho e todos os estudiosos, no mapa do mirandês, essas aldeias estão excluídas. Porque não falavam. Por exemplo, nós se formos a Teixeira que é Atenor, que é aquela aldeia dos burros, e Teixeira nós vemos que a  
520 comunicação deles é muito mais fácil para Valcerto, Sampaio, Terras de Mogadouro do que para este lado. E para Algozo. Portanto, é muito mais fácil a comunicação para aquele lado e que iam trabalhar muito mais para aquele lado. E os de Atenor não gostavam dos de Sendim porque Sendim era muita gente e não queriam morrer com o frio, iam pelos caminhos fora a rapar tudo o que era lenha. E como eram muitos era à marabuta. Iam por aí fora roubar lenha dos caminhos, que não era roubar a lenha, porque a lenha dos caminhos pertence a todos. Ainda hoje se diz «Sendinês mal a rés», «Se vires uma cobra e um sendinês mata o sendinês e deixa a cobra seguir a sua vida».

Portanto, mesmo esta unidade linguística não existia. No entanto, há por exemplo uma aldeia, Vilar Seco e Caçarelhos, que pertencem a Vimioso, que falam mirandês. Mas isso já  
530 tem a ver com a distribuição do Mouzinho da Silveira. A gente se olhar para o mapa e vir o concelho de Miranda do Douro vê que Vilar Seco foi roubado.

Portanto, o dominante. O português é dominante por uma razão: a partir do momento em que em Miranda do Douro não se falava mirandês. Porquê? Porque era a cidade dos serviços, dos bispos, dos professores, dos tribunais. E ali os aldeões que iam lá pagar os impostos eram motivo de riso. Inclusive há disposições a proibir a falar-se o mirandês.

Escrever não porque não se escrevia, não era uma língua escrita mas há a ideia que se inventem as tais expressões: «é um palhantro». E se falarmos com os mais velhos em todas as aldeias, isso era uma experiência extraordinária, era um trabalho que valia a pena ser feito e o Amadeu queria que fosse feito. É ir falar com os mais velhos. Eles eram humilhados em  
540 Miranda do Douro pelo simples facto de falarem mirandês. Havia vergonha.

## **6 – A etnomusicologia em contexto de emergência num processo de construção identitário face à globalização.**

Eu aqui vou-lhe responder de outra maneira. A questão da globalização até hoje foi mais económica do que outra coisa. Em termos culturais há uma resposta que é uma resposta muito interessante que é a resposta das chamadas culturas populares. Nos últimos anos, eu penso que a nível planetário, foi reforçada a ideia da necessidade das pessoas conhecerem as

suas especificidades culturais, aquilo que era mais ou menos identitário. Acho que as escolas, e em Portugal, isso foi notório, na Espanha também, nos países do sul, quer na Itália. A Itália é um exemplo do que do ponto de vista do campo da musicologia é extraordinário porque eles  
550 criaram departamentos de estudo aos mais diversos níveis e com um detalhe absolutamente extraordinário. E a resposta das culturas populares foi muito interessante naquele que é um processo que nós chamamos de localização, que é tornar um local global. No fundo, a resposta àquilo que poderia ser um processo de homogeneização cultural, de uniformização, derivado dessa globalização no sentido planetário acabou por ser uma resposta não integradora mas fragmentadora.

E as respostas foram de tal maneira a partir das culturas populares, das culturas particulares específicas. Eu gosto pouco de associar o popular ou não popular à palavra «cultura». Porque uma cultura tem sempre várias culturas em si. Portanto, há sempre uma mistura e adjetivá-la de popular ou de erudita ou de culta ou não culta é sempre complicado  
560 mas a resposta que foi dada a nível planetário foi uma resposta de fragmentação e, ao contrário do que se pretendia, e que muitos dos críticos da globalização, o Guidens por exemplo, até o Noam Chomsky, entre outros, postulavam a necessidade de lutarmos contra a homogeneização. O resultado foi exatamente o contrário. E nunca como hoje se valorizou tanto o local e se procurou conferir ao local uma dimensão global. Ou uma projeção global.

O Miguel Torga tinha uma expressão muito gira que era «O universal é um local sem paredes.»

A etnomusicologia hoje confronta-se com problemas terríveis nesse apeto, que é a emergência de novos contextos e territórios. Inclusive hoje pode haver uma etnomusicologia dos chamados «não-lugares», como diz Marc Augé. O que é um não-lugar? Um não-lugar é  
570 um espaço virtual, um espaço inventado. Por exemplo, quando nós sobrevoamos um país árabe no avião avisam que enquanto sobrevoarmos o espaço aéreo da Arábia Saudita não podemos beber bebidas alcoólicas. Portanto, aquilo é um não-lugar.

A cultura cigana, se calhar, é uma cultura de não-lugar, como era a cultura judaica.

Hoje, a cultura da Internet: eu sou daqueles que pensa que a Internet veio criar com as várias ferramentas mecanismos extraordinários de criação, de criatividade. Se olharem para o Facebook, há manifestações de criatividade extraordinárias. Aquilo é criado em lugar nenhum.

De maneira que a etnomusicologia hoje, se calhar, tem de se despir do «etno». Já não fará sentido o «etno» porque tudo é etno e nada é etno. Portanto, é como aquela expressão de músicas do mundo «the world music». É como a música celta, essas designações.

Portanto, a construção identitária é uma construção que se está a fazer a partir da fragmentação pelo tal processo da glocalização. E eu penso que é a partir daí a resposta das culturas populares foi absolutamente extraordinária. É quando pensamos que uma cultura está a ser vencida, derrotada, subjugada, dominada, *macdonaldizada* à escala global, ela acaba, mais tarde ou mais cedo, por reagir. Isto é um mecanismo que a etnomusicologia tem de estudar. E se calhar tem que deslocar-se mais do som, mais da canção, do baile, do som para a pessoa e esquecer um pouco o lado formal. A etnomusicologia cometeu erros ao ser sempre a etnomusicologia do outro, do exótico, do estranho. Começou por ser uma ciência que estudava a música dos outros e hoje faz sentido um trabalho de etnomusicologia nas nossas sociedades, nos espaços onde vivemos, nos bandos, nas migrações, a transculturalidade, a multiculturalidade. Hoje há um trabalho para fazer em termos etnomusicológicos absolutamente extraordinário numa aldeia, por exemplo, como esta. Que som tem uma aldeia? Quais são os sons da aldeia? Onde estão os animais para interagir com as pessoas? O facto de ir ao Correio e o burro do vizinho me cumprimentar invariavelmente zurrando àquela hora, esperando que eu interaja com ele. Este é um som que se perde a partir do momento em que o burro adoeceu e o vizinho ficou sem burro. E os tratores? Hoje substituíram os carros de antigamente.

As histórias dizem-nos que a etnomusicologia deveria estudar estes sons musicais porque o John Blacking dizia que a música é um som humanamente organizado. Se calhar temos de alargar um bocadinho mais o conceito hoje. Se calhar a língua também tem a sua musicalidade. O facto de passarem nesta rua quando era de pedra, os carros de bois carregados ou não carregados, as rodas chiando. Se tivéssemos feito gravações dessa altura teria sido extraordinário. Teríamos uma paisagem sonora hoje que era bastante interessante. Hoje, se calhar, é melhor e é um bocado a ideia da etnomusicologia, sempre a olhar para trás, sempre a olhar para o passado, sempre numa nostalgia do passado, a recriar uma memória perdida ou uma memória fragmentada, mas se calhar hoje era melhor gravar os tratores que aqui passam porque daqui a cinquenta anos possivelmente já deixarão de existir.

Quando eu gravei os toques dos sinos, eu ainda gravei o «Tintanubrada», o toque contra as trovoadas, em que se toca nos dois sinos: «Tinta de la tinta / de la tinta nubrada /

610 nun bengas tan cargada / bai te a açargar / a la tierra de la Saiada.» Em que é uma oração à Santa Bárbara para que mande a trovoada para a terra de Saiada, para os espanhóis. E do outro lado eles a mandar para a Terra de Miranda.

Portanto, esta paisagem sonora é uma paisagem sonora do presente. Eu costumo dizer que nós quando caminhamos temos um pé no chão e um que vai para a frente. O mais importante acaba por não ser o pé que está no chão. Esse está no que vamos deixar para trás. Mas o mais importante é qual é a projeção que vamos dar ao pé da frente, onde é que ele vai assentar. E mais: e quando ele chegar à frente quando o que ficou para trás for avançar, aquele já é passado. E a etnomusicologia perdeu muito tempo com o passado e tem que debruçar-se só com a contemporaneidade. E fazer o estudo dos sons do nosso tempo. É a nossa  
620 responsabilidade. É por isso que não me preocupa aquele discurso de perda das tradições, os novos não ligam nada, está-se a perder. Evidente que se está a perder. Sempre se perdeu. Sempre desapareceu. E depois aquela ideia passadista que a noção de estático tem de estar associada à tradição. A tradição parou no tempo, morreu, desapareceu. Aquela que não se adaptou, que não se modificou, morreu.

O português se não tivesse evoluído tinha desaparecido. E se nós pegarmos na edição original dos Lusíadas, não sairíamos do primeiro verso. Como não somos especialistas daquilo como é óbvio.

Portanto, há uma noção, a tradição tem uma noção de mudança. Aliás, o povo incorpora saberes quando diz «Quem conta um conto acrescenta um ponto». O povo está a  
630 dizer que se altera, que se modifica. Aquilo que a mãe lhe contou, ou a avó contou, só chega até nós modificado, transformado.

É por isso que quando eu vou ver os grupos de recriação, quando faço gravações, eu raramente emito juízos de valor. Fujo aos juízos de valor porque realmente eles não têm valor nenhum. O importante somos nós. Não é a cantiga, não é a tradição, não é os usos e costumes. Não é nada disso. O mais importante somos nós. Nós é que conferimos importância ou não às coisas. Claro condicionados, manipulados, subjugados e, repito, condicionados por uma série de fatores. Mas é isso que conforma as culturas. A cultura é cada um veste-se à sua maneira conforme pode, não com as marcas que acha que lhe dão a coerência. E no fundo a etnomusicologia foi que ela esteve sempre associada à tentativa de criação dessas identidades  
640 e de afirmação de identidades. E muito mais preocupados se nós virmos, por exemplo, a

etnomusicologia portuguesa nestes últimos 60 anos, dos anos 40/50, nós vimos que era uma etnomusicologia excludente que chegava a uma terra e procurava definir as joias, a matéria-prima, as verdadeiras obras e abandonar todo o resto. Portanto, ignorava.

650 Aqui na Terra de Miranda, ao fazer a etnomusicologia da Terra de Miranda, os etnógrafos e os etnomusicólogos dos anos 40/50 e 60 chegavam aqui: isto é espanhol, isto é duriense, isto é beirão, isto é minhoto. Ah, isto sim, é puramente mirandês. E então cometeram o erro de dizer «Manolo Mio». Isto é puramente mirandês. Azar. Foi recolhido já nas Astúrias e na Galiza que está nos Cancioneiros tradicionais das Astúrias e da Galiza. Que azar que eles tiveram. Já Giacometti cometeu este erro «Manolo Mio» tipicamente de expressão puramente mirandesa. Está gravado em 1940 na Galiza, no Cancioneiro.

660 Então a etnomusicologia como estava ao serviço da criação da (...), ela começou por ser a música das tribos. Se reparar, os primeiros livros, a tribo tal, a raça tal. O tal «etno», a noção de etnia. Ela era uma ferramenta da construção da identidade daqueles indivíduos. Como se eles pudessem viver, como se uma cultura não partilhasse de muitas das culturas dos vizinhos e de tudo isso. Tem que partilhar. E então nos últimos tempos inventou-se esta coisa, agora é tudo multiculturalismo, que também não é tanto assim. Há coisas que são puras confusões. Por exemplo, aqueles processos de fusão, é muito interessante a fusão mas nós sabemos que a luz branca decomposta dá um espectro de arco-íris. E musicalmente nós sabemos que há coisas que foram misturadas, que aquilo depois decomposto já não dá nada. Já perderam-se elementos, perderam-se as cores. É muito interessante que as músicas dialoguem entre si mas que conservem as cores culturais. E esse é um problema que tem, por exemplo, regiões que não têm fatores de comparação.

670 Aqui, por exemplo, há fatores de comparação interessantes. É que nós temos, efetivamente, na Terra de Miranda, no Planalto Mirandês, fatores de comparação e de aproximação a um território a uma partilha de um fundo cultural comum e que cada vez se acentuam mais relativamente ao resto do país. Não é por acaso que quando no Estado Novo se cria o concurso da aldeia mais portuguesa, Trás-os-Montes não tem nenhuma na pré-seleção, na seleção inicial. Por uma razão que está escrito: essa malta lá de cima é muito espanholada. Isto é um erro extraordinário. Isto é reconhecer a um povo a capacidade ou o fator de relacionamento com os povos vizinhos. Nas Beiras, se reparar, a estrutura não tinha povoações tão influentes, não havia uma articulação tão relacionada. Não é por acaso que as Invasões Francesas se dão por essas zonas, porque eram zonas mais desertas e de menos

convivência, de menos aproximação. Enquanto que aqui teve, penso eu, teve sempre focos residenciais muito mais próximos das linhas de fronteira. Você tem aqui Castela-Leão, uma quantidade de aldeias perfeitamente vizinhas. E depois tem as disposições régias que desde o D. Dinis que referem privilégios de comunicação essencialmente nesta região. Não encontra isso tanto nas Beiras porque não havia proximidade de núcleos populacionais. Estavam mais desérticos. Aqui havia um povoamento de maior aproximação. Por causa da posição geográfica. Se a tal teoria dos povos derrotados por aí, onde é que eles tinham tendência a esconder-se? Onde houvesse montanhas, onde houvesse buracos. A zona central das Beiras e do Alentejo, aquilo é campo aberto. Quem é que se esconde ali?

(referências às Covas de Viriato)

Portanto, esses são aspetos muito importantes que condicionam toda esta observação.

A etnomusicologia, hoje, se calhar não deveríamos falar em musicologia. Se calhar a etnomusicologia como ramo da antropologia. Possivelmente. Uma das ciências cujo objeto de estudo mais tem mudado e tem havido maior reflexão é justamente no campo da etnomusicologia. Ainda hoje estamos muito presos no velho – usos, funções contextos, territórios. Por exemplo, quando nós analisamos usos e funções, contextos e territórios, hoje há respostas que a etnomusicologia tem que dar.

Nós sabemos que o tal gaiteiro que costumava tocar a *alborada* para anunciar a festa na aldeia, a função desse toque de alvorada era despertar os aldeões para qualquer coisa, no contexto da festa, num território que era a aldeia. Hoje, no Japão em qualquer altura ou na Nova Zelândia podem, através da Internet, ouvir a alvorada do gaiteiro. Já deixa de haver aquele sujeito coletivo que estava naquele momento, naquele contexto, naquele território a assistir à execução da alvorada e passa a haver um sujeito conetivo.

Portanto, há uma descontextualização total de tudo isto. Já não é preciso, para assistir à alvorada, ela já não tem o mesmo uso e função. Inclusive, o próprio gaiteiro convidado a subir ao palco dum festival de folclore já toca a alvorada no contexto dum festival de folclore.

Quando o ministro Santos Silva veio aqui inaugurar o Centro de Música Tradicional «Sons da Terra» com o Ministro da Cultura, os Pauliteiros tocaram o «Senhor Mio» porque o bispo estava aí e o «Senhor Mio» num ato religioso e então tinham... Aquilo sé era tocado dentro da Igreja no ato de contrição, no credo. Portanto, tudo isto está completamente



mudado, inclusive os territórios. Hoje, a desfuncionalização dos espécimes é absolutamente extraordinária.

Basta pegar no fado, por exemplo. O fado hoje é um produto para turista consumir. E a etnomusicologia não pode tomar partido, tem que fazer a análise destas novas relações. A própria industrialização de tudo isto. A questão do valor turístico que se confere à música tradicional mirandesa. É uma questão que tem de ser estudada. O processo de folclorização, por exemplo, há uma coisa que acontece e você se calhar já viu, é quatro mocinhas muito  
710 bonitas e muito simpáticas que se chamam «Las Çarandas» (...) Simplesmente aquilo é exatamente a mesma estética do Estado Novo. É um trajezinho que é uma esterilização do tradicional. Aquilo não é folclore, aquilo é um produto criado para vender. Não é rigorosamente mais nada.

É diferente, por exemplo, das danças de Pauliteiros daqui que foram sempre de homens.

A partir de 1980, em Bemposta, as mulheres apareceram como grupos de Pauliteiras. E em 2005, as de Valcerto. Eu estive no processo das de Valcerto, hoje são todas raparigas formadas (...) e eu estive com elas e como me interessava o assunto eu disse: «Meninas, porque é que vocês criaram um grupo de Pauliteiras?» «Ai, isto é muito simples.» E isto é  
720 uma das respostas que a etnomusicologia tem de estudar. É importante que o faça. Elas foram falar com os rapazes da aldeia, os Pauliteiros. «Nós somos mordomas da festa e queríamos que vocês dançassem na festa de S. Martinho.» E ele: «Só se me deres um beijo, ...» E começaram a brincar. E elas: «Seus bardinas! Vocês mereciam é que nós fôssemos arranjar outro grupo fora.» «Ó, nem sóis mulheres nem sóis nada!» Elas calaram-se muito caladinhas e então foram tentar arranjar um grupo fora. Só que os de fora disseram: «Não, com esses de Valcerto nem pensem.» E elas disseram: «Ai é? Então vamos nós fazer um grupo.»

Fecharam-se muito caladinhas e apresentaram-se no dia da festa. Aquilo foi uma bomba.

Fizemos um estudo aprofundado e viram-se elas: «Olhe, ó Mário Correia, você venha  
730 assistir a um ensaio.» E eu fui assistir a um ensaio. Ei fiquei encantado.

«Olhe, os rapazes não sabem usar os pés. Isto tem que ter elegância.» E realmente as mulheres... A elegância, a subtilidade, todo o conjunto. Diz ela: «E se estamos perfilados com

os povos, está pronto para dançar. Isto é uma formação tudo ali como deve ser. Isto não é (...).»

Eu fiz um estudo sobre aquilo, entrevistas e tudo isso e foi dos trabalhos que mais gostei de fazer.

A etnomusicologia tradicional iria dizer: isto não corresponde ao padrão.

O que é facto é que hoje é comumente aceite a existência de grupos de Pauliteiras. Arranjaram 10 ou 15 grupos e o importante o que é? Primeiro, libertam-se, segundo, gostam  
740 de dançar, terceiro, as pessoas vão vê-las dançar. É este o processo. Isto é que é importante. São novos usos, novas funções, novos contextos, novos territórios. Seja o que quiser. É por isso que eu digo às «Las Çarandas», vocês não sejam um pãozinho sem sal. Vocês não gostam do modelo tradicional, então querem ser modernas, sejam-no. (...)

Fazer uma arruada é diferente de atuar num palco.

Ainda hoje se passa a ideia das Terras de Miranda, as tradições, gaitas-de-foles. Há uma ideia que está a passar para fora da Terra de Miranda que não corresponde à verdade. Não são as gaitas-de-foles. Há imensos outros instrumentos a serem tocados. Há acordeões como sempre houve, há concertinas, há instrumentos de percussão, há cantos. E depois passa-se a ideia das festas daqui. As festas daqui são iguais às de todo o lado. (...) As festas daqui  
750 não têm nada para serem diferentes, melhores ou piores do que outro lado. São exatamente as mesmas coisas. E criou-se essa identidade. Ainda hoje, ao falar na Terra de Miranda, é Pauliteiros. Eu desafio-vos não a assistirem a uma exibição de Pauliteiros mas aos ensaios. Os ensaios são absolutamente extraordinários.

E isso, para nós que investigamos, que estudamos tudo isto, é ali que se percebe por que razão eles são Pauliteiros. E muitas vezes nós: a questão identitária, a coesão do grupo, os ritos da pesagem, aquela idade, etc. Às vezes as razões são as mais disparatadas que pode haver: o convívio. São músicas de convívio. É isso que tem de se recuperar. Não imitar os velhos convívios de há 40/50 anos mas ir ao encontro daqueles que são os convívios atuais. Os convívios antigos eram a faguinha, o chouriço, papava-se o pão e bebia-se vinho. Hoje  
760 bebe-se cerveja, shots, fuma-se, etc. São esses os convívios.

(referência à Lérias, Associação Cultural de Palaçoulo)

E nós na etnomusicologia temos de estar atentos a isto.

(...)

770 Eu tenho aqui gravações que a cada dia que passa ganham valor. Eu tenho gravações que editei com 12, 13, 14 anos e fiz discos com eles. Já viu qual é a importância que é daqui a 40 ou 50 anos? Iremos ver a maneira como eles tocavam os espécimes e como os tocam agora. Vamos ter a possibilidade de estudar a mudança, que é o elemento mais importante nestas culturas. É o modo como mudam, como se adaptam. No fundo, é isto. É como nós. Nós vamos adaptando o nosso corpo, o nosso regime alimentar para as nossas próprias características e às necessidades e àquilo que nos faz sentir bem. (...) A cultura é um elemento que é exatamente a mesma coisa.

O que eu tenho feito é fazer aquilo que em linguagem jurídica se chama «registo para memória futura». Com uma consciência: é que não salvamos nada do que quer que seja. Acabaram os salvadores. (...)

Nós o que fazemos é algo: é não cruzar os braços e procurarmos que fiquem testemunhos. É a nossa reflexão, dar o nosso contributo, estudar as coisas e é isto que é importante. E pequenas coisas.

A etnomusicologia também responde a isto. Teve grande prospeção. É tão importante definir o objeto de estudo, precisá-lo e não sair dali. (...)

780 Hoje vamos concentrar. O objeto de estudo é este. Vamos fazê-lo bem, vamos detalhá-lo.

A etnomusicologia teve, e há mapas etnomusicológicos como se isso fosse possível. Isso é um retrato parado no tempo. (...)

O processo de tradicionalização foi sempre este. Os velhos trovadores ouviam uma cantiga do palácio, gostavam daquilo, memorizavam como calhava e aí criam-se as variantes. É nesse processo de aprendizagem de apreensão que não são ouvidos especializados e aprendem assim.

(...)

## 1.2 Análise da entrevista feita ao Dr. Mário Correia

Questionado sobre a influência que a cultura celta tem sobre o património cultural mirandês, nomeadamente no domínio musical, Mário Correia leva-nos a iniciar uma viagem pela História.

Região de “transição”, o Nordeste Transmontano foi palco de ocupação de vários povos. Os vestígios arqueológicos demonstram que aqui houve “presença de celtas, de romanos, de godos, de visigodos, de suevos, de alanos e de zuelas” (linhas 11-12), sendo por isso uma região de transição, como ele refere. Todos os movimentos tribais que aconteceram neste espaço territorial resultam de uma sobreposição de tempos (leia-se de culturas diferentes). Sendo que “um património é sempre uma sobreposição de tempos” (linha 19), é natural que a música mirandesa reflita todo este acumular de influências tribais.

O mesmo acontece com as danças. O passado celta no património cultural transmontano reflete-se também nos Pauliteiros de Miranda, entre outros. Estas manifestações culturais e folclóricas têm origem, de acordo como o nosso entrevistado, nas “danças de pauliteiros e paulitroques das Astúrias, Castela-Leão ou Val de Bastons de Catalães” (linhas 31-32). Não são de excluir as designações linguísticas como “lhaços” e as interferências castelhanas dos “bailas”, passando um pouco pelo ando-bretão de que são originárias as músicas tradicionais mirandesas como o Repassado e o Redondo.

Outro aspeto que nos despertou os sentidos e que merece uma análise, é o termo «saudade». Mário Correia define-a como “sentimento (...) de quem fica porque não partiu e (...) de quem partiu porque não ficou” (linhas 167-168). De facto, saudade e sentimento são características próprias dos celtas, conforme defende Raquel Bello Vázquez, no seu artigo *Celtismo e saudade como repertórios míticos en Otero Pedrayo*: “a saudade é unha característica imanente no povo que sobrevive ao longo dos séculos en manifestacións distintas mais substancialmente iguais (...)” (2000: 97). Mais adiante, a autora corrobora com a seguinte afirmação: “A saudade prolonga-se en conceptos tan identificados com Otero como o *camiño*, o *devalar*, os *ciclos da natureza* ou a relación *vida-morte*” (Bello Vázquez 2000: 97). De acordo com esta investigadora, “o *camiño* é, pois, un dos símbolos mais característicos (...) e é próprio dos celtas porque a saudade fai-lles sentir a necessidade de se mover e facer *camiño*. Como emblema máximo deste aparece o de Santiago, que construi Galiza, pon-na en contacto con Europa, serve de exemplo de unión entre Cristianismo – o Apóstolo – e o celtismo – a

primitiva peregrinación a Fisterra” (Bello Vázquez 2000: 98). Cumpre-nos concluir este pensamento referindo que a saudade é, pois, o sentimento que enraíza a ausência e a separação, tal como ir mar adentro em busca de novas paragens deixando um legado de tradições orais e crenças, tantas vezes transcritas em danças e rituais tão característicos.

Mário Correia refere-se ainda ao “Festival Intercéltico” cujas raízes estão ligadas a movimentos políticos que tiveram origem na Bretanha (França) através da criação da Associação do Arco do Atlântico. À semelhança do “Festival Interceltique de Lorian”, primeiro festival marítimo deste género, foram nascendo outros festivais semelhantes por toda a zona atlântica sul como forma de “afirmar a identidade das regiões periféricas” (linha 76), incluindo o Festival Intercéltico de Sendim. Mário Correia faz questão de salientar que estes festivais intercélticos “não são festivais que vêm promover a música celta” (linha 89), mas são sobretudo festivais que se realizam em espaços ou regiões que, crê-se, tiveram povos com ocupação celta.

A este propósito, relembremos as palavras de Ana Isabel Afonso, alusivas à pessoa de Mário Correia, numa vertente de dinâmicas vindas de fora e que estimularam o dinamismo local (Sendim):

“Geradores de eventos, reinventores da tradição, mediadores graças a importantes redes de influências que atravessam fronteiras várias, estes empreendedores de fora [(ou *venediços*), como são classificados localmente desde tempos imemoriais], têm contribuído decisivamente para criar sinergias locais e gerar riqueza, quanto baste, para devolver às populações fragilizadas a capacidade de continuarem a existir e a acreditarem que há futuro para ali se viver.” (Afonso 2013: 226)

Numa reflexão mais aprofundada, revela-nos que a Península Ibérica, e mais especificamente o Nordeste Transmontano, sempre foram terreno propício aos movimentos das pessoas, “que está aberto para tudo isto (leia-se movimentação), a nossa música é resultado de séculos e séculos de movimentos e que esbarram aqui nas sete serras e aqui ficam” (linha 198-199).

Questionado sobre a genuinidade ou pureza da cultura mirandesa, o etnomusicólogo defende a base da transição e da sobreposição: “Nós vivemos no mundo do inautêntico, tudo é híbrido (...)” (linha 234), porque “chegar a uma terra destas em que ao longo dos séculos teve tantas tribos, tantas e tão desvairadas gentes (...)” (linha 231), não é possível falar de pureza mas antes de mistura.

A segunda questão tem como ponto de referência a tradução moderna da música raiana em grupos musicais de cariz mirandês. Mário Correia afirma que estes grupos tradicionais estão praticamente a desaparecer, nomeadamente os ranchos folclóricos, muito por causa do envelhecimento da população. Contudo, vão surgindo os grupos de “segunda mão” (linha 277), aos quais se refere carinhosamente. De salientar os “Galandum Galandaina” ou os “Pica Tumilho” que vão atualizando os seus reportórios com base na utilização da língua mirandesa. Verifica que, apesar de tudo, há uma vontade de continuar a preservar a língua (oral) mirandesa através do seu canto: cantigas e literatura oral.

Aproveitando para responder à nossa terceira questão, Mário Correia não esconde a fragilidade e a perda irreversível desta língua minoritária. Conclui que, apesar de ter menos de 100.000 falantes, de acordo com os critérios da UNESCO, o mirandês “não tem escala” (linha 351), defendendo que “a língua tinha que ser também uma indústria, tinha que ter um valor económico” (linha 352). Para tal, e como começo de sobrevivência, a língua teria de passar pelo setor turístico como forma de se industrializar. Refere que, apesar de todos os esforços feitos quer pelo Amadeu Ferreira, quer pelo ensino não são suficientes para garantir a sua sobrevivência.

Confrontado com a questão da língua mirandesa e a sua complexidade linguística no campo da tradução, confessa que “o mirandês correspondia a uma necessidade concreta de uma vida concreta num tempo concreto” (linha 398-399), porque era a língua dos afetos, a língua do lar, do campo e do amor, parafraseando Leite de Vasconcelos. Afirma que a língua sofreu uma grande reviravolta nos anos 60/61 do século passado, o que se veio a refletir também nas manifestações folclóricas e etnográficas. O mirandês deixou, então, de ser língua de convívio (linha 460), muito por conta da emigração e da guerra colonial.

Também a “identidade mirandesa” foi abordada nesta entrevista sendo que Mário Correia acabou por desmistificar uma crença que, julgamos, tem reflexo a nível nacional: “percebi que não havia uma consciência identitária” (linha 498-499). O ser-se mirandês simplesmente não é questionável porque o próprio mirandês prefere ser referido como transmontano, muito devido à conotação negativa que a língua tinha nos inícios do século XX. Portanto, a questão mirandesa, segundo ele, é “uma criação herdeira do romantismo, (...) uma criação romântica para uma identidade que acaba por não existir” (linha 512-513).

Por último, questionado acerca da etnomusicologia como forma de uma construção identitária, o entrevistado encaminha-nos para as culturas populares. Defende que “uma cultura tem sempre várias culturas em si” (linha 562), como forma de defender a cultura enquanto processo de globalização, sob pretexto de uma fragmentação inevitável no campo da etnomusicologia. Assim, procura-se dar ao local uma dimensão global, Preocupado com o rumo que a etnomusicologia tem vindo a tomar nos últimos anos, Mário Correia defende uma etnomusicologia do “não-lugar”, ou seja, no seu entender, espaços virtuais como ferramentas extraordinárias de criação. Preconiza que a musicologia deva “despir-se” do “etno” passando a ser “the world music” (linha 584) e passar do som para a pessoa, esquecendo mais o seu lado formal. Diz ainda que há muito trabalho a ser feito no campo etnomusicológico como, por exemplo, recolher os sons da aldeia (paisagens sonoras), porque a música é um som humanamente organizado, relembrando as palavras de John Blacking. A etnografia da música reside, pois, na tradição enquanto parte constitutiva das sociedades, com expressões performativas próprias revestidas de hibridismo musical.

Concluimos, desta forma, a análise da transcrição das informações recolhidas. A forma de tratamento utilizada foi a Análise de Conteúdo, que consiste na leitura detalhada de todo o material transcrito, na identificação de trechos e conjuntos de expressões e informações que tiveram sentido para a pesquisa.





## Capítulo III

É sabido que o grande potencial turístico de Portugal se baseia fundamentalmente em vários fatores concorrentes: as paisagens naturais e as praias, a herança cultural e patrimonial, a riqueza da gastronomia, a inegável hospitalidade do nosso povo. Como sempre, a perspetiva histórica também é importante e a memória de outros tempos, vivências e realidades têm também o seu lugar neste contexto.

Por estas razões, no presente capítulo, pretendemos apresentar algumas propostas de desenvolvimento turístico na região de Miranda do Douro, tendo como alicerces a língua<sup>28</sup> e a cultura mirandesas enquanto património cultural. Iniciaremos com uma breve referência aos conceitos de *Cultura* e *Turismo*, e à sua relação entre si.

### 1. Cultura e Turismo

#### 1.1 Uma abordagem

A crescente produção científica na área do turismo tem mostrado a importância dessa atividade para a sociedade global. Os estudos apontam um sinal de maturidade, aprofundando a discussão sobre a complexidade do fenómeno turístico.

Devido à sua relevância financeira em termos globais, regionais e locais, as primeiras investidas teóricas sobre o tema foram realizadas pelos economistas. A atividade turística passou a ser “encarada como agente do entendimento internacional e como a alternativa capaz de promover a superação da condição de pobreza e dependência dos países subdesenvolvidos diante das economias centrais” (Banducci Jr. 2001: 24).

Os economistas contribuíram com as suas análises de mercado, estudos sobre os impactos económicos e impulsionadores de emprego. No entanto, os discursos reproduziam fundamentalmente os aspetos benéficos do setor, utilizando-se os dados estatísticos para defender a proliferação do turismo.

---

<sup>28</sup> De acordo com o dicionário digital Infopédia, “língua” é o sistema constituído por palavras e por regras gramaticais que permitem a construção de frases e que é usado como meio de comunicação, falado ou escrito, pelos membros de uma mesma comunidade linguística. <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/1%C3%ADngua> (consultado em 06 de abril de 2016).

A atividade turística tem uma característica, entre outras, que é essencialmente a deslocação de pessoas pelo espaço geográfico. Isso evidencia o turismo como um fenómeno sociocultural na sua essência. Nas diversas definições encontradas, é possível identificar algumas semelhanças nos conceitos, tais como: viagem ou deslocação; permanência fora do domicílio; temporalidade; sujeito; e objeto do turismo (Beni 2000: s.p.).

## **1.2 A relação cultura / turismo**

A atividade turística implica deslocação de grandes contingentes de pessoas que passam a frequentar lugares que estão fora do seu quotidiano. Tal facto ocasiona um contacto entre diferentes culturas propiciando que turistas e residentes vivenciem a alteridade (Barretto 2001: s.p.). Seguindo essa abordagem, cultura e turismo são indissociáveis, interdependentes e interlocutores.

Há uma tendência do turismo contemporâneo em valorizar os aspetos ligados à cultura. A autenticidade, a identidade, o património, a história e as particularidades dos lugares têm sido constantes requisitos por parte do turista. De acordo com Trigo “o interesse das pessoas pela história, a arte e a cultura em geral tem gerado grandes projetos integrando turismo e cultura” (Trigo 2000:12).

Dissertando sobre os “usos culturais da cultura”, Menezes (2002: s.p.) considera que o turismo, se respeitar a dimensão plural da cultura, poderá ser fonte de renovação, caso contrário, apenas facilitará a *pasteurização* exigida pelo mercado. Sobre o conceito de cultura, o mesmo autor define o seguinte:

A cultura engloba aspectos materiais como não-materiais e se encarna na realidade empírica da existência cotidiana: tais sentidos, ao invés de meras elucubrações mentais, são parte essencial das representações com as quais alimentamos e orientamos nossa prática (e vice-versa) e, lançando mão de suportes materiais e não-materiais, procuramos produzir inteligibilidade e reelaboramos simbolicamente as estruturas materiais de organização social, legitimando-as, reforçando-as ou as contestando e transformando. (...) a cultura é uma condição de produção e reprodução da sociedade (Menezes 2002: 89).

O aspeto cultural está enquadrado no processo turístico. As pessoas quando se deslocam levam consigo uma *bagagem* cultural própria, singular e subjetiva. Nessa mobilidade, os contactos culturais são constantes e dos mais diversos, sendo a essência do fenómeno turístico. “Cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Não é

estaque ou estável. É mutável e se vale das mais variadas formas de expressão humana” (Trigo 2000: 50).

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), o turismo tem sido criticado pelos problemas socioculturais que provoca, especialmente, nas comunidades menores e tradicionais. Entretanto, e apesar do turismo gerar transformações irreversíveis, há que se reconhecer que todos os novos tipos de atividades trazem consequências, incluindo a exposição a influências externas, tais como os meios de comunicação modernos, jornais, revistas, televisão, rádio e Internet (OMT, 1993).

Na mesma linha de pensamento, Álvaro Banducci Jr. reforça que o turismo não é o único responsável por todas as mudanças que ocorrem numa determinada cultura, “(...) pois se a cultura não é estática, os elementos que provocam suas alterações provêm tanto de factores internos quanto das mais diversas modalidades de influências externas” (Banducci Jr. 2001: 42).

Diante do exposto, concluímos que a identidade cultural está diretamente associada a uma ordem de construção dada no processo histórico de uma sociedade. Neste contexto, acreditamos que a globalização atua como principal fator de influência e transformação de povos, culturas e, conseqüentemente, de identidade. É nesta dinâmica de mudanças e transformações que a globalização proporciona, simultaneamente, o desenvolvimento de uma busca pela singularidade e espaço para as diferenças e os regionalismos.

### **1.3 Identidade Cultural: a sua relação com o turismo**

A relação entre o turismo e a identidade cultural das comunidades receptoras tem sido um tema bastante controverso por parte dos estudiosos. Alguns autores como Hall ou Ortiz defendem a ideia de que a atividade turística contribui para a perda da identidade local, outros revelam que o turismo contribui para o fortalecimento das referências identitárias.

Apesar de limitada e contestada, esta perspectiva leva-nos a repensar o papel do turismo e a sua relação com a (des)construção de identidade do lugar turístico. Partindo do pressuposto de que alguns lugares se transformam em grandes marcos turísticos pela oferta de um produto de consumo, colocamos as seguintes questões:

- Como entender o sentido desse lugar, os seus valores, as suas tradições, os seus símbolos e os seus elementos identitários face à crescente globalização?

- De que forma acontece, então, a relação entre turismo e identidade cultural?

- Podemos falar em perda de identidade cultural no mundo contemporâneo?

É neste alinhamento de pensamento que gostaríamos de referir Augé, procurando estabelecer a relação entre “lugar” e “não-lugar”. Segundo este autor, “um lugar se define como identitário, relacional e histórico, construção concreta e simbólica do espaço, lugar antropológico”, enquanto que um “não-lugar” é esse espaço sem essas características (Augé 1994: 73-77).

De acordo com os estudos realizados por Margarita Barretto sobre a identidade local, o turismo e os seus impactos socioculturais em comunidades receptoras, “(...) a identidade é vista como algo móvel, sempre em construção, que vai sendo moldado no contato com o outro e na releitura permanente do universo circundante” (Barretto 2001: 19). O turismo é uma atividade que gera contactos frequentes, contribui para a construção e desconstrução das referências identitárias nas comunidades receptoras:

O contato entre turistas e residentes, entre a cultura do turista e a cultura do residente desencadeia um processo pleno de contradições, tensões e questionamentos, mas que, sincrônica ou diacronicamente, provoca o fortalecimento da identidade e da cultura dos indivíduos e da sociedade receptora e, muitas vezes, o fortalecimento do próprio turista que, na alteridade, se redescobre» (Barretto 2009: 19).

Ana Fani Carlos acrescenta, relativamente à produção de “não-lugares”, que o turismo “transforma tudo o que toca em artificial”, criando um mundo fictício, ilusório, onde o espaço se transforma em cenário para o “espetáculo”: “(...) esses processos apontam para o fato de que ao vender-se o espaço produz a não-identidade e, com isso, o não-lugar, pois longe de se criar uma identidade produz-se mercadorias para serem consumidas em todos os momentos da vida” (Carlos, 2002: 26).

Citando a autora supra, e de acordo com a sua definição,

o lugar é o produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano das vivências. As relações auxiliam na construção de uma rede de significados e sentidos que são «tecidos pela história e cultura» produzindo a identidade (Carlos 1996).

Portanto, na atualidade, a mobilidade e o dinamismo fazem parte do processo cultural. Entendendo a identidade como um processo contínuo, que está sempre em construção e, como

tal, sugerimos a não utilização do conceito «perda de identidade cultural». Sabendo que as referências identitárias são construídas e desconstruídas num processo dialético, fazem com que não ocorra uma perda, mas sim, uma transformação de identificações no rotineiro contacto com o outro e com as mais diversas influências externas.

Do ponto de vista dos núcleos receptores, sem dúvida, as culturas não são estáticas, e a identidade dos povos e das pessoas muda ao longo do tempo. Nada nem ninguém permanece absolutamente idêntico a si mesmo para sempre. Nesse sentido, há que se concordar que manter a identidade local é tentar impedir o processo normal pelo qual pessoas e sociedade evoluem (Barretto 2001: 48).

Parece-nos, assim, que o fenómeno da produção da identidade é um fenómeno demasiado complexo para nos retermos num único elemento. Compartilhamos a ideia de que as culturas não são estáticas, inamovíveis e fechadas, pois seria impensável que uma sociedade caracterizada pela comunicação possa sobreviver sabendo que as culturas estão em constante transformação.

#### **1.4 O Turismo (cultural) como fator impulsionador de desenvolvimento**

O Plano de Ação para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal 2020<sup>29</sup>, é um plano que visa obter um melhor aproveitamento da utilização dos fundos comunitários no turismo. De acordo com as suas linhas orientadoras, este plano conta com alguns objetivos temáticos, que visam um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo do setor em Portugal.

Sobre a visão e os valores de suporte, o mesmo Plano de Ação sustenta que “Portugal quer ser o destino com maior crescimento turístico na Europa, suportado na sustentabilidade e na competitividade de uma oferta turística diversificada, autêntica e inovadora, consolidando o turismo como uma atividade central para o desenvolvimento económico do país e para a sua coesão territorial.” (Plano de Ação para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal 2020)

Dentre os diferentes projetos que estão a ser levados a cabo nas regiões de baixa densidade, como é o caso do concelho de Miranda do Douro, destaca-se a importância do projeto ZASNET<sup>30</sup> (Agrupamento Europeu de Cooperação Territorial) para o desenvolvimento do Turismo na região de Trás-os-Montes. Os objetivos estratégicos apoiam-se na necessidade de qualificar e valorizar os recursos turísticos e criar as infraestruturas de suporte ao turismo

---

<sup>29</sup> [http://turismo2020.turismodeportugal.pt/fotos/editor2/documentos/Turismo2020\\_PLANO\\_DE\\_ACAO.pdf](http://turismo2020.turismodeportugal.pt/fotos/editor2/documentos/Turismo2020_PLANO_DE_ACAO.pdf). (consultado em 7 de junho de 2015).

<sup>30</sup> <http://www.zasnet-aect.eu>. (consultado em 20 de junho de 2015).

regional, mas também desenvolver a oferta de alojamento e animação com base em padrões de qualidade e sustentabilidade.

A corroborar esta ideia, também um relatório recente da Direção Geral do Desenvolvimento Regional em Portugal exorta que “se dinamizem as zonas da fronteira portuguesa, sob pena destas áreas perderem a pouca capacidade atrativa que lhes resta, em favor das zonas espanholas vizinhas, melhor equipadas e por conseguinte mais atrativas e polarizadas” (Direção Geral do Desenvolvimento Regional 2001: 6). Ainda que saliente o papel desenvolvido pela criação de rotas temáticas e pela valorização das designadas aldeias históricas e dos sítios de interesse, enfatizando desse modo a riqueza e a diversidade do património, como suporte ao setor do turismo, considera-se “os problemas e as debilidades das zonas de fronteira, sobretudo as zonas do interior, são claramente estruturais, em consequência do seu isolamento e da sua localização periférica e marginal” (Direção Geral do Desenvolvimento Regional 2001: 7).

No que diz respeito à região de Trás-os-Montes, Carlos Ferreira, representante do Turismo Porto e Norte de Portugal, indica que “a aposta neste setor é recente e por isso há ainda muito caminho a percorrer”. O representante realça que grande parte da aposta pode passar pelo Turismo da Natureza. O “turismo de natureza retém o turista por mais tempo no território”, frisa o representante, durante o “6<sup>o</sup> *workshop* Interior 2.0: Turismo”<sup>31</sup>, no passado dia 13 mês de março, em Miranda do Douro.

Outra característica importante no turismo de Trás-os-Montes, para além do Turismo de Natureza, é o que chama de “Turismo de Afetos”, realça o representante (Jornal do Interior 2015, versão digital<sup>32</sup>). Um turismo de proximidade em que a relação pessoal com o turista é um ponto fundamental. Esta aposta, a aposta num turismo diferente do que é praticado no resto do território, será uma característica distintiva dos demais.

No que diz respeito ao caso específico de Trás-os-Montes e de Miranda do Douro, Carlos Ferreira considera que é necessário aumentar o fluxo turístico. O representante afirma que “é preciso qualificar os recursos humanos, dando formação específica de forma a conseguir conciliar recursos culturais e técnicas milenares com a modernidade que é hoje o turismo” (Jornal do Interior 2015, versão digital).

---

<sup>31</sup> [http://interior20.pt/workshops/Workshop6\\_Miranda\\_do\\_Douro.pdf](http://interior20.pt/workshops/Workshop6_Miranda_do_Douro.pdf). (consultado em 15 de agosto de 2015).

<sup>32</sup> Cf. *id.*, *ibid.*

Carlos Ferreira aponta ainda para a necessidade de ter consciência que “o Turismo é um setor que gera riqueza, que enriquece o mundo, que emprega milhões de pessoas, que promove um conjunto de infraestruturas e que promove a paz e a cooperação entre nações, para além de ser dos poucos setores que está em contracorrente, estando neste momento em crescimento” (Jornal do Interior 2015, versão digital).

Em relação ao que ainda é preciso ser desenvolvido nestes territórios no setor do turismo, Carlos Ferreira realça que é necessário tempo e investimento. “Temos o património. Precisamos de ter orgulho, de valorizar a nossa terra, de nos capacitar” (Jornal do Interior 2015, versão digital). Na sua opinião é necessário vender melhor o “turismo de afetos”, atraindo turistas experientes e inteligentes que procuram algo de especial.

Afirma também que, apesar de haver pequenos problemas de infraestruturas, o principal problema são “as portas da entrada (os aeroportos), que não existem em Trás-os-Montes e, por isso”, segundo ele, “talvez seja necessário repensar a estratégia de forma a que esta esteja mais virada para o turismo interno ou ibérico, aproveitando a sua localização excecional relativamente à capital espanhola” (Jornal do Interior 2015, versão digital).

Reforça ainda a necessidade de alavancar o Turismo de Natureza. “Temos de desenvolver os vetores fundamentais para potenciar o turismo de natureza, isto é, alojamento de qualidade, acesso a experiências e entretenimento no nosso território, sensibilização ambiental da população local e a promoção dos produtos e etnografia locais” (Jornal do Interior 2015, versão digital). Seria necessário, nas suas palavras, desenvolver uma teia sustentável de empresas e microempresas que criem um ecossistema sustentável e uma oferta turística consistente.

Num apontamento mais intimista, defende que “as máscaras, os rituais de Inverno do Nordeste Transmontano e a Língua Mirandesa deveriam ser candidatos a Património Imaterial da Humanidade”<sup>33</sup> (Câmara Municipal de Miranda do Douro 2015).

É através da atividade turística que muitos elementos, como a língua e as tradições culturais, podem ser valorizados e resgatados numa sociedade. A forma de apresentar para o visitante o que cada lugar tem de melhor, proporcionar à população local o reconhecimento dos seus valores, as suas raízes e a sua importância.

---

<sup>33</sup> <http://www.cm-mdouro.pt/cultura-transmontana-poderia-ser-patrimonio-imaterial-da-humanidade-afirma-carlos-ferreira>. (consultado em 14 de agosto de 2015).

O turismo cultural surge como um dos segmentos da atividade turística que mais tem crescido ultimamente e que se torna imprescindível ao desenvolvimento dos destinos. Tal segmento aborda as vivências dos visitantes relacionadas com o património material e imaterial pertencentes ao conjunto histórico, social, cultural, artístico e antropológico de um povo. As formas de vida, a participação, a evolução e as influências são pontos envolventes e despertam o desejo do conhecimento dos turistas, sejam eles turistas culturais ou não.

O turismo cultural é um segmento que se diferencia dos restantes tipos de turismo. As suas peculiaridades estão marcadas nos interesses dos visitantes que viajam com o objetivo de enriquecimento cultural. “O turismo cultural valoriza a cultura em toda a sua complexidade e particularidade, movimentando-se em busca de ícones que representem a identidade local e a memória colectiva.” (Ministério do Turismo 2008: 25)

Dentre as várias vertentes do turismo cultural encontra-se o turismo literário que proporciona aos seus leitores o poder de experimentar os lugares reais ou imaginários das obras ou das vidas dos seus autores e, àqueles que não têm a leitura das obras, o incentivo à ampliação do conhecimento intelectual e o despertar para a valorização do ato de ler. De acordo com Simões:

(...) ao interpretar o imaginado ficcional tem a sua curiosidade aguçada para conhecer um mundo não familiar. Movido pela vontade de ver a paisagem que inspirou o texto literário, “passeia” pela cidade que a ficção oferece. Assim nasce o leitor-turista. Não satisfeito, porém, com a mobilidade ficcional somente, ele quer ler/ver, ao vivo e a cores, os locais reais tomados pela ficção. De leitor a turista é um passo: aquele que a mobilidade e o trânsito permitem. Torna-se turista-leitor, viajando para re-conhecer e observar as re-significações daquelas cidades, antes visitadas através da leitura. (Simões 2008: 9)

Nesta linha de raciocínio, e numa perspetiva de valorização turística, entendemos que o turismo é indissociável da cultura. Logo acreditamos que uma simbiose entre turismo e literatura pode contribuir para um desenvolvimento sustentável de determinada região. Destacamos, como exemplo, os roteiros da Direção Regional de Cultura do Norte (DRCN), cujo objetivo é “salvaguardar, preservar, restaurar e comunicar (...) os valores da cultura material e imaterial existentes (...)”<sup>34</sup>.

A literatura (prosa, ficção ou poesia) “enquanto detentora de alguma forma de legado público expressa em termos emocionais e espaciais, possibilita-nos falar de património literário”

---

<sup>34</sup> <http://www.culturanorte.pt/pt/drcn/apresentacao> (consultado em 02 de dezembro de 2015)



(Robinson e Anderson 2002: 26). Assim, enquanto património, a literatura torna-se “um produto no mercado” (Howard 2003: 144), criando uma relação entre o turismo e os lugares.

### **1.5 O Turismo Cultural e o segmento do Turismo Literário**

Na perspetiva de Xerardo Pérez, “o turismo é capaz de mover as sociedades e, por isso, a ligação e o crescimento ordenado entre o mesmo e a cultura são tão importantes. São setores interligados e que tomam rumos que permeiam várias facetas e que trazem à tona elementos que antes não eram explorados” (Pereiro 2009: 108). Sob a ótica do mesmo autor, ainda que a natureza cultural do turismo seja já antiga, a ligação entre turismo e cultura é relativamente recente e muito mais o conceito de “turismo cultural” (Pereiro 2009: 108).

A união do turismo e da cultura é explicada por essa necessidade de complementar e diferenciar o modo como se pratica o turismo face ao turismo convencional e de massas, o turismo cultural apresenta-se como alternativa ao turismo de sol e praia mas, num sentido mais amplo, o turismo pode ser entendido como um ato e uma prática cultural (Pereiro 2009:108).

De acordo com o contexto que o turismo cultural compõe e representa, destacamos o papel do turista cultural que, de acordo com Barretto (2007: 23) é aquele que organiza a própria viagem, vai a lugares pouco visitados, interage com a população local e de preferência evita os outros turistas ou pelo menos diferencia-se conceitualmente deles.

Neste sentido, o turista, quiçá um explorador, trata de evitar a rota do turista de massa e os lugares turísticos tradicionais (Cohen 1972:174, citado por Barretto 2007: 22).

Estas são, pois, peculiaridades importantes do ponto de vista do desenvolvimento do turismo, pois estes visitantes estão dispostos a fugir do que é mais comum e promover outros segmentos que não estão diretamente ligados à exploração normal do setor turístico.

Atualmente, a literatura, além de inspirar viagens pelas letras, incentiva a viagem aos ambientes que inspiram a criação de um livro e aos locais onde nasceram e viveram os autores (Rebouças 2010: s.p.) ou as próprias histórias.

A possibilidade de conhecer os lugares marcados pela literatura é facilitada pelo desenvolvimento do turismo que oferece aos visitantes meios de acessibilidade, deslocação,

alojamento, entre outros, mas principalmente a concretização do encontro entre o leitor e os lugares das obras e dos seus autores.

A união de diversos elementos propiciados pela literatura num só destino ou produto turístico transforma-se num atrativo enriquecedor tanto para as localidades (que diversificam as suas atividades, tornam-se visíveis ao grande público valorizando a cultura local), quanto para os visitantes ao apropriar-se de conhecimento e realizar sonhos, ao poder sentir e presenciar os lugares que antes apenas eram imaginados.

## **1.6 As Rotas Turísticas como estratégia de desenvolvimento territorial**

As rotas são uma das práticas turísticas mais procuradas na vertente do Turismo Cultural (Maia, Martins, Baptista 2011: s.p.), pois oferecem ao turista temáticas de interesse ao mesmo tempo que facilitam o acesso a outras atrações ou locais. Desta forma, as rotas turísticas procuram oferecer acessibilidade de deslocações e a gestão de recursos, otimizando o tempo de estadia, para que os visitantes possam desfrutar dos momentos de lazer. Como refere Quijano *et al* (1992: 22), in Correia (2005: 58), a rota é uma “descrição de um caminho (...), especificando os lugares (...) e propondo uma série de actividades e serviços.”

No subcapítulo que se segue, debruçar-nos-emos sobre as rotas literárias enquanto segmento turístico.

### **1.6.1 As Rotas Turístico-literárias**

As rotas turísticas reúnem e organizam o conjunto de elementos de interesse do público visitante, sob uma determinada temática, unindo todos os bens do património local, sejam eles materiais, imateriais ou naturais, que de alguma forma representam algum facto, remetem para alguma história, refiram um determinado estilo de vida ou simbolizem a cultura de uma sociedade. (Maia *et al.* 2011: s.p.)

Cabe à gestão do turismo comandar e definir regras, inovar e apresentar formas diversificadas a atraentes aos visitantes e não esquecer que, antes do consumo propriamente dito, devem ser observados alguns pontos essenciais, possibilitando que o turista tenha uma visão geral dos atrativos que irá visitar, além das infraestruturas que terá à sua disposição.

Para desenvolver uma rota turística, deve-se ter em atenção alguns critérios. As questões relativas aos tipos de procura, custos, as melhores épocas para a realização, entre outros,

devem ser devidamente analisados. A sensibilidade e a sazonalidade, segundo Almeida, Kogan e Júnior (2007: 161) são as variáveis mais importantes na composição das rotas turísticas.

Além do conhecimento dos fatores que possam influir nas rotas, como um estudo prévio do destino a visitar ou por aconselhamento ou indicação de pessoas próximas ao nosso seio familiar, somos da opinião de que o trabalho de marketing é fundamental para a atração de turistas. Imagens e frases devem conseguir estimular o imaginário do turista, motivando-o a viajar para a materialização dos sentimentos despertados na publicidade. O “visitante precisa de sentir, imaginar e desejar conhecer determinado destino ou produto turístico” (Almeida *et al.* 2007: 161).

A prática do turismo literário é algo que poderá partir de uma intenção automotivada do leitor, sendo que ele próprio pode criar e desenhar a rota que o satisfaz, perante o que foi compreendido e imaginado através da leitura. A esse propósito, Simões comenta o seguinte:

A literatura desperta o desejo de viajar e conhecer os lugares traduzidos e descritos pelos autores em suas obras, por essa concepção, guia para roteiros turísticos, na medida em que oferece um mapeamento de espaços e bens simbólicos, trazidos à cena através de patrimônios (material e imaterial) que configuram o perfil identitário de um lugar a ser visitado. (Simões 2002: 16)

Os livros são capazes de, por si só, criarem e definirem a rota a ser visitada pelo leitor. Por isso, um bom planeamento turístico proporciona a viabilização e a concretização dos itinerários literários. Assim, todos os pontos importantes e marcos fundamentais são dispostos ao público para que cada elemento possa ser identificado e explorado da melhor maneira possível.

Conforme Rebouças (2010: s.p.), esse estilo de turismo possibilita a oportunidade do leitor refazer a rota de determinado personagem e de estar presente perante uma atmosfera de lendas pertencentes à relação existente entre ambiente e obra.

De acordo com o que expomos nos parágrafos anteriores, cabe-nos aconselhar a integração dos autores mirandeses, por exemplo, no projeto “Escritores a Norte”<sup>35</sup>, que tem por objetivo a divulgação e a promoção dos nomes ligados à literatura mirandesa, sendo esta uma forma de valorizar a região nordestina e dinamizar o turismo literário.

---

<sup>35</sup> <http://www.escritoresanorte.pt>. (consultado em 12 de novembro de 2015).

### 1.6.2 A Rota Turística para dinamizar a Terra Fria Transmontana

A primeira rota do país dedicada à temática da conservação da natureza, do turismo e do desenvolvimento local nasceu em 2001, em Bragança. Denomina-se Rota da Terra Fria<sup>36</sup>, abrange os concelhos de Bragança, Miranda do Douro, Vimioso, Vinhais e, mais recentemente, Mogadouro, atravessando duas áreas protegidas: o Parque Natural de Montesinho e o Parque Natural do Douro Internacional. O projeto envolve o Instituto de Conservação da Natureza e outros promotores da região, como a Comissão Regional de Turismo do Nordeste Transmontano e a Associação de Desenvolvimento Local CORANE.

A criação de uma rota turística foi a forma que o então Ministério do Planeamento encontrou para compensar os municípios da Terra Fria nordestina pelo facto de não terem sido contemplados por nenhum programa de desenvolvimento, ao contrário do que aconteceu, por exemplo, com os municípios do Vale do Côa ou do Vale do Douro. O projeto pretendeu valorizar o imenso património natural e paisagístico da região o motor de desenvolvimento de uma série de atividades turísticas.

Nos últimos anos, a Associação de Municípios da Terra Fria do Nordeste Transmontano tem requalificado o património e recuperado estradas com o propósito de construir uma rota turística. O produto está agora estruturado e procura privados que queiram comercializá-lo, gerando assim novos caminhos para a economia da região.

No cantinho nordeste do território português há um ditado popular que descreve o clima da região: “nove meses de inverno, três de inferno”. Os três meses de inferno referem-se ao verão que chega abruptamente, com temperaturas altas, depois de um inverno rigoroso, com frio, chuva, geadas e, se as condições meteorológicas o propiciarem, neve. Ao Nordeste Transmontano, na altitude de 600 metros, chama-se “Terra Fria” (Rota da Terra Fria<sup>37</sup>). A região é de planaltos e serras com vales profundos, com pouca influência atlântica.

O clima desta região marca a sua singularidade face a outras regiões do país. Mas há muitos outros aspetos que tornam esta terra “única”. O responsável de comunicação e marketing da Rota da Terra Fria, Pedro Morais<sup>38</sup>, pormenoriza: “Temos uma área enorme de parque natural.

---

<sup>36</sup> <http://www.cm-mdouro.pt/rota-da-terra-fria-transmontana-descobrir-um-territorio-onde-impera-a-identidade-cultural>. (consultado em 14 de agosto de 2015).

<sup>37</sup> <http://www.rotaterrafria.com>. (consultado em 8 de agosto de 2015).

<sup>38</sup> <http://www.cm-mdouro.pt/rota-da-terra-fria-transmontana-descobrir-um-territorio-onde-impera-a-identidade-cultural>. (consultado em 14 de agosto de 2015).

Quase 60% do território é ocupado pelos parques naturais de Montesinho, das Arribas do Douro e do Douro Internacional e zonas da Rede Natura 2000. Diferenciamo-nos ainda por termos a segunda língua do país, o mirandês, por termos pauliteiros. Claro que temos também vários monumentos, como acontece noutras regiões. (...)” (Câmara Municipal de Miranda do Douro: 2015)

O fumeiro, a castanha, a posta mirandesa, o azeite são outros produtos de elevada qualidade que se associam ao património natural e edificado para construir a Rota da Terra Fria, uma iniciativa da Associação de Municípios da Terra Fria do Nordeste Transmontano. (Câmara Municipal de Miranda do Douro: 2015)

Em cada uma das nove portas de entrada no percurso, “localidades que pela sua localização podem ser pontos de partida”, foram colocados quiosques multimédia. “A região debate-se com o problema do despovoamento humano (perdeu 17% da sua população nos últimos 30 anos) e valemo-nos destes meios tecnológicos para combater essa falta de mão-de-obra”, explica Pedro Morais. Nos quiosques, o visitante pode traçar o seu itinerário, saber o que cada percurso oferece, escolher alguns pontos atrativos específicos. O quiosque responde com distâncias, indicações de estradas para seguir e tempo de demora estimado.

Além da paisagem, cada rota inclui um mapa de capelas e igrejas e museus.

Sendo que os trilhos para descobrir a Terra Fria estão traçados (com o tratamento da imagem urbana e a viabilização do percurso através de ligações feitas em asfalto), o futuro passa agora por colocar este trabalho ao dispor de investidores privados, para que o possam comercializar. Pedro Morais defende que a Associação de Municípios não pode ter um papel de vendedor pelo que o “produto” deve ser explorado por privados e comercializá-lo convenientemente. (Câmara Municipal de Miranda do Douro 2015)

## **2. Turismo Linguístico, Património Cultural Intangível**

De acordo com Choay, “o património está ligado, na sua origem, às estruturas familiares, económicas e jurídicas. Com o passar dos tempos e também com a evolução da sociedade, o conceito de património passou a designar o papel de bens culturais, materiais ou não,

adquirindo cada vez mais importância no âmbito do valor económico e histórico” (Choay 2008: 11).

Além da definição anterior, também Maria da Assunção Pinheiro Chagas explica-nos que:

A palavra *Património* relaciona-se fortemente com o conceito de herança, ou seja, tudo o que é transmitido, sendo ou não palpável, de geração em geração. Todos nós já presenciámos momentos em que um membro familiar nos deixa uma casa, uma peça de arte, um livro, por vezes, mesmo antes de morrer. Esse objeto, a que chamamos *herança*, não é mais do que a passagem de Património ao longo das décadas. (Chagas 2014: 3)

A mesma autora prossegue, reiterando que

o caso da *herança social*, ou seja, os objetos, instituições, hábitos que certos elementos de uma sociedade nos deixam, na esperança de nos ver divulgar aquilo que, por vezes, se torna no conhecimento geral de uma sociedade. Este segundo exemplo depende, em grande parte, dos meios de comunicação, enquanto o primeiro se liga mais com o fazer prevalecer a memória, a história familiar. (Chagas 2014: 4)

questionando o leitor se este estará perante um fenómeno de colecionismo do património, por forma a não esquecer o passado.

Do ponto de vista antropológico e sociológico, o património cultural é o conjunto de bens, materiais e imateriais, considerados de interesse coletivo, suficientemente relevantes para a perpetuação no tempo, “garantindo a sobrevivência dos grupos sociais e interligando gerações” (Rodriguez 1997: 42-52). De facto, o património faz recordar o passado, seja ela uma manifestação, um testemunho ou uma comemoração. A sua função é a de trazer à memória acontecimentos tidos como importantes. Daí o conceito “herança social”, anteriormente referido em citação, que legitima a identidade de um grupo e que se recorre do património.

Assim, o património expressa a identidade histórica e as vivências de um povo, contribuindo para manter e preservar essa mesma identidade coletiva através da memória social.

De acordo com a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Intangível, no seu artigo 2º, define o conceito de património cultural intangível da seguinte forma<sup>39</sup>:

---

<sup>39</sup> <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/01856-EN.pdf>. (consultado em 12 de julho de 2015).

Intangible cultural heritage means the practices, representations, expressions, knowledge, skills – as well as the instruments, objects, artefacts and cultural spaces associated therewith – that communities, groups and, in some cases, individuals recognize as part of their cultural heritage. This intangible cultural heritage, transmitted from generation to generation, is constantly recreated by communities and groups in response to their environment, their interaction with nature and their history, and provides them with a sense of identity and continuity, thus promoting respect for cultural diversity and human creativity. For the purposes of this Convention, consideration will be given solely to such intangible cultural heritage as is compatible with existing international human rights instruments, as well as with the requirements of mutual respect among communities, groups and individuals, and of sustainable development. (UNESCO)

Há que reconhecer que nos últimos anos se deu especial atenção ao desenvolvimento do património cultural intangível na Terra de Miranda. Intensificou-se a promoção de manifestações que até aqui se consideravam perdidas. Atividades etno-musicais como as que se apresentam no *Centro de Música Tradicional Sons da Terra* (CMTST), em Sendim, por exemplo, e nas praças públicas de toda a região, como o Centro Histórico de Miranda do Douro, o Postigo de Barça ou o Palácio Episcopal, só para enumerar algumas, são merecedoras de um grande aplauso. Não obstante, um importante património intangível como o são as nossas línguas não têm recebido a atenção necessária, apesar das tentativas com atividades como jornadas e encontros que se têm vindo a desenvolver nos últimos anos. Países vizinhos, como a Espanha, têm uma considerável entrada de divisas anuais graças ao conceito do conhecido “Turismo Linguístico”<sup>40</sup>, pelo que o governo espanhol o inclui no seu PIB anual. Outros países oferecem-no como produto turístico nas páginas de Internet nos seus respetivos Ministérios e Secretarias de Turismo.

A Espanha conta com um excelente talento humano tanto no turismo como no ensino das línguas, mas conta sobretudo com riquezas naturais que funcionam como atrativos para que visitantes-falantes doutras línguas se sintam motivados a aprender as deles, ao mesmo tempo que fazem turismo e disfrutam dos produtos e serviços.

Definitivamente, temos tudo, absolutamente tudo para convertermos numa potência em matéria de Turismo Linguístico. É chamado aos órgãos competentes em matéria turística, relações exteriores, educação e cultura, turistólogos, operadores turísticos, linguistas, professores de línguas estrangeiras, tradutores, entre muitos outros.

---

<sup>40</sup> [http://cultura.elpais.com/cultura/2015/04/24/actualidad/1429890190\\_812984.html](http://cultura.elpais.com/cultura/2015/04/24/actualidad/1429890190_812984.html). (consultado em 15 de setembro de 2015).

A língua e a linguagem como produto turístico é, sem dúvida, uma alternativa para o desenvolvimento económico deste país.

### **3. A língua e cultura locais, alavanca de desenvolvimento turístico: propostas de revitalização**

Mais do que uma ação propriamente dita, trata-se de um conjunto de intervenções convergentes destinadas a conciliar cultura, língua e dinamismo económico, assentes principalmente na animação local, desenvolvimento do turismo e formação.

Neste subcapítulo, apresentamos as propostas de revitalização para a língua e cultura mirandesas sob vertentes distintas, ainda que indissociáveis entre si.

#### **3.1 Elementos principais**

- A cultura e a língua locais como alavancas de desenvolvimento económico e turístico e instrumentos de criação de emprego;

- Valorização de elementos imateriais da identidade: cultura, língua, literatura e música tradicional, de preferência associados aos sítios, do património arqueológico, arquitetónico ou paisagístico;

- Uso do mirandês, língua minoritária, para desenvolver um turismo cultural original e moderno em paralelo com o português, nomeadamente nos folhetos turísticos, nos rótulos dos produtos tradicionais, nas ementas dos restaurantes, entre outros.

#### **3.2 Elementos secundários**

- Um levantamento das vantagens materiais em termos de turismo (riqueza do património histórico, atividades culturais diversas, importância da infraestrutura hoteleira, etc.;

- Uma descoberta de promotores de projetos, de interlocutores e, sobretudo, de voluntários capazes de assumirem coletivamente a gestão de um novo produto, uma vez que a falta de iniciativas individuais torna aleatória, numa primeira fase, a mobilização dos operadores económicos. O método a adotar consistiria em formar e consolidar, através de



esforços concêntricos, um primeiro círculo de iniciativas culturais e turísticas apoiadas na identidade local. Seminários de sensibilização deverão, pois, permitir criar um segundo círculo constituído, por sua vez, por hoteleiros dispostos a promover a língua e a cultura mirandesa, valorizando as atividades culturais do primeiro círculo;

- A organização de seminários destinados a incentivar uma mudança de atitude dos hoteleiros e a evidenciar as relações possíveis entre cultura, língua local e turismo;

- Escolas de Turismo e Hotelaria, visando sensibilizar os alunos para a importância da pluralidade linguística como fator de diversidade e heterogeneidade cultural e comunicativa;

- Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, cursos livres de língua mirandesa ao longo de todo o ano letivo;

- Outras instituições universitárias do país;

- Carta Europeia de Turismo Sustentável do Parque Natural do Douro Internacional;

- Divulgação da cultura mirandesa em *stands* de turismo nacionais e internacionais, nomeadamente em aeroportos e postos de turismo, promovendo a sua língua e gastronomia, através de atuações folclóricas e musicais, e degustações.

- As Universidades Seniores: uma aposta vantajosa

Enquadradas no conceito da aprendizagem ao longo da vida, bem como nos princípios da gerontologia educativa, as Universidades da Terceira Idade são um modelo de formação de seniores com grande sucesso a nível mundial que proporciona aos idosos um variado leque de atividades culturais, recreativas, científicas e de aprendizagem. Citando Maria Da Graça L. Castro Pinto, os motivos da criação deste tipo de instituições é, sobretudo, “o envelhecimento da população e suas repercussões na adaptação a novos estilos de vida depois da cessação das actividades exercidas até à aposentação”. (Pinto 2003: 469)

Com o surgimento das UTI (Universidades da Terceira Idade) em Portugal, em 1976, assistiu-se à sua proliferação pelo país. Com uma dinâmica e funcionamento próprios, as UTI estão direcionadas para o convívio de idosos, numa base formativa.

Em Portugal, as UTI constituem-se como a “resposta socioeducativa, que visa criar e dinamizar regularmente atividades sociais, educacionais, culturais e de convívio,

preferencialmente para e pelos maiores de cinquenta anos. As atividades educativas realizadas são em regime não formal, sem fins de certificação e no contexto da formação ao longo da vida” (Jacob 2012: 16).

Visam o combate à solidão e ao isolamento dos mais idosos através do conhecimento, da partilha e do convívio. Além de um projeto educativo/formativo, emergem sobretudo como um projeto social.

Em contextos municipais, e nos casos que aqui importa referir, a Universidade Sénior de S. Pedro do Sul funciona desde 2011, com 61 alunos inscritos no ano 2015/2016, com as disciplinas de Inglês I e II, Ginástica, Natação, Saúde e Bem-estar, Espanhol, Jardinagem e TIC (Word e Internet), entre outras.<sup>41</sup>

A própria autarquia trabalha no sentido de proporcionar a esta camada etária um “espaço não formal de aprendizagem (...) onde professores voluntários e alunos seniores podem trocar experiências, têm um espaço de partilha, e exercitam corpo e mente aumentando assim a sua qualidade de vida.”<sup>42</sup>

Por seu lado, também o Município de Miranda do Douro promove este projeto educativo/formativo com o “objetivo de contribuir para a resolução de problemas que assumem proporções crescentes nos dias de hoje: o problema do isolamento e o problema da solidão, que provocam uma deficiente qualidade de vida, tendo em conta que o concelho apresenta uma taxa de envelhecimento elevada.”<sup>43</sup> Defende ainda que a Universidade Sénior de Miranda “pretende inserir-se no âmbito da comunicação entre gerações e o intercâmbio de vivências e experiências, bem como o incentivo à transmissão de saberes, através do diálogo e das diferentes formas de expressão (...)”.<sup>44</sup>

Com cerca de meia centena de inscrições e com um leque variado de disciplinas teóricas, práticas e sociais, esta universidade sénior conta com módulos formativos como Arqueologia e Património, Literatura Portuguesa, Língua Mirandesa, Artes Decorativas, Ginástica, Educação Musical e Expressão Rítmica e Corporal, Informática e Canto Oral, entre outros.

---

<sup>41</sup> [www.cm-spsul.pt/conteudo.asp?idcat=177](http://www.cm-spsul.pt/conteudo.asp?idcat=177) (consultado em 26 de abril de 2016).

<sup>42</sup> Cf. *id.*, *ibid.*

<sup>43</sup> <http://universidadeseniordemiranda.weebly.com/cursos.html> (consultado em 26 de abril de 2016).

<sup>44</sup> Cf. *id.*, *ibid.*

Vejam, então, em pormenor, o programa que cada autarquia disponibiliza para esta vertente educativa<sup>45</sup>:

<b>Universidade Sénior de S. Pedro do Sul</b>	<b>Universidade Sénior de Miranda do Douro</b>
<b>Disciplinas 2015/16</b>	
Inglês	Arqueologia e Património
Teatro	Falar Saúde
Informática 1	Literatura Portuguesa
Informática 2	Língua Mirandesa
Música	História da Ciência Moderna e Contemporânea
Ginástica	Mundividência Cristã
Hidroginástica	Artes Decorativas
Ioga	Ginástica
Saúde e Bem-estar	Educação Musical e Expressão Rítmica e Corporal
Dança	Informática
A Arte de Viver Consciente	Canto Oral
Ciência no dia-a-dia	Seminários
Património Concelhio	Visitas de Estudo
História de Portugal	Teatro Popular Mirandês
Clube de Leitura	

Foi com base neste conceito que surgiu a ideia de unirmos ambas as Universidades Seniores, em contexto de convívio e de troca de saberes, no intuito de revitalizar línguas e falares regionais, promovendo tradições orais e gastronómicas que esta geração tão bem sabe legar.

Em reunião com a Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de S. Pedro do Sul, Dra. Teresa Sobrinho, no passado mês de abril, a proposta do projeto teve boa aceitação e estabeleceu-se de imediato a forma de levar adiante esta iniciativa: uma visita de estudo dos idosos a ambos os concelhos, a curto/médio prazo, onde vivenciariam as tradições *in loco* e

<sup>45</sup> Tabela realizada com base nas informações retiradas em <http://www.cm-spsul.pt/conteudo.asp?idcat=177> e <http://universidadeseniordemiranda.weebly.com/cursos.html>, respetivamente (consultado em 26 de abril de 2016).

durante a qual pudessem estabelecer ligações afetivas por forma a permitir a circulação de saberes e fazeres entre estas duas regiões.

A proposta foi alargada à Câmara Municipal de Miranda do Douro, por via eletrónica, mas sem nenhuma resposta até ao momento.

Acreditamos que esta é, de facto, uma das vias possíveis para a revitalização de toda uma cultura e, principalmente, da língua mirandesa como meio de promoção, divulgação e consequente aprendizagem para possíveis interessados.

### **3.3 Elementos inovadores para a região**

#### **3.3.1 Identidade da região**

Fazer de uma língua minoritária um instrumento de desenvolvimento só pode contribuir para reforçar a identidade local. Várias ações em vias de realização traduzem esta orientação:

- Restauro de casas típicas e criação de um centro permanente de animação orientado para a cultura e a literatura locais, destinado aos turistas, mas também a estudantes e habitantes das aldeias;

- Apoio aos centros recreativos e associações locais cujas atividades, essencialmente folclóricas e desportivas, se praticam na língua local;

- Apoio a um “Curso de Escrita”, destinado a escritores, profissionais ou não, propondo oficinas de escrita e de criação literária de curta duração (de preferência animados conjuntamente por um escritor e um monitor), ações de formação para grupos escolares;

#### **3.3.2 Atividades e empregos**

Vai progredindo a ideia de que a utilização da língua local pode ser fonte de empregos, nomeadamente no setor dos serviços, dos meios de comunicação social e da formação.

Pelo exposto, cumpre-nos salientar que, para a promoção e a preservação das línguas minoritárias, neste caso específico, o mirandês, é necessário tomar as medidas adequadas desenvolvendo ações em prol da sua projeção e manutenção. Referimos que:

- é necessário incentivar iniciativas no domínio da educação, da cultura e da informação;

- é necessário preservar e promover a língua e cultura locais;
- é preciso reforçar a dimensão europeia e estimular a cooperação entre todos aqueles que trabalham para a preservação e promoção da língua e cultura envolvidas;
- é urgente melhorar o intercâmbio de informação e a transferência de experiências e, finalmente;
- é imperioso sistematizar, melhorar ou promover o ensino da língua mirandesa em todas as fileiras educativas, desde a pré-primária até à formação de adultos.

Para que tal possa acontecer, é necessário orientar projetos-piloto pedagógicos nos diferentes níveis de ensino, desenvolver formações-piloto iniciais e contínuas dos docentes de língua mirandesa, incentivar publicações para crianças e adultos, produzir material didático adequado, reorientar trabalhos de normalização da língua, lexicografia e terminologia, promover investigação linguística, conferências, colóquios e seminários, desenvolver mais e melhores redes de informação e documentação e, finalmente, proporcionar encontros de locutores da língua localizados nos diferentes países da diáspora, sendo que tais encontros tenham sempre um conteúdo cultural na perspetiva de promover e preservar a língua.

### **3.4 Marketing e Promoção Turística**

Um dos setores da atividade económica onde o imaginário assume um relevante papel é o turismo.

Criam-se atualmente imaginários turísticos que modelam os produtos como se fossem reais (Crouch e Lübbren 2006: s.p.). O imaginário das sensações torna-se o centro gravitacional da publicidade institucional dos países, operadores turísticos, cadeias hoteleiras e outras empresas turísticas.

A criação de uma marca-destino turístico – MIRANDA DO DOURO – pressupõe, no entanto, uma prévia indagação do que para ela se pretende, quais os elementos que a estruturam e que a diferenciam das demais. Não basta, no entanto, essa identificação dos alicerces estruturantes e identificadores de uma marca-destino. Há que criar um conjunto de imagens e mensagens-texto que seduzam os consumidores, que os motivem a viajar para o destino, verificar regularmente a adequação dos recursos icónicos.

Entendemos, pois, que a promoção e a publicidade turísticas constituem a chave-mestra para a projeção de qualquer destino/produto/marca através de canais adequados.

A publicidade turística constitui uma ferramenta de grande utilidade que, mercê das suas características de informação e persuasão, apoia o desenvolvimento dos centros turísticos pela circunstância de dar a conhecer, prestigiar e dirigir, para esses destinos, fluxos de visitantes que proporcionam benefícios de diversas vertentes, nomeadamente económicos. Tal como sublinha Marc Augé, “o turismo é uma procura de imagens, um caleidoscópio ilusório” (Augé 1997: 14). Por outro lado, “fazer promoção é comunicar, criar e projetar imagens para persuadir o consumidor de que o destino é a melhor escolha” (Quinn 1994: 62).

Pelo referido, entendemos que a escolha de um destino é motivada por um conjunto de fatores que dependem em grande parte da informação que é passada para o exterior.

São várias as entidades envolvidas na promoção e distribuição da atividade e que, em conjunto, atuam para que as deslocações turísticas se processem. Nesse sentido, propomos um apelo aos seguintes atores, oficiais e particulares, para que possam promover a marca/produto de MIRANDA DO DOURO:

- aos organismos oficiais:

No contexto de marketing e promoção do setor do turismo na região do Planalto Mirandês, existe um conjunto de entidades cuja atividade se desenvolve no sentido de coordenar e promover os destinos e os produtos turísticos. No primeiro grupo, escolhemos inserir os organismos estatais, regionais e locais autónomos, como o Turismo do Porto e Norte de Portugal, E.R., do qual fazem parte as cidades do Porto, Guimarães, Chaves, Bragança e Braga, sendo que cada uma das delegações é responsável pela dinamização de um produto estratégico. Contando com 55 lojas interativas de Turismo distribuídas pela região identificada, verificamos que Miranda do Douro não consta desta lista apresentada<sup>46</sup>.

Salientamos o facto que contactámos o Turismo do Porto e Norte de Portugal, E.R. no sentido de uma possível divulgação do concelho de Miranda do Douro, nomeadamente dos seus produtos e cultura, em pontos estratégicos, tais como aeroportos e postos de turismo nacionais. Lamentamos a falta de resposta por parte do organismo em questão.

---

<sup>46</sup> <http://www.portoenorte.pt/client/skins/categoria.php?cat=151&top=1> (consultado em 23 de agosto de 2015).

No segundo grupo incluímos as associações e empresas municipais como a “Miranda Cultural e Rural, E.M.”, a “Associação de Municípios da Terra Fria do Nordeste Transmontano” e a “Associação de Língua e Cultura Mirandesa”.

- às associações recreativas e culturais locais:

“Associação Cultural dos Pauliteiros de Miranda”, “Frauga – Associação para o Desenvolvimento Integrado do Picote”, “Lérias – Associação Cultural de Palaçoulo”, entre outras.

- aos promotores turísticos:

Para a promoção turística de um determinado território concorrem os “operadores turísticos, agentes que condicionam fortemente a oferta turística. São considerados grossistas, na medida em que organizam viagens de grupo ou coletivas que combinam diversos bens e serviços adquiridos aos respetivos produtores” (Cunha 2001: 289). Por sua vez, “as agências de viagens constituem retalhistas uma vez que constituem o canal mais imediato de distribuição entre a oferta e a procura turística, vendendo os produtos dos operadores” (Cunha 2001: 309). Destacamos a “Rota da Terra Fria Transmontana” ([www.rotaterrafria.com](http://www.rotaterrafria.com)), a “Douro Pula Canhada” ([www.douropulacanhada.com](http://www.douropulacanhada.com)), a “Anda d’i” ([www.andadi.pt](http://www.andadi.pt)) e, noutra base de divulgação, a revista “Raízes” ([www.revistaraizes.pt](http://www.revistaraizes.pt)) que se dedica exclusivamente à região de Trás-os-Montes e Alto Douro.

- aos canais especializados:

No contexto da estrutura da distribuição turística, existem meios que condicionam a formação dos fluxos turísticos aliados a segmentos de mercado consubstanciados numa estrutura operativa onde gravitam várias instituições. Associado à cada vez maior especialização da atividade turística, vão surgindo intermediários especializados que focalizam a sua atividade para segmentos ou produtos, tais como: **viagens de incentivo**, **convenções** e **reuniões**. Neste âmbito, assiste-se a nível nacional a uma crescente quebra na utilização dos serviços das agências de viagens.

Destacamos, assim, o crescente papel do turismo virtual, seja pela informação que possibilita ao turismo seja pelo e-comércio o que resulta em novas formas de intermediação. Se antes as reservas eram feitas pelos operadores turísticos, atualmente são feitas pelos clientes finais, obrigando os intermediários a repensarem, não só o produto como as suas estratégias de

marketing para novos canais, diferenciando os esforços publicitários nos meios da internet mais frequentados pelo cliente-alvo.

A abrangência territorial que a internet confere ao utilizador permite a todos os utilizadores, sem necessidade de intermediários, de aceder à informação e efetuar reservas à escala mundial. A internet tornou-se assim numa nova forma de comercialização dos destinos e produtos turísticos, mais rápida, mais eficaz e mais económica.

Neste contexto de marketing digital, queremos deixar alguns apontamentos de como promover o potencial de um produto/marca – MIRANDA DO DOURO –, nesta região transmontana, e desafiar todos os atores interessados em promover de forma estratégica o seu destino/produto/marca, passando assim a serem os próprios gestores de promoção turística. Dentre muitos possíveis, destacamos os seguintes:

- utilizar a imaginação e a criatividade na criação e comercialização de produtos turísticos que ofereçam experiências autênticas. Hoje em dia, a palavra-chave é “emoção”. As pessoas que já viajaram pelo mundo procuram experiências e vivências que marquem as suas viagens. A formatação de bons produtos, com alto valor agregado, é a chave para a diferenciação e para a promoção turística. Falamos tanto em formatar experiências que a ideia parece um pouco ultrapassada. Cremos, contudo, que ainda há muita coisa a ser feito neste campo.

Assim sendo, como vender experiências turísticas com base na emoção?

Vivemos na era da experiência. Os turistas decidem as suas viagens em função do tipo de experiência que desejam viver durante as suas férias: aventura, contacto com a natureza, relaxamento, gastronomia, cultura, entre muitas outras. Os turistas procuram situações únicas, novos sabores e emoções: vivências diferentes. Esse movimento acontece no mundo inteiro e não é apenas uma moda, mas uma tendência que se está a consolidar fortemente à medida que o turismo fica mais acessível e os destinos globalizados.

Mas, como se vende experiência no destino turístico? Como se embala um pacote turístico de forma a proporcionar emoções? As agências de viagens veem-se como pouco competitivas frente às operadoras de turismo. Mas esquecem de que contam a seu favor o facto de serem pequenas empresas e, por isso, mais flexíveis. Podem adaptar-se às necessidades de cada cliente e devem oferecer-lhe novas situações, criando produtos personalizados, *à la carte*, e experiências autênticas.



A evolução dos *smartphones* e dos *tablets* é inquestionável e a tendência é que todos tenhamos um desses dispositivos móveis que nos permitam ter as informações na palma das mãos. Portanto, as ações de marketing digital do destino ou produto devem ser muito bem planejados e executados, principalmente no que se refere ao sítio e à atuação nas redes sociais.

O vídeo comercial é uma ferramenta fantástica para mostrar os produtos turísticos, muito melhor do que folhetos, fotos de catálogos e textos que trazem pequenas descrições do local ou da atração divulgada. A possibilidade de ver um vídeo e ao lado ter um “call to action” que impulsiona a venda e abre diversas possibilidades. Um vídeo bem feito diz muita coisa sobre o produto ou o destino. Somos da opinião de que o *Youtube* e o Turismo são uma combinação perfeita. Citamos o exemplo de vídeos e *flash mobs* que proliferam na internet sobre a cidade do Porto, projetando-a e divulgando-a mundialmente. Consequentemente, a cidade foi eleita como melhor destino europeu por dois anos consecutivos. Ademais, e de acordo com o Instituto Nacional de Estatística<sup>47</sup>, “a zona norte do país ocupa o primeiro lugar do *ranking* do crescimento turístico” (Delfim e Terrasêca 1998: 19).

Os aplicativos móveis direcionados para viagens e turismo. Apostar num aplicativo com o intuito de facilitar a procura de informação e a oferta turística.

A utilização de um Código QR. Cada vez mais presente nas ações de marketing, o Código QR é um código de barras em 2D que pode ser digitalizado pela maioria dos telemóveis com câmara fotográfica. Esse código não é nada mais do que um link que redireciona o acesso direto ao conteúdo publicado na Internet, geralmente bem mais robusto em termos de informações. Pode ser um sítio, um blogue ou e-comércio. São utilizados em revistas, jornais, cupões ou folhetos para a divulgação de produtos, promoções, descontos, entre outros. A grande vantagem do Código QR é diminuir o tempo entre a publicidade e a decisão de compra, já que a maior parte das vendas é feita por impulso.

Os *spots* publicitários

Utilizado na maioria das vezes por empresas comerciais, os *spots* publicitários funcionam como uma ponte entre o anunciante e o ouvinte. Como a publicidade está cada vez mais avançada em matéria de inovações, acreditamos que um *spot* de boa qualidade, a circular nos

---

<sup>47</sup> <file:///C:/Documents%20and%20Settings/Utilizador/Os%20meus%20documentos/Downloads/A2REE16.PDF>. (consultado em 24 de julho de 2015).

diferentes canais de televisão e nas rádios nacionais, constitui uma boa alavanca promocional no sentido de cativar potenciais viajantes para a região.

É preciso criar portais de promoção interna e externa para apresentar conteúdos relacionados com a língua e cultura mirandesas.

É fundamental utilizar ferramentas de divulgação como os sítios *Twitter* e *Facebook* para dar a conhecer o produto/marca/destino.

É necessário promover campanhas de promoção/divulgação junto das principais feiras de turismo nacionais e internacionais.

É imperioso apostar em publicidade em *outdoors* em zonas de grande afluência ou estrategicamente inseridos nos percursos pedestres ou rodoviários, tornando o produto/destino/marca muito mais visível.

É imprescindível apostar num filme promocional de qualidade focado na identidade mirandesa, a divulgar, por exemplo, no canal de televisão e de rádio na Internet vocacionado para a cultura em português: “Mundus21” ([www.mundus21.com](http://www.mundus21.com)).

É preciso estabelecer parcerias com motores de busca vocacionados para a área do turismo, como a “Momondo” ([www.momondo.pt](http://www.momondo.pt)), a “Trivago” ([www.trivago.pt](http://www.trivago.pt)) ou a “Tripadvisor” ([www.tripadvisor.com](http://www.tripadvisor.com)) e para a área da educação, tais como “Duolingo” (<https://pt.duolingo.com>), “Babbel” (<http://pt.babbel.com>) ou “Italki” ([www.italki.com](http://www.italki.com));

É fundamental ser referência em revistas e jornais de especialidade como a “Revista Portugalglobal” ([www.portugalglobal.pt](http://www.portugalglobal.pt)), a “Destinos”, jornal com edições quinzenais, entre outros.

É necessário incentivar a aprendizagem da língua mirandesa junto de escolas de línguas em várias cidades do país e juntas de freguesias de toda a região transmontana, pelo menos. Neste âmbito, acreditamos que uma divulgação junto das bibliotecas municipais e das escolas secundárias também constitui uma aposta fundamental para a promoção linguística e cultural da região transmontana.

Bem utilizados num planeamento estratégico de marketing, estas ferramentas podem gerar muitos benefícios para o negócio local da região e para a manutenção da língua e cultura mirandesas.

## Conclusão

O património linguístico de um país é um dos seus maiores bens, além do seu maior legado às gerações futuras, pois com a transmissão dos idiomas transferem-se milhares de características, fatores e costumes especiais e únicos. Por consequência, a morte de um idioma implica na perda imensurável para um país e, inclusive, para a humanidade, pois perde-se, além da forma básica de comunicação, uma cultura com todas as suas expressões como folclore, história, musicalidade, religião, etc. A este propósito, citaremos Hagège:

(...) as línguas, sem esgotarem o conteúdo das culturas, são uma sua componente fundamental, a parte de engenho que é depositado em cada uma delas sendo suficientemente grande para que a morte de um número considerável seja uma espécie de catástrofe, e o que desaparece perde-se do nosso fundo universal de humanidade. (Hagège 2000: 175).

Assim sendo, o turismo necessita de ser encarado em termos económicos através de duas formas complementares. Por um lado, porque atrai novos consumidores para o território e, com estes, permite criar novas dinâmicas de negócio para as empresas locais. Por outro lado, porque permite melhorar as condições de vida das populações locais, oferecendo-lhes novas oportunidades de lazer, recreio e atividade profissional. Neste sentido, o turismo deve ser entendido como uma atividade económica capaz de promover a aproximação e a comunicação entre o município e os munícipes. O perfil dos novos turistas promoverá necessariamente novas oportunidades de expansão do setor, através do desenvolvimento de novas ofertas, da construção e estruturação de produtos personalizados e da afirmação de cadeias de negócio que concorrem invariavelmente para a projeção dos novos destinos, independentemente da sua dimensão geográfica. As características endógenas deste território (a língua mirandesa, a gastronomia, a carne certificada, as artes na vertente da música e da dança, entre outras) asseguram-lhe, do nosso ponto de vista, um posicionamento privilegiado e altamente competitivo no quadro desta nova procura, quando comparado com outros municípios nacionais.

Portanto, a manutenção de um idioma é um fator importantíssimo para a identidade de um povo, por se constituir num dos seus principais suportes culturais, além de ser uma expressão preservadora da sua dignidade e orgulho. Daí a necessidade de conhecermos o nosso riquíssimo património linguístico, consciencializarmos da sua importância e da necessidade de protegê-lo, inclusive, com uma efetiva aplicação da legislação, se for preciso.

Acreditamos que a potencialidade do desenvolvimento turístico da região de Miranda do Douro implica, do nosso ponto de vista, um entendimento alargado das especificidades culturais desta região. Urge, pois, olhar para esta região como tendo características próprias, com manifestações culturais e etnográficas peculiares. E é a partir destes pressupostos que podemos sustentar a ideia de que Miranda do Douro, a sua língua e cultura mirandesas apresentam potencialidades de desenvolvimento turístico de toda a região do Planalto Mirandês.

Em termos estratégicos, é evidente que os vetores decisivos para o crescimento qualitativo e equilibrado do setor turístico em Miranda do Douro devem continuar a centrar-se em torno da melhoria da qualidade da oferta, nomeadamente em ações promocionais para divulgar a região e no desenvolvimento de produtos que favoreçam a criação de empregos e de empresas locais cujo objetivo é a valorização do património natural e cultural.

Em referência à preservação da língua, concluímos que esta interessa, em primeiro lugar, aos seus falantes, pelo seu valor simbólico de afirmação identitária. Assim, o domínio da língua mirandesa tem ainda mais importância se considerarmos que a mesma constitui uma via de acesso ao património cultural, reconhecendo-lhe as vantagens que traz na abertura a uma dimensão regional virada para o futuro.

Efetivamente, se o futuro da língua mirandesa depende, em particular, dos seus falantes, a sua continuidade também está relacionada com instituições, quer públicas quer particulares, e com os meios de difusão como a comunidade escolar no seu todo. Apesar das alterações sociais e das conjunturas económicas que o país atravessa, acreditamos que a realidade política local poderá contribuir ainda mais para a promoção e a divulgação desta língua através de mais edições de obras em mirandês, além das já muitas existentes. Caberá também aos linguistas nacionais e professores de língua portuguesa fazerem um esforço acrescido para que esta língua não caia no esquecimento de um povo.

Se é verdade que o futuro se afigura como incerto, também a sociedade civil se tem transformado, acompanhando a evolução dos tempos, sem perder a sua identidade própria, recuperando-a, redescobrimo-la e até mesmo reinventando-a.

E é com uma visão otimista que encerramos esta panorâmica linguístico-cultural mirandesa na esperança que mais respostas e desafios possam continuar a acompanhar e a descrever o bom desenvolvimento e manutenção de uma língua e cultura únicas deste país.

## Bibliografia Geral:

(de acordo com as normas de estilo do Departamento de Letras, Artes e Comunicação)

Afonso, Ana Isabel (2013): *Sendim Planalto Mirandês. Valores em Mudança no Final do Século XX*. Lisboa: Colibri.

Almeida, A., Kogan A. & Júnior, R. (2007): *Elaboração de Roteiros e Pacotes*. Curitiba: IESDE.

Augé, Marc (1994): *Não-lugares: introdução a uma metodologia da modernidade*. Campinas: Papirus.

\_\_\_\_\_ (1997): *L'impossible voyage. Le tourisme et ses images*. Paris : Éditions Payot & Rivages.

Banducci, Jr., Álvaro, e Barreto, Margarita (Org.) (2001): *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas: Papirus.

Barreto, Margarita (2001): *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento*. 2ª edição. Campinas: Papirus.

\_\_\_\_\_ (2007): *Turismo y Cultura. Relaciones, contradicciones y expectativas*. Tenerife-España: El Sauzal.

Beni, Mário (2000): *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: SENAC.

Camlong, André (2006): “Sauver le Mirandais. Lettre à un très cher ami de Miranda”. In : *Tierra de Miranda*. Revista do Centro de Estudos António Maria Mourinho, nº 1, Julho de 2006, Miranda do Douro.

Carlos, Ana Fani Alessandri (1996): *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec.

Chagas, Maria da Assunção Pinheiro (2014): “O Conceito de Património Cultural no Século XXI: a comunicação social no processo colecionístico de arte”. In: *Revista Tritão 2*, Câmara Municipal de Sintra: 2-17.

Choay, Françoise (2008): *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70.

Cohen, Erik (1972): “Towards a sociology of internal tourism. Social Research”. In (2007): *Turismo y Cultura. Relaciones, contradicciones y expectativas*. Tenerife-España: El Sauzal. Margarita Barreto.

Correia, I. (2005): *As rotas dos vinhos em Portugal: estudo de caso da rota do vinho da Bairrada*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro. Dissertação de Mestrado.

Correia, Mário (2012): *Histórias de Vida dos Gaiteiros do Planalto Mirandês ... Que de Fol'gaita Tocavam*. Lisboa: Âncora Editora.

Correia, Mário (11 de março de 2015): Entrevista presencial. [1h43min.].

Crouch, D., Lübbren, N. (2006): *Visual Culture and Tourism*. Oxford: Berg Publishers.

- Cunha, Licínio (2001): *Introdução ao Turismo*. Lisboa – São Paulo: Editorial Verbo.
- Direção Geral do Desenvolvimento Regional (2001): *A zona de fronteira Portugal-Espanha*. Lisboa: Direção Geral do Desenvolvimento Regional.
- Ferreira, Albino J. de Moraes (1898): *Dialecto Mirandez*. Lisboa: Imprensa de Libiano da Silva.
- Ferreira, Manuela Barros (2001): “O Mirandês no Ano Europeu das Línguas”. In: *Mais línguas, mais Europa: celebrar a diversidade linguística e cultural da Europa*. Lisboa: Edições Colibri. Edição/Coordenação de Maria Helena Mira Mateus.
- Fishman, Joshua A. (1991): *Reversing language shift: Theoretical and empirical foundations of assistance to threatened languages*. Clevedon & Philadelphia: Multilingual Matters.
- Hagège, Claude (2000): *Não à morte das línguas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Howard, P. (2003): *Heritage: Management, Interpretation, Identity*. London: Continuum.
- Jacob, L. (2012): “Universidades Seniores: Criar novos projetos de vida”. In: *RUTIS*, nº3. Almeirim: RUTIS.
- Macdonal, João (2015): “Trás-os-Montes”. *Revista UP, TAP Portugal*. Lisboa: Redação UP.
- Martinet, André (1970): *Elementos de Linguística Geral*. Lisboa: Sá da Costa.
- Menezes, Ulipiano (2002): “Os usos culturais da cultura : contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais”. In: *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec. Eduardo Yáziqi *et al.* (org.):
- Ministério do Turismo (2008): *Turismo Cultural : Orientações Básicas*. Brasília: Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral e Segmentação.
- Miranda do Douro / Lisboa (1999): *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa*. Câmara Municipal de Miranda do Douro. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Mourinho, António Maria (1983): “O museu mirandês, ou museu da Terra de Miranda (razões da sua existência e do seu futuro)”. In: *Brigantia – Revista de Cultura*, publicação trimestral, vol. III, nº 1, Janeiro – Março 83. Bragança: 33-42.
- \_\_\_\_\_ (1988): “O Dialecto Mirandês como vector cultural no Nordeste Transmontano”. In: *Brigantia – Revista de Cultura*, publicação trimestral, vol. VIII, nº 34, Julho – Dezembro 88. Bragança: 3-23.
- \_\_\_\_\_ (1991): *Terra de Miranda Coisas e Factos da Nossa Vida e da Nossa Alma Popular*. Miranda do Douro: António Maria Mourinho e Câmara Municipal de Miranda do Douro.
- Organização Mundial do Turismo (OMT) (1993): *Desenvolvimento do turismo sustentável: manual para organizadores locais*. Madrid, OMT.
- Pereiro, Xerardo Pérez (2009): *Turismo Cultural: Uma Visão Antropológica*. Tenerife-Espanha: El Sauzal.

Quinn; B. (1994): “Images of Ireland in Europe: A Tourist Perspective”. In *Culture, Tourism and Development: The Case of Ireland*. Liverpool: 61-73.

Robinson, M., e Anderson, H. (2002): *Literature and Tourism: Reading and Writing Tourism*. London: Continuum.

Santana, Maria Olinda Rodrigues (2007): “A Língua Mirandesa”. In: *Latitudes. Cahiers Lusophones* 29. Paris: 51-56.

\_\_\_\_\_ (2009): *Diálogo de dois intelectuais em torno da História e da Cultura do Nordeste Transmontano*. Miranda do Douro / Torre de Moncorvo.

Saussure, Ferdinand (2006): *Curso de Linguística Geral*. 27ª edição. São Paulo: Editora Cultrix.

Siguan, Miquel (1996): *A Europa das Línguas*. Lisboa: Terramar.

Simões, M. L. N. (2008): *Identidade cultural e turismo: a literatura como agenciadora de trânsitos e possível elemento de sustentabilidade*. Ilhéus: Editus.

Torga, Miguel (1993): *Portugal*. 6ª edição. Coimbra: Edição do Autor.

Trigo, Luiz G.G. (2000): *Turismo e qualidade: tendências contemporâneas*. 6ª edição. Campinas: Papirus.

Vasconcelos, José Leite de (1900): *Estudos de Philologia Mirandesa I*. Lisboa: Imprensa Nacional.

### **Bibliografia Digital:**

Associação de Municípios (2015): *Terra Fria*. Disponível em: <http://www.terrafria.pt> (consultado em 8 de agosto de 2015).

Bello Vázquez, R. (2000): “Celtismo e saudade como repertórios míticos en Otero Pedrayo”. In: *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero, Tomo II, Literatura Miscelânea*: 91-103.

Disponível em:

[https://books.google.pt/books?id=J05pdWOXbU8C&pg=PA99&lpg=PA99&dq=saudade+celta&source=bl&ots=1\\_qM3wzv0A&sig=cJV22C20PT4DUHA18E7DyO9AkY&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwjPr8mI6u7NAhWFPRoKHaYdA0E4ChDoAQg2MAU#v=onepage&q=saudade%20celta&f=false](https://books.google.pt/books?id=J05pdWOXbU8C&pg=PA99&lpg=PA99&dq=saudade+celta&source=bl&ots=1_qM3wzv0A&sig=cJV22C20PT4DUHA18E7DyO9AkY&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwjPr8mI6u7NAhWFPRoKHaYdA0E4ChDoAQg2MAU#v=onepage&q=saudade%20celta&f=false) (consultado em 03 de julho de 2016).

Câmara Municipal de Miranda do Douro (2015): Versão online. Disponível em: <http://www.cm-mdouro.pt/defensores-mirandes-exigem-assinatura-da-carta-europeia-de-linguas-minoritarias>. (consultado em 14 de agosto de 2015).

\_\_\_\_\_ (2016): Versão online. Disponível em: <http://universidadeseniordemiranda.weebly.com/cursos.html> (consultado em 26 de abril de 2016).

\_\_\_\_\_ (2016): Versão online. Disponível em: [http://www.cm-mdouro.pt/frontoffice/pages/130?news\\_id=380](http://www.cm-mdouro.pt/frontoffice/pages/130?news_id=380) (consultado em 24 de fevereiro de 2016).

Câmara Municipal de S. Pedro do Sul (2016): Versão online. Disponível em <http://www.cm-spsul.pt/conteudo.asp?idcat=177> (consultado em 26 de abril de 2016).

Canal História (2008): “Mirandês outra língua” (coletânea de 7 vídeos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3SIv2sF5jOM&list=PLC5839CB934B845B5&index=1>. (consultado em 9 de julho de 2015).

Ceolin, Roberto (2002): “Um enclave leonês na paisagem unitária da língua portuguesa”. In: *Ianua. Revista Philologica Romanica* 3: 62-83. Disponível em: [http://www.romaniaminor.net/ianua/index2\\_en.htm](http://www.romaniaminor.net/ianua/index2_en.htm). (consultado em 14 de janeiro de 2015).

Ciberdúvidas da Língua Portuguesa (2016): Base de dados digital sobre a Língua Portuguesa. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/lingua-nacional--lingua-oficial/9248> e <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/dialectos/7278> (consultado em 20 de março de 2016).

Conselho da Europa (1992): *Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias*. Versão portuguesa. Disponível em: [https://www.coe.int/t/dg4/education/minlang/textcharter/Charter/Charter\\_pt.pdf](https://www.coe.int/t/dg4/education/minlang/textcharter/Charter/Charter_pt.pdf). (consultado em 14 de maio de 2015).

Conseil de l'Europe (2015): *Charte Européenne de Langues Régionales ou minoritaires*. Disponível em: [http://www.coe.int/t/dg4/education/minlang/aboutcharter/default\\_fr.asp](http://www.coe.int/t/dg4/education/minlang/aboutcharter/default_fr.asp) (consultado em 14 de maio de 2015).

Delfim, Luís, e Terrasêca, Rui (1998): “O Norte de Portugal Turístico: 1991-1995”. In *Estatísticas & Estudos Regionais. Região Norte* 16. INE. 19-34.”. Disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/Utilizador/Os%20meus%20documentos/Downloads/A2REE16.PDF>. (consultado em 24 de julho de 2015).

Diário da República (1999): *Artigo 7º, de 29 de janeiro. I Série – A*. Disponível em <https://dre.pt/application/file/182897>. (consultado em 6 de fevereiro de 2015).

\_\_\_\_\_ (1998): *Projeto de Lei n.º 534/VII. II Série A, 58*. Disponível em <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r3/dar/s2a/07/03/058/1998-06-09/1260?pgs=1260-1261&org=PLC&plcdf=true>. (consultado em 30 de maio de 2015).

Direção Regional de Cultura do Norte (2015): Plataforma digital. Disponível em <http://www.culturanorte.pt/pt/drcn/apresentacao> (consultado em 02 de dezembro de 2015).



Escritores a Norte (2015): Plataforma digital. Disponível em <http://www.escritoresanorte.pt> (consultado em 12 de novembro de 2015).

Eurocid (2014): *Muitas línguas, uma só família. As línguas na União Europeia*. Bruxelas: Comissão Europeia. Disponível em: <http://ftp.infoeuropa.eurocid.pt/files/database/000020001-000021000/000020823.pdf> (consultado em 16 de maio de 2015).

Expresso (2015): Jornal digital. Disponível em <http://expresso.sapo.pt/cultura/amadeu-que-aprendeu-o-mundo-no-campo-e-tinha-o-coracao-na-ponta-dos-dedos=f913553> (consultado em 18 de abril de 2015).

Ferreira, Manuela Barros (1995): “O mirandês e as línguas do Noroeste peninsular”. In: Lletres Asturianas, Boletín Oficial de l’Academia de la Llingua Asturiana. Principáu d’Asturies, n.º 57. Disponível em: <http://www.academiadelalingua.com/lletresasturianas/pdf/Art%3%ADculo%201-Manuela%20Barros%20Ferreira-O%20Mirand%C3%AAas%20e%20as%20%C3%ADnguas%20do%20Noroeste%20peninsular.pdf> (consultado em 28 de outubro de 2015).

Galundum Galundaina (2015): Página oficial. Internet. Disponível em: <http://www.galundum.co.pt> (consultado em 11 de março de 2015).

Infopédia (2016): Dicionário digital da Porto Editora. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/l%C3%ADngua> (consultado em 06 de abril de 2016).

Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (2016): Plataforma digital. Disponível em <http://e-ipol.org/a-carta-das-linguas-minoritarias-e-suas-vulnerabilidades-na-europa> (consultado em 12 de fevereiro de 2016).

Interior 2.0 (2015): Jornal digital online. Disponível em [http://interior20.pt/workshops/Workshop6\\_Miranda\\_do\\_Douro.pdf](http://interior20.pt/workshops/Workshop6_Miranda_do_Douro.pdf). (consultado em 15 de agosto de 2015).

Landaburu, J. (2005): *La mondialisation menace la planète Babel*. Paris: Le Monde. Disponível em: [http://www.lemonde.fr/planete/article/2005/08/25/la-mondialisation-menace-la-planete-babel\\_682526\\_3244.html](http://www.lemonde.fr/planete/article/2005/08/25/la-mondialisation-menace-la-planete-babel_682526_3244.html) (consultado em 24 de junho de 2015).

Lhéngua Mirandesa (2015): Sítio sob a responsabilidade da Escola Secundária de Miranda do Douro. Disponível em: <http://esmd.dyndns.org/expert/mirandes/espaco.html> (consultado em 12 de janeiro de 2015).

Macdonald, João (2015): “Trás-os-Montes”. *Revista UP*. Lisboa: TAP. Disponível em: <http://www.tapportugal.com> (consultado em 6 de agosto de 2015).

Maia, S., Martins, U. & Baptista, M. (2011): “Cultural Tourism in the Urban Context. Museum Routes – The cases of Aveiro and Ílhavo (Portugal)”. In: *Colloque International Nouveaux Musées, Nouvelles Ères Urbaines, Nouvelles Mobilités Touristiques*. Paris (20 e 21 de janeiro). Disponível em [http://mariamanealbaptista.com/pdf/9\\_PropostaRotasMuseologicas.pdf](http://mariamanealbaptista.com/pdf/9_PropostaRotasMuseologicas.pdf). (consultado em 5 de março de 2015).

Martins, Cristina (1997): “A vitalidade de línguas minoritárias e atitudes linguísticas: o caso do mirandês”. In: *Lletres Asturianes*. Boletín Oficial de l’Academia de la Llingua Asturiana. Principáu d’Asturies, nº 62. Disponível em: <http://www.academiadelalingua.com/lletresasturianes/pdf/Art%C3%ADculu%201-Cristina%20Martins-A%20vitalidade%20de%20%C3%ADnguas%20minorit%C3%A1rias%20e%20atitudes%20ingu%C3%ADsticas.%20o%20caso%20do%20mirand%C3%AAs.pdf> (consultado em 28 de outubro de 2015).

\_\_\_\_\_ (2010, no prelo): “O mirandês face ao português e o castelhano. Elementos para uma breve caracterização linguística e sociolinguística de um idioma minoritário”. In: *Lenguas minorizadas de Europa: rasgos distintivos, situación y pervivencia*. Volume a editar pela Editorial Compostela Group Universities.

Nelde, Peter, Strubell M., e Williams G. (1996): The production and reproduction of the minority language groups in the European Union, EUROMOSAIC, Office for Official Publications of the European Communities, Luxembourg. Disponível em: <http://www.lavplu.eu/central/bibliografie/euromosaic1.pdf> (consultado em 30 de janeiro de 2016).

Notícias do Nordeste (2015): Jornal digital. Disponível em <http://www.noticiasdonordeste.pt/2015/06/artur-nunes-quer-que-o-estado-portugues.html>. (consultado em 12 de agosto de 2015).

Peiro, Patricia (2015): “El turismo idiomático del español crece en todo el mundo”. In: *El País*. Edição de 24 de abril de 2015. Disponível em: [http://cultura.elpais.com/cultura/2015/04/24/actualidad/1429890190\\_812984.html](http://cultura.elpais.com/cultura/2015/04/24/actualidad/1429890190_812984.html). (consultado em 15 de setembro de 2015).

Pinto, Maria da Graça L. Castro (2003): “As Universidades da Terceira Idade em Portugal: das origens aos novos desafios do futuro”. *Revista da Faculdade de Letras «Línguas e Literaturas»*, Porto. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3977.pdf> (consultado em 26 de abril de 2016).

Quarteu, Reis, Conde, e Xavier F. (2002): L Mirandés : ua lhéngua minoritaira na Pertual. Ianua 2. Revista Philologica Romanica. Disponível em: [www.romaniaminor.net/ianua/Ianua02/02Ianua04.pdf](http://www.romaniaminor.net/ianua/Ianua02/02Ianua04.pdf). (consultado em 6 de janeiro de 2015).

Rebouças, Fernando (2010): “Turismo Literário”. Brasil. Disponível em: <http://www.infoescola.com/literature/turismo-literario>. (consultado em 12 de dezembro de 2014).

Rodriguez Becerra, S. (1997): “Patrimonio cultural, patromónio antropológico y museos de antropología”. In: *Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico* 21: 42-52. Disponível em: <http://www.iaph.es/revistaph/index.php/revistaph/article/view/565/565#.V4UFQNOqJIQ> (consultado em 02 de julho de 2016).

Simões, M. L. N. (2002): “Turismo cultural e sustentabilidade: exemplo da região do sul do estado da Bahia, Brasil”. Bahia: Notícias de Antropologia. Disponível em: [http://www.naya.org.ar/turismo/congreso/ponencias/maria\\_de\\_lourdes.htm](http://www.naya.org.ar/turismo/congreso/ponencias/maria_de_lourdes.htm). (consultado em 6 de junho de 2015).

Turismo de Portugal (2015): Plano de Ação 2020. Disponível em: [http://turismo2020.turismodeportugal.pt/fotos/editor2/documentos/Turismo2020\\_PLANO\\_DE\\_ACAO.pdf](http://turismo2020.turismodeportugal.pt/fotos/editor2/documentos/Turismo2020_PLANO_DE_ACAO.pdf). (consultado em 7 de junho de 2015).

Turismo do Porto e Norte de Portugal (2015): “Lojas Interativas de Turismo”. Internet. Disponível em: <http://www.portoenorte.pt/client/skins/categoria.php?cat=151&top=1>. (consultado em 23 de agosto de 2015).

Unesco (2003): “Language Vitality and Endangerment”. Paris: Unesco. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00120-EN.pdf> (consultado em 12 de julho de 2014).

Unesco (2016): “Atlas of the World’s Languages in Danger”. Disponível em: <http://www.unesco.org/languages-atlas/index.php>. (consultado em 21 de fevereiro de 2016).

Verdelho, Telmo (1994): “Falares asturo-leoneses em território português”. In: *Lletres Asturianas*, 50, 7-25. Disponível em <http://www.academiadelalingua.com/lletresasturianas/pdf/Art%C3%ADculu%201-Telmo%20Verdelho-Falares%20asturo-leoneses%20em%20territ%C3%B3rio%20portugu%C3%AAs.pdf>. (consultado em 4 de março de 2015).



## **Índice de figuras**

Fig.1 Localização geográfica da Terra de Miranda / 19

Fig. 2 Área linguística do mirandês / 19